

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA – UNIR
NÚCLEO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM GEOGRAFIA – PPGG

SANDRA TEIXEIRA DE ASSUNÇÃO

**DO PASSADO AO PRESENTE: A RESILIÊNCIA DO SERINGUEIRO
EM EXTREMA/RO**

PORTO VELHO

2012

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE RONDÔNIA – UNIR
NÚCLEO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM GEOGRAFIA – PPGG

SANDRA TEIXEIRA DE ASSUNÇÃO

**DO PASSADO AO PRESENTE: A RESILIÊNCIA DO SERINGUEIRO
EM EXTREMA/RO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Mestrado em Geografia - PPGG da Fundação Universidade
Federal de Rondônia UNIR - para obtenção do título de
Mestre em Geografia.

Área de concentração: Populações Amazônicas e Cidadania

Orientador: Prof. Dr. Josué da Costa Silva

PORTO VELHO

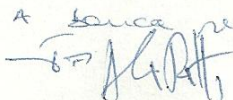
2012

PPGG

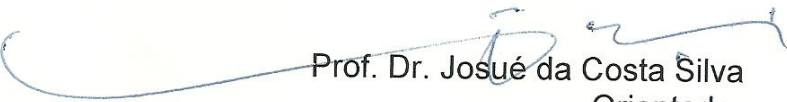
ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO


Sandra Teixeira de Assunção

A Banca de defesa de Mestrado presidida pelo orientador Prof. Dr. Josué da Costa Silva e constituída pelos examinadores Prof. Dr. Alecsandro J. P. Ratts e Prof. Dr. Dorisvalder Dias Nunes, reuniu-se no dia 22 de junho de 2012, às 9h na sala de aula Josué de Castro, Prédio do Mestrado em Geografia, sito no Campus Universitário José Ribeiro Filho, para avaliar a Dissertação de Mestrado intitulada "DO PASSADO AO PRESENTE: A RESILIÊNCIA DO SERINGUEIRO EM EXTREMA - RO" da mestrand *Sandra Teixeira de Assunção*, matrícula 201010013. Após a explanação da mestrand, e sua arguição pela Banca Examinadora, a referida dissertação foi avaliada e de acordo com as normas estabelecidas pelo Regimento do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia foi considerada APROVADA. Conforme determinação do Colegiado do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia, a candidata tem o prazo de até 90 (noventa) dias, a contar desta data, para realizar as correções sugeridas pela banca e entregar as cópias definitivas de sua dissertação.

A banca recomenda APROVAÇÃO com Distinção


Porto Velho, 22 de junho de 2012.


Prof. Dr. Josué da Costa Silva
Orientador


Prof. Dr. Alecsandro J. P. Ratts
Examinador


Prof. Dr. Dorisvalder Dias Nunes
Examinador

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos seringueiros e seringueiras de Extrema/RO que me inspiraram para conhecer um pouco mais sobre seus modos de vida. Aos meus pais, Aparecida e Geraldo, por terem muita vontade de vencer, me ensinaram a não desistir jamais; a minha filha Carolina Maria energia para enfrentar os obstáculos da vida. E ao Claudio “Amore” pela amabilidade e compreensão.

AGRADECIMENTOS

São muitos! Não fazemos nada sozinho, dependemos do auxílio das pessoas. Assim, para que esta dissertação tivesse sua direção e chegasse a sua consolidação muitos colaboraram, diante deste reconhecimento quero ser grata:

A Deus por estar presente em minha vida, me abraçando e carregando no colo nos momentos de angústias;

À Universidade Federal de Rondônia que, através do Departamento de Geografia com seu Programa de Mestrado em Geografia - PPGG me ofereceu condições para a realização deste curso, onde encontrei, na volta ao estudo, uma forma de direcionar pensamentos num momento de desesperança com o Vitiligo, que estava tomando conta do meu rosto;

A CAPES pelo auxílio com a bolsa que foi importante para a compra de livros, visita ao lugar de pesquisa de campo e todas as despesas referentes à impressão, xerox, cartuchos e gravador que utilizei para a realização deste trabalho;

Ao professor Doutor Josué da Costa Silva que, tendo sido, há mais de 10 anos, meu orientador na iniciação científica me recebeu de braços abertos, novamente na orientação da dissertação e na volta a Universidade. No início foi um pouco difícil a aproximação, mas com sua sabedoria e tranquilidade foi me conduzindo e orientando nas pesquisas e nas dificuldades com as quais me deparei neste percurso;

Aos professores Carlos Santos, Dorisvalder, Adnilson e Flávio pelas disciplinas ministradas, incentivando para as leituras e pela busca do conhecimento;

Ao professor Adnilson pelas sugestões e, sempre estar disposto em ajudar, compartilhando ideias;

A professora Madalena pela torcida à entrada no mestrado;

A professora Maria das Graças “Gracinha” pela alegria que transmite no corredor do mestrado;

Ao professor Gérson Flores por me ensinar estatística com os trabalhos do Professor Flávio;

Aos colegas da turma 2009: Diego, Luzinete, Moisés, Sheila, Paulo, Graziela, Reginaldo e Ranieli pelos momentos que passamos juntos e compartilhamos o aprendizado;

A “Neves”, mestranda em linguística, pelas ideias e amizade;

Em nome dos meus amigos de trabalho, Hélio, Lilânia e Selma que, nos momentos de aflição estiveram ao meu lado, agradeço a todos da SEDUC;

Os meus sinceros agradecimentos as minhas irmãs, Solange, Marcilene, Marileia e Suze Lane que estão presentes em minha vida, conversando, encorajando e colaborando com transcrições, digitações e, principalmente, pelo amor e carinho;

Aos cunhados Carlos e Felipe que torceram por mim;

A Sônia Basílio pelas conversas de coragem, sempre dizendo “respira fundo e solta”;

Ao amigo Eraldo Matricardi pela amizade, ideias e sugestões a este trabalho e a Arnaldo Carvalho que me deu apoio junto a Secretaria de Administração para meu afastamento;

A Vanessa Joice, Camila, Welida e Janaína pelas transcrições, digitação e formatação dos trabalhos;

Ao professor José Maciel de Godoy pela revisão ortográfica;

Ao professor Hélio Rodrigues Rocha pelas conversas, sugestões, revisão gramatical e por ilustrar o meu caminho da leitura;

A Liara e Aquiles, Clóvis e Ivone que, quando estava estressada, compartilhavam comigo momentos prazerosos na culinária;

A dona Maria pelo café e conversas da tarde;

A Anavera que, todos os dias, cuidava da minha casa e servia o meu café da tarde;

Por fim, aos seringueiros e seringueiras que me receberam em suas casas na pesquisa de campo.

[...] No mural, em baixo da lista dos que passaram, tinha uma notinha do professor Pierre Monbeing: “A Primeira aula do curso de Geografia será no dia tal, uma excursão de campo. Venham em trajes adequados”. Eu nunca tinha feito excursão de campo com um professor e fiquei entusiasmado... O professor Pierre Monbeing, meu grande inspirador... Era muito bom observador. Deixou os alunos a vontade dentro do ônibus, e todo mundo ficou olhando um pouco para o lado e conversando... Eu, não: já que era excursão, queria ver a paisagem daquelas áreas que não conhecia. Foi o começo da vida de geógrafo: ler e interpretar a paisagem, ter a noção da sequência dos cenários de um determinado espaço, passou a ser constante em toda minha vida. (Aziz Nacib Ab’saber – O que é ser geógrafo, 2007)

RESUMO

DO PASSADO AO PRESENTE: A RESILIÊNCIA DO SERINGUEIRO EM EXTREMA/RO

Este estudo propõe compreender o modo de vida dos seringueiros e sua resiliência no distrito de Extrema/RO, coração da Amazônia. Estes seringueiros são ex-soldados da borracha, seringueiros pelo desenvolvimento de habilidades, por construírem um novo modo de vida dentro da floresta, próximo ou não dos rios e isolados do contato com o “mundo”. Mas foi neste isolamento, pressões para a produção da borracha, dívidas e solidão que descobriram um mundo particular de vida. As experiências vividas no cotidiano deram base a construção do lugar de pertencimento. Era preciso ser aguerrido para lutar contra os obstáculos, a pobreza e o medo dentro da selva. No levantamento histórico sobre os seringais descobre-se nos depoimentos um verdadeiro sofrimento vivido por eles. Não bastasse o engodo “com muito trabalho e vida farta” que passaram ao serem trazidos do nordeste para cortar a seringueira (*hévea brasiliensis*), foram abandonados, após o declínio da exportação da borracha. Foram resilientes desde o momento que adentraram os rios caudalosos e as “matas” selvagens. Neste período, ainda tinham alguns alimentos fornecidos pelos “patrões” que os deixaram aprisionados pelas dívidas no barracão, mas com o abandono tiveram uma liberdade “vigiada”, não tinham como ir para outros lugares, assim, desenvolveram-se construindo roçados, pescando e caçando. A vida foi se estabelecendo, sendo um espaço vivido para a sobrevivência. O espaço utilizado tornou-se o lugar de pertencimento. Assim, utilizou-se o método fenomenológico como baluarte para a compreensão da experiência vivida, o modo de sentir, viver e agir no meio ambiente. Porém, novo ciclo econômico adentrou a região de Extrema. O governo fez o loteamento das áreas de antigos seringais e começou a assentar famílias próprio estado de Rondônia que tinham vindo de outros estados, mas ainda estavam sem terras. Desta feita, novas formas de pensar o lugar foram inseridas: o desmatamento, as queimadas, a propriedade privada e, o acesso negado entre as matas fez com que os seringueiros fossem expulsos do seu habitat natural. Buscaram viver na Bolívia e as cidades de Porto Velho, Rio Branco/Acre, Extrema, e outros lugares para sobreviver. Sair do seu “lugar” foi muito complexo, pois estavam rompendo com um modo de vida construído há mais de séculos dentro das florestas, entre as águas, os animais, aves e o roçado... Mais uma vez, então, estão sendo resilientes e procuram condições de adaptação à nova vida. Neste presente, os seringueiros antigos, não deixaram o modo de vida com raízes na mata e nos rios, vivem esta história, pois tentam ressignificar seu modo de vida na cidade. Os costumes, valores e hábitos os acompanham, mas, novos hábitos estão sendo incorporados. Uma identidade que não é fixa, mas se constrói nas relações que estão sendo estabelecidas.

Palavras chave: Seringueiros. Resiliência. Modos de vida. Amazônia.

ABSTRACT

FROM THE PAST TO THE PRESENT: THE RESILIENCE OF THE TAPPER IN EXTREMA/RO

This paper aims to understand the way of life of the tappers and their resilience in the district of Extrema/RO, in the heart of Amazon. These tappers are ex-soldiers of rubber, tappers by the development of abilities for building a new way of life in the jungle, near the rivers or not and isolated from the contact with the "world". But it was in this isolation, pressures to produce the rubber, debts and loneliness that they found a specific world of life. The daily experiences provided the basis to build the place of belonging. You had to be courageous to fight against the obstacles, poverty and fear inside the jungle. In the historical survey about tappers, it was discovered in their interviews a real pain suffered by them. Not enough the decoy "with hard work and abundant life" they lived when they were brought from the Northeast to cut the rubber tree (*hevea brasiliensis*), they were abandoned after the decline of rubber exportation. They were resilient since the moment they entered the abundant rivers and the wild "jungles". In this period, they still had some food provided by "the bosses" that have left them prisoners by debts in the shed, but with the abandon they had a "watched" freedom, they could not go to other places, so, they developed themselves planting small fields, fishing and hunting. Life was settling down, being a space lived for survival. The used space became a place of belonging. Therefore, it was used a phenomenological method as a bulwark to understand the lived experience, the way to feel, live and act in the environment. However, a new economic cycle started in the region of Extrema. The government made an allotment of the areas of old places abounding with rubber trees and began to settle families of the proper State of Rondônia who had come from other states, but still were without land. Thus, new ways of thinking the place were inserted: the deforestation, the forest fires, the private properties and the denied free access in the forest made the tappers been driven away from their natural habitat. They sought to live in Bolivia and the cities of Porto Velho, Rio Branco/Acre, Extrema, and other places to survive. Leaving their "place" was very complex because they were breaking with a way of life built over centuries inside the jungle, between the waters, animals, birds and small fields... Once more, then, they are being resilient and searching conditions to adapt to a new life. At present, the old tappers have not left the way of life with root in the forest and rivers, they live this history, because they try to find a new meaning of their way of life in the city. The customs, values, and habits follow them, but, new habits are been incorporated. An identity that are not fixed, but it is built on relationships that are being established.

KEYWORDS: Tappers. Resilience. Way of life. Amazon

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – A árvore da vida da Geografia	26
Figura 02 – Localização do Distrito de Extrema.....	27
Figura 03 – Mapa de uma colocação em um seringal	79
Figura 04 – Mapa de um seringal com várias colocações	80
Figura 05 – Mosaico 01: Paisagem de experiências vividas - área urbana	114
Figura 06 – Mosaico 02: Paisagem de experiências vividas - área rural.....	122
Figura 07 – Mosaico 03: Fluxo migratório dos seringueiros.....	125

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Mundo Vivido	77
-------------------------------	----

LISTA DE FOTOS

Foto 01 – Sr. Manuel e D. Francisca (Ex-soldados da borracha)	47
Foto 02 – Estrada de Ferro Madeira Mamoré.....	50
Foto 03– Dona Aldenira	67
Foto 04 – Dona Maria..... ..	67
Foto 05 – Lamparina utilizada no seringal	67
Foto 06 – Utensílios utilizados para confecção da faca.....	68
Foto 07 – Confecção da faca	68
Foto 08 – Rio Abunã	71
Foto 09 – Senhor Francisco Tavares torrando a farinha.....	91
Foto 10 – Pesagem da Farinha para a venda	91
Foto 11 – Dona Aldenira e o pé de algodão roxo.....	92
Foto 12 – Dona Aldenira e o pé de sabugueira.....	92
Foto 13 – Borboletas se alimentando as margens do rio Abunã	99
Foto 14 – Rio Abunã – Água e praia que encanta	103
Foto 15 – Rio Abunã – Detalhe da foto um tracajá.....	103
Foto 16 – Migrante, um novo jeito viver	104

Foto 17 – Gado - nova forma de pensar o espaço	104
Foto 18 – Rio Abunã -Área de antigo seringal.....	105
Foto 19 – A canoa construída na cidade.....	105
Foto 20 – Sr. Ripardo confeccionando a faca de cortar.....	106
Foto 21 – Sr. Chagas e o balde de colocar látex.....	106
Foto 22 – O canteiro de verduras no chão	107
Foto 23 – O canteiro de palafitas.....	107
Foto 24 – Sr.Osvaldo e sua filha Maria	108
Foto 25 – Sr.Manuel e D.Francisca	108
Foto 26 – O pássaro no igarapé	109
Foto 27 – A Casa de seringueiro na cidade	109
Foto 28 – A Casa de seringueiro no lote/rural.....	110
Foto 29 – A criação de galinhas lote/rural/ex-seringueiro	110
Foto 30 – Estrada (linha2) acesso	111
Foto 31 – BR 364 – acesso ao Acre	111
Foto 32 – O nascer do sol espaço rural.....	112
Foto 33 – O pôr do sol espaço rural	112
Foto 34 – Rio Abunã – Via de transporte e acesso.....	115
Foto 35 – Árvore de Buriti	115
Foto 36 – Árvore da Castanheira.....	118
Foto 37 – Árvore da Seringueira	118
Foto 38 – A casa de palafitas e a tecnologia no leito do rio na cidade.....	123
Foto 39 – Pasto com castanheira	126
Foto 40 – Pasto com gado	126
Foto 41 – D. Francisca e o fogão a lenha	132
Foto 42 – O fogareiro a carvão na cidade.....	132
Foto 43 – D. Francisca ao lado do canteiro de cebolinha.....	133
Foto 44 – D. Francisca cuidando das galinhas	133

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EUA - Estados Unidos da América

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

NUAR - Núcleo Urbano de Apoio Rural

OIM - Organização Internacional para Migrações

PA - Estado do Pará

RDS - Reserva de Rendimento Sustentável

RESEX- Reserva Extrativista

RO - Estado de Rondônia

SAVA - Superintendência do Abastecimento do Vale Amazônico

SEDAM - Secretaria de Estado da Educação

TRE - Tribunal Regional Eleitoral

UDV - União do Vegetal

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A – Extrativistas e seringueiros do Rio Mamu padecem diante da omissão do Governo Federal

Apêndice B – BRASIL - Seringueiros brasileiros do rio Mamu denunciam morosidade do INCRA e do Governo Federal em reassentá-los no Brasil

Apêndice C – EXCLUSIVO - Brasileiros expulsos por "paramilitares" bolivianos pedem assentamento no Brasil

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	16
INTRODUÇÃO	23
CAPÍTULO I - O “CANCHA” DA PESQUISA E A TRILHA METODOLÓGICA.....	27
1.1 - LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO.....	27
1.2 - PROBLEMÁTICA DA PESQUISA	28
1.3 – METODOLOGIA DA PESQUISA.....	32
1.3.1 – A Geografia construindo caminhos	33
1.3.2 – O método fenomenológico	38
1.3.3 – A pesquisa qualitativa e suas técnicas	43
CAPÍTULO II– NA TRILHA DAS SERINGUEIRAS – RESGATE HISTÓRICO.....	48
2.1 - A FORMAÇÃO DO SERINGAL EM EXTREMA	48
2.2 – OS TERRITÓRIOS NO SERINGAL	54
2.3 – A EXPERIENCIA NO E DO LUGAR	59
2.3.1 – Lugar.....	59
2.3.2 – Memória - Essência Histórica.....	64
CAPÍTULO III – O COTIDIANO E A BUSCA PELA RESILIÊNCIA NO SERINGAL	72
3.1 - A RESILIÊNCIA DOS SERINGUEIROS	72
3.2 - O ESPAÇO VIVIDO	76
3.2.1 - A extração do látex.....	81
3.2.2 - O defumador.....	83
3.2.3 - Sistema de cavaco	83
3.2.4 - A coleta da castanha.....	83
3.2.5 - A casa	83
3.2.6 - O trabalho no roçado	84

3.2.7 - A educação	84
3.2.8 - O lazer	86
3.2.9 - A Religiosidade	87
3.2.10 - Os rezadores	88
3.2.11 - As Parteiras	88
3.2.12 - A comida	89
3.2.13 - A fornalha.....	90
3.2.14 - A arte de tecer	91
3.2.15 - O quintal.....	91
3.2.16 - As ervas como remédio	92
3.2.17 - Os perigos da floresta e dos rios.....	93
3.2.18 - O meio de comunicação	94
3.2.19 - O meio de transporte	94
3.2.20 - As representações místicas.....	95

CAPÍTULO IV – PAISAGEM, CULTURA E CONTEXTO..... 100

4.1 - PAISAGEM	100
4.2 – IMAGENS, PAISAGENS E LUGARES	102
4.3 - LEMBRANÇAS DA PAISAGEM DO LUGAR.....	115

V – A RESSIGNIFICAÇÃO DOS MODOS DE VIDA DO SERINGUEIRO 124

5.1 – O ÊXODO DO SERINGUEIRO	124
5.2 – OS SERINGUEIROS EXPULSOS DO BRASIL	127
5.3 – O RESSIGNIFICAR DA VIDA NA CIDADE	130
5.4 - IDENTIDADE E CIDADANIA	136

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS 140

7 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 144

APÊNDICES 149

APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa faz parte da minha experiência de vida, vivenciada na década de 80 do século vinte, na localidade conhecida como Distrito de Extrema, pertencente ao município de Porto Velho, Estado de Rondônia.

Sou a filha mais velha do senhor Geraldo Teixeira de Assunção e Maria Aparecida de Assunção. Tenho 4(quatro) irmãs. Este casal, filhos de Minas Gerais, começou sua trajetória de vida muito cedo em processos migratórios. Do estado de Minas Gerais para Mato Grosso, casaram, deste para São Paulo. De São Paulo voltaram para o Mato Grosso com duas filhas. Um casal batalhador que enfrentaram muitas adversidades no caminho até conseguir seu pedacinho de terra, um grande sonho do meu pai. Todavia, entre estas mudanças, desde pequena ouvia as palavras, “grilagem de terra”, “mataram fulano”, “envenenaram meu cachorro”, isto era uma tortura constante, sempre vivi temerosa que matassem meu pai. O conflito de terras no Mato Grosso já estava grande, assim, quando eu tinha 6 anos de idade, entramos em um caminhão chamado “pau de arara”, recordo bem, com uma lona, tipo toldo aberto atrás e um banco comprido de madeira, uns colchões no assoalho da carroceria e outras famílias junto, assim, chegamos em Colorado D’ Oeste/RO. Em minha mente não está muito claro, mas tem uma passagem marcante, onde fomos num comício e foram “jogados” muitos pães para a população. A pobreza era tamanha.

Ali, meu pai conseguiu um lote de terras doado pelo INCRA, mas não tinha estrada ou outra estrutura básica para que permanecêssemos nele. Ficamos no NUAR, a vila estava começando, logo muitas doenças também. Meus pais com menos de 30 anos passaram o primeiro sofrimento, minha irmã Solange sofrendo com a febre do sarampo que já tinha levado muitas crianças ao falecimento. Por ser muito apegada a minha irmã, vivia este sofrimento com eles. Minha irmã ficou curada. Eles colocaram um comércio por poucos meses, pois minha mãe não sabia lidar e meu pai trabalhava como corretor, vendendo gado e imóveis. Lembro muito bem como aproveitei as bolachas recheadas de morango do comércio. O cheiro do recheio até hoje me remete há esse tempo.

As chamadas “linhas”, ou seja, as estradas de acesso aos lotes foram traçadas e um dia, fomos colocados dentro de uma Pick-up que meu pai arrumou e, com poucos utensílios, como roupas dentro de um saco e em uma caixa¹ de madeira preta, chegamos ao lote 8, linha 5 ao lado do colorado. Eu já estava com 7 anos e não entendia muito este processo de ir e vir, mas

¹ Essa caixa acompanhou-nos até a última migração.

lembro-me que já tinha um rancho de palhas de paxiúba construído com uma divisória (cozinha e quarto sem portas). Ali, toda uma experiência se iniciou. Não muito nítido, mas recordo-me que primeiro, fomos andar dentro da mata em volta da casa, papai, mãe, eu, minha irmã e alguns homens que tinham ido conosco. Foi uma situação tão marcante na tão sonhada terra para plantar e colher, pois meu pai comentava “olha esta chaminé de formigas, a terra é rocha, é terra boa”, “olha como tá úmido, aqui chove bastante”. Em casa a regra ficou clara “nunca deixar a fogueira do meio da cozinha apagar durante a noite, senão a onça entrava e comia a gente”. Essa tensão era terrível! Meu pai saía para fazer os negócios de corretor e minha mãe passava a noite cuidando do fogo, com medo da onça carregar minha irmã ou eu.

No início, até começar a plantar uma mandioca, milho, banana e criar aves e animais, lembro que minha mãe sentia vontade de comer carne. E, um dia um senhor que foi passar uns dias lá em casa disse que ia caçar. Quando ele chegou trouxe um jabuti. Era o que havia encontrado. Minha mãe disse que nunca tinha comido essa carne e não sabia matá-lo, pois ele escondia o pescoço. Então, este senhor virou o Jabuti de barriga para cima, pegou o machado e retirou a tampa do casco, depois foi cortando as partes da carne. Era fêmea estava cheia de ovos. Comemos tanto ovo e, a carne foi à melhor carne que tínhamos comido até então.

Um dia chovia muito, papai tinha colocado uma lona preta no telhado de paxiúba. À noite, chuva vai, chuva vem, estávamos no maior sono, nas nossas camas feitas de forquilha de paxiúba quando de repente “PLOC”, a lona rompeu em cima de nós, minha irmã e eu dormíamos juntas e estávamos molhadas, minha mãe só deu um grito ainda sonâmbula “sai onça”, mas tudo não passou de um susto, logo fomos aquecidas e, ela colocou mais lenha na fogueira da cozinha. Em meio a esta batalha nasceu minha segunda irmã, Marcilene.

Começamos a criar aves: pato e galinha. Os patos como não tinham saída no mercado, eram para nosso consumo e, as galinhas para a venda. Papai levava as latas de 20 litros nas costas, cheia de ovos para vender e comprar o leite para Marcilene. Para preparar os ovos na lata tínhamos que rasgar muitas palhas de milho e minha mãe ia cruzando palhas com ovos para não quebrar. Não tinha leite para todos, pois era muito caro. Ah, como era bom quando a mãe colocava uma panelinha² desse leite em pó na nossa mão. No café da manhã tinha banana, ovos cozido e algumas vezes bolinhos de trigo.

Depois começamos a criar porco. Sofria para debulhar milho e manter os coxos dos porcos sempre com água. Tinha o porco para a engorda e, os demais, para aumentar a criação

² Era tipo uma colher de medida que vinha dentro da lata de leite em pó.

e vender. O dia de matar o porco era uma festa. Separava-se a carne maciça³ da carne com osso, o importante eram quantas latas de banha ia dar e pra quantos meses. Logo, preparava outro porco para a engorda. Era o dia todo cortando, fritando e guardando. Fazíamos linguiça, uma fatura só e, com a barrigada minha mãe fazia sabão.

Lembro que uma árvore imensa foi derrubada ao lado de casa, minha irmã e eu brincávamos andando de um lado a outro em cima do tronco, em seguida pulávamos no chão.

Depois do medo da onça, os temores com a floresta, o início das derrubadas e as famílias chegando, não tinha escola, então, papai se reuniu com os outros pais e articulou a construção de uma escola com palha e troncos de árvores que serviam como banco. E quem seria a professora? Dolores, recordo com saudades, maravilhosa! Depois, o Anísio e o Ivan, este último sei que vive em Colorado. Percorriamos até 8 quilômetros por dia, entre ida e vinda da escola. Merenda? Como valia aqueles pés de mamão à beira do caminho. Um dia cheguei a torcer meu pé quando fui pegar um mamão para me alimentar. Estudamos até a quarta série. Meu pai sempre dizia “eu não estudei, mas minhas filhas vão estudar”, porém na zona rural não tinha o segundo ciclo do Ensino Fundamental. Meus pais levaram minha irmã e eu para morar na casa da Dona Sebastianinha, uma grande mulher, já tinha 8 filhas e nos recebeu. Foi um sofrimento para minha irmã e eu, pois a base - “minha família”, estava longe, sentíamos saudades de casa. Parecia que o chão estava aberto e eu, dentro de um buraco. Minha mãe disse que não dava pra ficar desse jeito. Então, papai resolveu vender as terras e mudar pra cidade, entretanto como viver lá? Pela falta de escolas, nós tornamos expropriados da terra.

Papai resolveu voltar para Mato Grosso. Com o dinheiro da terra comprou um caminhão e iniciou uma nova atividade “feirante” na cidade de Cáceres e Lambari. Durante a semana ele ia comprar as aves e animais pra feira, enquanto eu e minha irmã estudávamos, No sábado íamos pra feira com ele. Todavia, na cidade, o comprar de tudo e pagar aluguel não estava sendo fácil. Assim, papai decidiu mudar para as terras do meu avô materno em Juscimeira/MT e foi trabalhar com caminhão de gaiola carregando boi. Nisso já tinha a terceira irmã Marileia. Dessa vez, a cidade ficava a 3 quilômetros e continuamos os estudos, percorrendo 6 quilômetros ao dia entre casa-escola-casa e, algumas vezes ajudávamos na roça de algodão, feijão e arroz, permanecemos 2 anos nessa cidade.

Papai, com seu espírito migrante falou para minha mãe que íamos para Roraima e, procurou ir primeiro, mas, chegando a Porto Velho, percebeu o quão era difícil descer de

³ Carne sem osso.

barco até Manaus para depois chegar a Roraima. Decidiu voltar, mas neste meio, ainda na rodoviária de Porto Velho, ficou sabendo das terras em Extrema e que muitas famílias estavam indo para lá. Não tinha mais dinheiro, retornando ao Mato Grosso, vendeu uma colheita de milho e foi conhecer Extrema. Retornou pra casa e disse a minha mãe “Parecida, se a gente quer ter nossa terra, lá é o lugar”. Minha mãe disse: “se é o melhor, então vamos”.

Novamente na estrada... Vendeu o caminhão, a roça de arroz e milho, pegou uma mala e a caixa preta com uma lata de farinha, uma de banha e outra com carne e banha, um saco com as panelas e partimos em um ônibus. Chegamos a Porto Velho. Ir para a Extrema era muito difícil, lembro-me que foi no final de setembro e chovia muito, a BR 364 não era asfaltada e tinha filas de caminhões atolados. Demoramos 3 dias. Eu tinha 14 anos. Quando atravessamos a balsa do rio Madeira, sentido ao Estado do Acre, uma tristeza tomou conta do meu ser, pois o ônibus percorria a estrada embaixo da floresta fechada, assim eu chorei em minha poltrona pensando que nunca mais voltaria daquele trajeto obscuro. Chegamos a Extrema e, por três dias dividimos uma casa com outras famílias que estavam recebendo os lotes doados pelo INCRA.

Logo, papai arrumou uma casa. Posteriormente, saiu procurando lote pra comprar, mas, o dinheiro que ele tinha era pra gente comer até as coisas se encaminharem. Então, ele conseguiu um lote de terras a 6 km do núcleo urbano, no ramal Abunã, divisa com a Bolívia, onde viviam muitos seringueiros. Ficamos uns meses em Extrema. A BR 364 estava sendo asfaltada e uma firma dava emprego a muita gente. Meu pai sempre ia lá, no dia que matavam vaca para os funcionários e, trazia em um saco branco o espinhaço. Minha mãe temperava, fritava e depois fazia um caldo, quando estava fervendo despejava a farinha no prato e fazia o pirão e, dizia que tinha muita substância. Era muito bom! Papai sempre se preocupou com nossa alimentação. Fome, jamais!

Neste tempo tinha perdido o ano letivo, pois na vila só tinha até a 4ª série. Após minha irmã Marcilene concluir a 1ª série, mudamos para o lote, a pé com um cacaio⁴ nas costas. Embaixo da mata, trilhamos a estrada de seringa por onde passava o comboio de burros que, carregava algumas pélas da borracha da beira do Rio Abunã ao barracão na beira da BR 364. Como aquele látex tinha um cheiro forte... Ficava imaginando como os seringueiros suportavam-no.

⁴ Era um saco preso com as pernas de calça comprida que passa por baixo dos braços e fica pendurado nas costas onde a agente carregava os utensílios, roupas ou alimentos.

Novamente, um recomeço. A vida em outro espaço, outros povos: migrantes de todas as regiões do país e seringueiros. Papai tinha providenciado uma casa de lascas de paxiúba e coberta com uma lona, depois colocou “tabinha” retirada da madeira. O fogão era um cupim grande, onde foi feito a boca em cima e um buraco do lado para colocar a lenha. Como não tinha espaço para colocar cama para todos, eu e minha irmã Solange fomos dormir em rede. Que dificuldade! Passava horas tentando me agasalhar, mexia as pernas, a cabeça doía, era um sofrimento, fora o medo, pois dormia na cozinha e não tinha porta. Quando algum pássaro cantava a noite, pensava que era uma onça, até que meu pai conseguiu fazer um beliche na cama que dormia as outras duas irmãs (Marcilene e Marileia).

Como morávamos na beira da estrada, sempre parava um seringueiro para pedir água. Ficávamos curiosos para entender como viviam. Um dia encontramos um fruto de cupuaçu e meu pai disse “não coloca isso na boca pode ser veneno”, mas cheirava tanto e ficou em casa até passar um seringueiro para perguntarmos sobre a fruta que já tinha estragado. Tinha muitos pés de tucumã⁵ e eles comiam com farinha, achávamos estranho, mas resolvemos experimentar, gostamos e entrou no nosso paladar. Como não tínhamos xampu e condicionador para lavar os cabelos, começamos a ferver os pedacinhos do tucumã e o óleo que saía na água para passar no cabelo.

No sítio não tinha escola. Minha irmã e eu ficamos sem estudar. Era uma nova etapa sem perspectiva. Meus pais percorreram todas as linhas por onde ouvia falar que tinha morador e fizeram uma lista de nomes de crianças e adolescentes, chegando a quase 80 com até 17 anos, em sua maioria filhos de seringueiros que queriam estudar. Juntaram seringueiros e migrantes e construíram mais uma vez a escola de folhas de paxiúba e bancos dos troncos de árvores. Quem seria a professora dessa vez? Minha mãe. Não tinha outra pessoa e, assim, as aulas começaram. Os alunos percorriam longos caminhos, depois chegou à merenda. Algumas vezes ficava cuidando da casa e minha irmã Solange ia para a derrubada com papai. Outras vezes, ajudava na escola com os alunos ou fazendo a merenda.

Os recursos financeiros foram acabando... Minha mãe trabalhou 10 meses sem receber, enquanto isso, meu pai entrou na política para conseguir alguns recursos para as compras de casa. O mais difícil era a malária. Não sabemos quantas, mas foram várias. Foi a época mais difícil, tínhamos medo de morrer, meus pais tinham medo de perder as filhas, pois a cada dia se escutava falando sobre a morte de alguém. Já não conseguíamos engolir aqueles

⁵ Fruto amarelo com tons avermelhados encontrados, especialmente, nos estados do Acre, Amazonas, Pará e Rondônia.

comprimidos amargos. Minha mãe enrolava um por um na massa de trigo. O remédio para o fígado tinha que ser constante.

Voltando aos seringueiros... Estava com 15 anos e começou uma inquietação para conhecer este grupo de pessoas que para nós era diferente. Ou seja, os rumores de quem vinha de fora eram diversos: eles não casam, fogem; não tem coragem de trabalhar; vivem numa rede, pescam e comem com farinha puba (farinha que não agradava por ser grossa e ter um cheiro forte); seus braços e pernas parecem couro de jacaré; falam muito palavrão “porra”... Não saía da minha mente a pergunta: Por que são diferentes, se são pessoas como nós? Hoje, gosto da farinha puba com feijão, do tucumã, entre outros. As identidades são flexíveis.

Assim, com os filhos estudando com minha mãe, fomos ficando mais próximos deles. Um dia o papai viajou, então, pedimos a mãe para irmos à casa da dona Chiquinha, na beira do rio Abunã... Foi um dia de descobertas. Fomos cedo, logo observei a limpeza do quintal e a criação de galinhas, os temperos como cheiro verde no canteiro de palafitas acima do chão, o fogão a lenha e o fogareiro branquíssimo, as panelas eram tão bem organizadas e brilhosas que chamavam a atenção. Eram areadas com areia. As frutas como o biribá, o abacate, a manga, alguns pés de laranja, o jambo, eram algumas das árvores frutíferas do quintal. Aquela casinha de paxiúba de palafitas era um lugar aconchegante porque as pessoas eram alegres, e de uma simpatia apaixonante. Fomos pescar, atravessamos o rio Abunã e chegamos do lado boliviano em um igapó... Nossa, meus olhos brilhavam como se fossem diamantes. Que experiência incrível. Estar perto deles, na vivência, era tudo que eu queria. Pescamos alguns piaus, piranha e pacu. Fomos felizes para casa com os peixes. Quase levamos uma surra. Minha mãe disse, “você quer morrer afogada, não sabem nadar e pegam uma canoinha daquelas”. Daí que fomos dar conta do perigo, não sabíamos nadar e os seringueiros nadavam como peixes e estavam acostumados com aquela realidade. Depois desta experiência ficava encantada quando ouvia suas histórias dentro da mata, nas pescarias, quando saiam para extrair o látex, entre outras.

Precisávamos estudar, então, minha irmã e eu fomos para o internato no colégio das freiras “Instituto Maria Auxiliadora”, mas uma vez o chão sai dos meus pés. Longe do aconchego da família, das minhas outras irmãs, só tinha uma certeza, vou vencer. Foram 5 anos difíceis, da 7ª série ao Ensino Médio. Não tinha televisão, música e muitas regras, trabalho e estudo. Até hoje me lembro das palmas da irmã assistente às 5h: 30min da manhã para acordar-nos “Demos graças ao Senhor, Em nome do Pai...”. Pegava o rodo, a vassoura, o balde e o pano de chão para fazer a primeira limpeza do dia, chamado ofício, nos pátios e escadas do colégio.

Terminei o Ensino Médio, e como não passei no vestibular, voltei para Extrema e permaneci um ano com meus pais cuidando de um açougue. Eles tinham mudado para cidade devido à malária no lote. Já tinha nascido a minha 4ª irmã - Suze. Minha mãe fez o “LOGOS” tirou o 1º e 2º grau, pois só tinha a 4ª série, mas tinha conhecimento dos conteúdos até da 8ª série. Fez Pedagogia, Especialização. Hoje está aposentada.

Retornei à Porto Velho e fui trabalhar em uma escola primária. E depois de toda esta trajetória passei a gostar da paisagem, dos rios, das matas e da professora de Geografia no tempo do internato. De tal modo, decidi fazer Geografia. Logo, no primeiro ano fiz uma excursão, trabalho de campo para São Carlos, distrito de Porto Velho, no baixo Madeira, com meus professores do curso, Josué, Gracinha e Dorisvalder e a turma. Foi uma experiência ímpar conhecer uma comunidade ribeirinha, deslocar de barco, dormir em rede no próprio barco e pela manhã íamos aplicar questionário nas casas das famílias sobre o modo de vida de cada família nesta comunidade.

Ali iniciou o meu “olhar” para a pesquisa. Fui bolsista de Iniciação Científica, tendo como orientador o professor Josué da Costa. Qual seria o meu “sujeito” da pesquisa? Os seringueiros. Fui a campo, entrevistei, tomei café, água, e escutei as suas vozes caladas no tempo e no espaço. As respostas das inquietações dos 15 anos começaram a clarear. Os modos de vida são estabelecidos pela vivência e as experiências do cotidiano. Os costumes, hábitos, valores e atitudes são transmitidos de geração para geração. A vida não tinha sido fácil para eles e nem para nós. Tiveram que desenvolver atitudes no meio ambiente que lhes salvassem a vida. Era pela sobrevivência. Portanto, os modos de vida dependem da cultura de cada grupo e todos merecem ser respeitados e tratados com dignidade.

Conclui o curso com licenciatura e bacharelado. Já estava no Estado como professora de Ensino Fundamental e Médio... Os anos se passaram e em 2009, após 10 anos fora da pesquisa e da Universidade, por uma questão de RESILIÊNCIA quanto á descoberta de um vitiligo, decidi voltar. E encontrei no seringueiro, o ser resiliente que precisava me encorajar. Novas pesquisas, novos desafios, entrevistas e uma busca mais detalhada dentro da Geografia humanista me fez refletir sobre a valorização da experiência de vida do sujeito da história. O espaço vivido é o fio condutor do lugar de pertencimento e de arranjos na paisagem. A resiliência faz de nós vencedores. E como uma resiliente conecto, neste contexto, a minha história de vida.

DO PASSADO AO PRESENTE: A RESILIÊNCIA DO SERINGUEIRO EM EXTREMA/RO

INTRODUÇÃO

A Geografia tem um papel de fundamental importância na formação dos cidadãos, procurando explicar a relação da sociedade com o espaço geográfico. Buscar entender as ações que o ser humano desenvolve é compreender o dinamismo dos acontecimentos e transformações que vivem as pessoas, o lugar, a paisagem e o território, enquanto espaço vivido.

Neste contexto, esta pesquisa traz a arte de ser, viver e sentir do seringueiro. Estudando os modos de vida vivenciados por eles, penetra-se na memória dos antepassados que estão vivos no presente ressignificando a sua vida fora do seu lugar de pertencimento. O modo de vida edificado por valores, hábitos, costumes e crenças na floresta dá substância ao viver na cidade. Este conjunto de valores constituiu identidade ao seringueiro que, hoje, absorve novas culturas e repassa a sua em um *feedback* contínuo. O seringueiro na cidade não abandonou sua cultura consolidada em anos na floresta, ele a ressignifica por ser resiliente, ou seja, através da resiliência.

A resiliência do seringueiro foi preponderante na interligação destes nordestinos e/ou filhos de nordestinos com o meio ambiente entre a floresta, os rios e os perigos que vivenciaram com a falta de alimentos e doenças. As experiências vividas deram corporação ao lugar e a vida dos mesmos que lutaram por sobrevivência. Atualmente, continuam a viver adversidades na periferia do espaço urbano de Extrema ou na Bolívia, onde buscam sobrevivência e perpetrar o seringueiro que está em sua essência. Procuram a ligação com a terra, pois no Brasil, perderam seu “espaço” para a propriedade privada que os limita ao acesso de pescar, caçar e coletar castanhas.

Transcorrendo os modos de vida do ser seringueiro por sua prática e memória, esta pesquisa trouxe abordagens contextualizadas com alguns conceitos da Geografia, tais como: o lugar, território e a paisagem, acrescentando a resiliência humana do seringueiro que, lutou bravamente, para vencer as dificuldades vivenciadas.

Neste sentido, o Capítulo I apresenta a localização da área de estudo e a metodologia utilizada, balizando-se pelo método fenomenológico que corresponde à realidade vivida de

um grupo, tendo nas entrevistas e histórias de vida sua base fundamental. A fenomenologia vincula-se com a resiliência por procurar entender o outro dentro de sua visão de mundo pela experiência vivida, onde o ser humano desenvolve-se pelas intencionalidades, dando sentido ao seu mundo e superando, positivamente, os obstáculos da vida.

O capítulo II pondera o resgate histórico da batalha da borracha dentro da trama política e econômica de interesse internacional para retirar o látex da floresta amazônica. Em alusão a palavra de denúncia de Euclides da Cunha, descreve-se a situação desumana que o nordestino vivenciou com um trabalho aprisionado em dívidas com o patrão. Um modelo econômico de exploração da força de trabalho que gerou riquezas a outros e não aos seringueiros. As políticas governamentais após a década de 70 mudaram a configuração territorial e, os seringueiros sofreram a expropriação do seu território que era definido pelo princípio cultural de identificação, vivência e sobrevivência. Com o elo afetivo com o lugar vive-se a topofilia e também a topofobia. O habitar e viver, cotidianamente, em um espaço geográfico estabelece uma conectividade entre o homem, a terra e a natureza, são elos materiais e transcendentais. A memória revisitada pelo ouvir o outro nas entrevistas realizadas deram voz e vez ao cidadão, ao seu silêncio adormecido, assim, revive-se o lugar que dá passos ao presente. Sua cultura estabelece uma dialética com o lugar e, o grande sentido do homem é a busca pela essência dentro da experiência.

No terceiro capítulo ressalta-se o mundo vivido, a resiliência para sobreviver, suas experiências dando significado a vida cotidiana. As experiências vividas acoplam intencionalidades mediante as necessidades da vida, assim os arranjos vividos possuem um sentido dentro de essências que concebem significância ao indivíduo ou grupo. O sentido de percepção, localização, imaginação, intenção, significado e fenômeno, compõem sua fenomenologia de vida. Assim, o seringueiro busca conhecimentos e estratégias de sobrevivência, tanto na alimentação como contra os perigos e doenças.

Na descrição da paisagem vivida e revisitada, o quarto capítulo, apresenta as formas de pensar o espaço por culturas diferentes. O modelo de desenvolvimento econômico vivido pelo Brasil em cada período da história tem na Amazônia sua fonte de matéria prima. Assim, culturas se encontram e as economicamente mais estabilizadas ditam as regras de perpetuação do espaço geográfico. Analisando a paisagem que os olhos alcançam observam-se poucas árvores e muito pasto com gado. São as necessidades das diferentes culturas modelando seu espaço. O homem coloca essências nas paisagens pelo seu viver, estas se transformam. Enquanto a sobrevivência é retirada da floresta, mantém-se uma relação harmoniosa com a natureza, porém, quando há necessidade de sobrevivência fora da floresta, esta passa a ser

explorada pelo seringueiro ou diferentes grupos para retirar madeiras, entre outras matérias. No caso dos seringueiros de Extrema, estão desamparados dentro dos seus direitos e de políticas governamentais que os protejam. A paisagem nos remete ao mundo onde as histórias e a vida se alicerçam.

No quinto e último capítulo a pesquisa apontou o ressignificar da vida do seringueiro na cidade, bem como o seu fluxo migratório entre a área urbana e as “matas” da Bolívia, onde busca a conectividade com a terra, os rios e a vida, ou seja, a busca por sobreviver e não passar fome na cidade. Os mais velhos de idade que permanecem na área urbana, por sua resiliência num novo modo de viver, tentam reproduzir a vida vivida por anos no seringal. Carregam seus hábitos de plantar flores e os canteiros de palafitas, criam galinhas, carregam o fogão e o fogareiro de barro e lata; as casas são, em sua maioria, de taboas e assoalho tipo palafitas, o gosto pela carne de caça e o peixe, ainda é ressaltado. Sua identidade não é fixa, pois recebem novos costumes. Somam-se aos seus, as necessidades da vida contemporânea como a televisão, telefone, máquina de lavar roupa, entre outras utilidades. O jeito de falar e de conduzir a vida com tranquilidade, sem pensar em amontoar riquezas permanece e exprime o ser seringueiro. Do passado com o presente mesclam se novos ritmos. Os seringueiros excluídos da vida em Extrema procuram outra pátria e, o conflito entre brasileiros e bolivianos representam uma ameaça à vida destes.

Dá-se ênfase, a cidadania que é um importante componente de identidade de um grupo. É um sentimento de pertencimento de uma sociedade com determinados valores comuns e específicos. Nesta conjuntura, a cidadania referida aos seringueiros é o direito a vida, expressões, costumes e as tradições.

Por fim, adentrar o modo de vida do seringueiro é reviver uma forma de vida com valores e crenças, tradições, hábitos e costumes marcados por aprendizagens, intencionalidades e essências.

CAPÍTULO I - O “CANCHA”⁶ DA PESQUISA E A TRILHA METODOLÓGICA

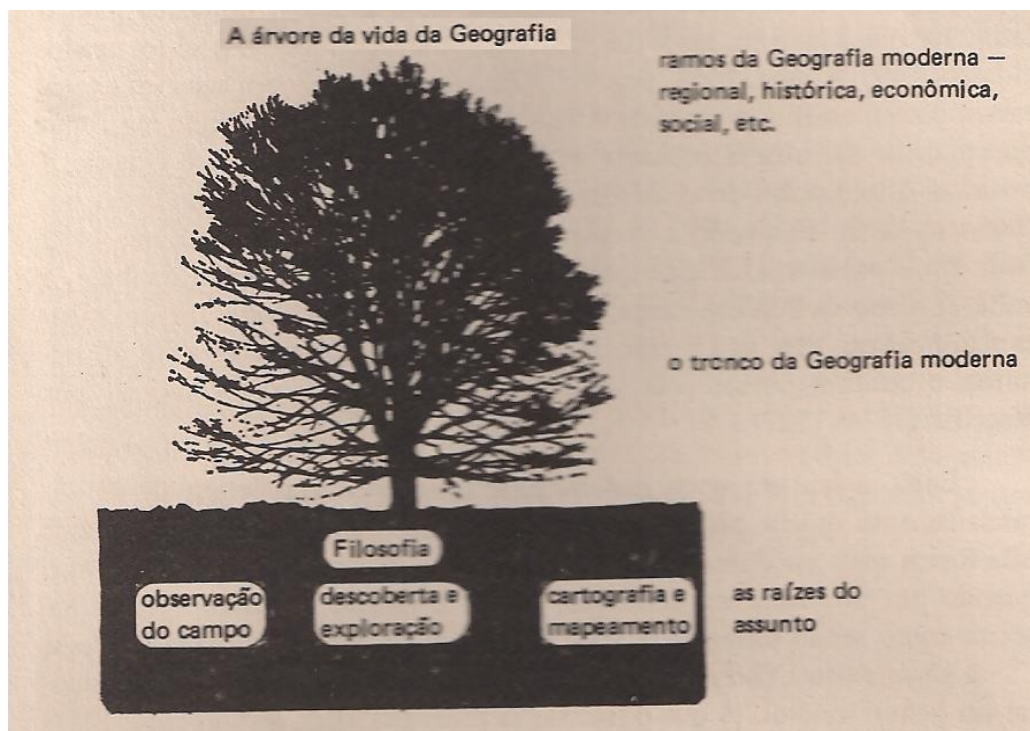


Figura 01: A árvore da vida da Geografia

Fonte: CHISHOLM, Michael. **Geografia Humana**-Evolução ou Revolução? Editora Interciência, RJ, 1979.

O LUGAR..

“No lugar, se fundamenta a identidade dos indivíduos e/ou grupo devido à estabilidade, os sentimentos, os significados construídos. Assim, a fenomenologia deixa os fenômenos “falar” sem pressupostos que o antecedem. Parte da compreensão da vivência do sujeito da história vivida, sem definições pré-estabelecidas, exaltando a compreensão da vida experimentada”. (Sandra Teixeira)

⁶ Espaço, Lugar. Minidicionário Aurélio da língua Portuguesa. Nova edição. Editora Nova Fronteira, 3ª edição, RJ, Rio de Janeiro, 1993.

I - O “CANCHA” DA PESQUISA E A TRILHA METODOLÓGICA

1.1-LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

Extrema é um distrito que está localizado na chamada Ponta do Abunã, sentido Rondônia/Acre, uma área que compreende 500.510,3616 ha, aproximadamente, onde também estão localizados os distritos de Nova Califórnia, Vista Alegre do Abunã e Fortaleza do Abunã, todos pertencentes ao município de Porto Velho/RO. A Contagem da População realizada pelo Instituto de Geografia e Estatística - IBGE (2007) apontou uma população de 12.028 habitantes em toda a Ponta do Abunã. O Distrito de Extrema, especificamente, com 5.089 habitantes.

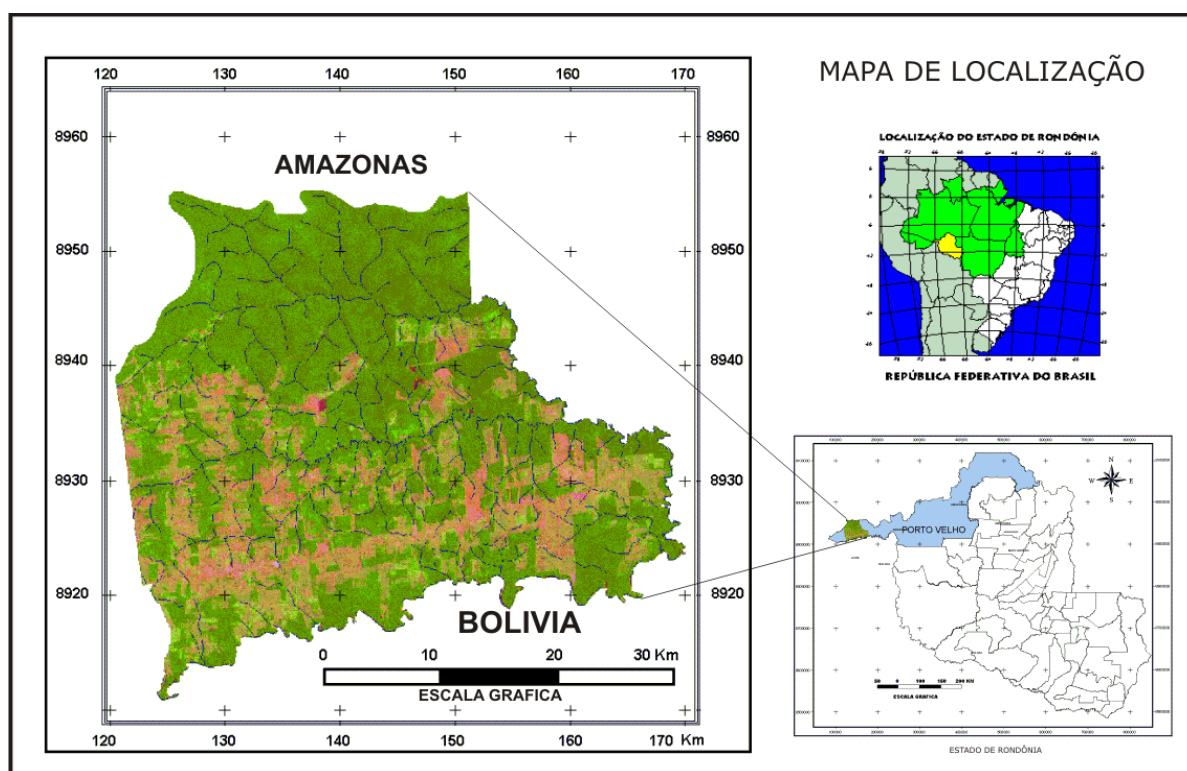


Figura 02: Localização do Distrito de Extrema na Ponta do Abunã/ Estado de Rondônia
Fonte: SEDAM, adaptado por Luiz Claudio Fernandes, 2011

Conforme dados das eleições do TRE (2010), este distrito tem 3.377 eleitores. Sendo estes, habitantes e eleitores, um número bem maior que alguns municípios já instalados no Estado de Rondônia. Nessa localidade vivem antigos seringueiros, indígenas e um expressivo número populacional de migrantes que, em busca de terras e melhores condições de vida, começaram a dividir o mesmo espaço. Desta feita, as relações estabelecidas entre estes grupos

com modos de vida diferentes, exclui e desencaixa a vivência, os saberes, os valores, as crenças e atitudes. Todavia, novos valores são apreendidos.

1.2 - PROBLEMÁTICA DA PESQUISA

Os ciclos econômicos da borracha na Amazônia, sem dúvida, geraram uma nova e distinta configuração social, econômica e paisagística, proporcionando condições materiais e de vida nunca antes experienciadas. Propiciaram a expansão do monopólio capitalista e, com isso, uma forma de trabalho agressiva à condição humana. Todavia, a intuição e as intencionalidades com que o homem seringueiro conduziu sua interrelação com o meio ambiente lançaram-no ao conhecimento e à sabedoria desvendando sua subjetividade numa busca constante de essências para enfrentar as adversidades e prosseguir a vida.

Esta pesquisa enfoca o seringueiro no II Ciclo da Borracha (1942-1945), conhecido como “A batalha da Borracha⁷”, onde grande campanha do governo brasileiro convocou os nordestinos, pela segunda vez, a adentrar a Amazônia. Estes, por sua vez, viviam em terras áridas com extrema pobreza, o que os levou a sentirem-se motivados por alcance de uma vida melhor, assim foram banidos de sua terra natal, adentrando um território, outrora, desconhecido. Grande área verde com uma floresta exuberante, rios caudalosos, animais perigosos e indígenas. Esses homens, os soldados da borracha, submeteram-se a um trabalho penoso. Começando logo com um aprendizado, eram os brabos e precisavam se amansar para exercer com afinco as atividades da extração do látex, uma realidade inexorável.

Este novo homem, o seringueiro, nome oriundo do trabalho no corte da Seringueira (*hévea brasiliense*), árvore abundante, em quase toda a Amazônia passa a viver na selva. Em meio à floresta, entre o corte da seringueira, a extração do látex, a falta de alimentos para uma vida saudável, a solidão, as doenças, a falta de médicos, o caçar, o pescar e o cantar dos pássaros surgiu o *seringueiro* que foi construindo sua identidade pela vida resiliente em meio à diversidade enfrentada. Em busca de sobrevivência e adaptações à nova realidade edificou novo corpo e, um novo ser dentro das “matas”, como sempre se referem à floresta. Foi desabrochando um modo de vida com a experiência, intuição, experimento, significado, aprendizagem e conhecimento. Define-se com estas palavras toda a construção e reconstrução

⁷ Pedro Martinello em “A batalha da borracha” na Segunda Guerra Mundial

da vida na floresta, ou seja, esse homem teve que superar as adversidades do meio ambiente para ali fixar residência e seguir em busca de uma vida melhor.

Falar em resiliência dentro das ciências humanas é utilizá-la considerando a capacidade que o indivíduo ou sujeito da história tem para construir-se positivamente, enfrentado os problemas num ambiente desfavorável. É dentro deste contexto que esta pesquisa vai contemplar o seringueiro, um resiliente que lê o ambiente vivido e transcende os empecilhos para viver.

Desta forma, o território do seringueiro foi aparecendo, constituindo um espaço organizado e, lugar de afeto, alegrias, tristezas e muitos sofrimentos, sem muitas interferências na natureza. A vida estava com dores, cores, odores e flores, pássaros e movimentos fluídos e espiritualizados. Usufruir e defender a natureza eram um meio de sobrevivência.

Nos Ciclos da Borracha não existia uma apropriação do espaço retangular, mas uma apropriação do produto da seringueira, ou seja, uma apropriação da matéria-prima (goma elástica) pelo capital internacional, como afirma Martinello (2004, p.30)

“O expediente usado pelo capitalismo era o de investir capitais na indústria extrativa e bloquear qualquer indústria interna... É neste quadro de profundas transformações estruturais, seja no que tange aos meios de produção, seja no quadro da evolução e consolidação do capital monopolista, que se situa a formação e a expansão da economia extrativista da borracha na Amazônia”

Assim, o capitalismo monopolista internacional articulou a formação da economia voltada para a produção gumífera, financiando a migração nordestina para dar sustentação a essa produção. Ocorreu, portanto, uma centralização do capital e da produção e a borracha assumiu o papel de matéria-prima de crescente procura no mercado mundial, resultando nas relações de produção com sistema de aviamento⁸ e o trabalho compulsório do seringueiro.

Essa relação já antecedia um contínuo endividamento do seringueiro que, segundo Martinello (2004, p.52) era:

(...) Praticamente impossível libertar-se do patrão, tornando-se num prisioneiro do trabalho. Sua condição social, portanto era ambígua e paradoxal: socialmente livre, porém sua condição real era a de um escravo. Escravizado pela dívida, pelo isolamento, e solidão, pela rotina do trabalho e

⁸ É um mecanismo em que mercadorias são fornecidas a crédito para pagamento com produtos in natura, como afirma Roberto Santos “crédito sem dinheiro” (Rui Moreira, p.32)

de vida na floresta... A estrutura concentracionária do seringal o levava a se tornar um escravo econômico e moral do patrão.

O seringueiro estava submetido a mais desumana forma de trabalho “dito livre”. Uma forma de exploração que a filosofia desenvolvida por Euclides da Cunha⁹ em “A margem da História”, assegura “É o homem que trabalha para escravizar-se”. Para ele acontecia uma anormalidade na realização dos trabalhos no seringal.

Dentro desta forma de trabalho iníquo, a Amazônia conheceu o desenvolvimento vertiginoso demandado pela indústria e capital internacionais. Aos seringueiros restava o trabalho e a capacidade de superar tais obstáculos criando condições internas e com o meio ambiente para superar as disparidades sofridas com a aceleração da expansão e acumulação do capital centrada na lógica das potências imperialistas.

Porém, tanto no I como no II ciclo da borracha, após o declínio da produção na Amazônia, com a grande produção do látex em colônias asiáticas, o seringueiro sofreu outro tipo de abandono, o de alimento dentro da floresta. Assim, as condições de sobrevivência foram se tornando cada vez mais complexas e precárias. Foi necessário ser, novamente, resiliente e, criar condições de sobrevivência.

Martinello (2004, p.59) descreve: “A perda da supremacia brasileira da borracha foi motivada, entre outros fatores, pelos altos custos da extração do produto, que impossibilitaram a competição com o oriente...”.

Após o fim da II Guerra Mundial reativavam-se os seringais das colônias asiáticas, e os seringueiros foram abandonados pelos seringalistas e pelo sistema de aviação. Alguns conseguiram retornar a sua terra natal, porém grande maioria ficou dentro da floresta, ainda extraíndo látex para empresas nacionais, entretanto faltavam-lhes alimentos, onde foram desenvolvendo a roça de subsistência, criando animais, caçando, pescando e vivendo num ritmo desacelerado e não ambicioso. Nos anos de 1960 – 1970, novo modelo econômico começou a ser desenhado pelo governo militar que iniciou uma política com o intuito de proteção internacional e a integração da Amazônia ao restante do país, substanciando a hegemonização financeira de todo espaço nacional (MOREIRA, 1989; AMARAL, 1999). De tal modo, vieram as estradas, a comunicação e a colonização agropecuária, novas formas de apropriação do espaço e expansão do capital surgiram, colocando sempre o espaço como locus de condição e produção do ser humano.

⁹ Citado por Martinello p.53.

No entanto, neste processo econômico de integração nacional, a vida não estava contida em preservar as árvores que, num determinado momento da história era preciso fazer, visto que era dela que se tirava a sobrevivência. Desta feita, era necessária a apropriação das terras para um novo ciclo econômico. A apropriação retangular da propriedade privada.

Com este desígnio, Becker (1990) confirma a atuação do Estado:

O Governo Federal passa a atuar diretamente em Rondônia, dirigindo e executando ele mesmo o processo de povoamento e provocando profundas alterações na conjuntura econômica, política e social do território. Justifica sua atuação através da ideologia da segurança nacional e do acesso a terras no “eldorado amazônico”... Dois instrumentos básicos utilizados foram: A consolidação da BR 364(1968)... Apropriação das terras devolutas do território e sua distribuição controlada... (a partir de 1970).

O seringueiro que até então, tinha procurado forças para adaptar-se a uma realidade diferente diante das dificuldades no trabalho da extração do látex, do abandono sofrido pelos seringalistas e pelo governo (Martinello, 2004), se vê novamente, a buscar forças internas e no meio ambiente, dilatando sua resiliência para enfrentar os novos embates. Desta vez estava proibido de caçar e extrair alimentos da floresta, pois a propriedade privada impõe limites, assim, começaram a migrar para as cidades ou para terras bolivianas.

Neste contexto é imprescindível compreender a resiliência do seringueiro frente aos obstáculos vivenciados, como a expropriação e sua adaptação. Como constituiu seu modo de vida com mais de um século de existência, suas crenças, valores e atitudes perante si e o ambiente. De fato, Eles viveram uma “acoplação” particular com a floresta, os rios, a caça, a pesca, a extração do látex, da pupunha e da castanha, sua paisagem subjetiva e, atualmente, o ressignificar da vida na cidade. Como sair de um lugar de pertencimento a gerações vividas? E quão grandemente é a ressignificação desse modo de vida na cidade?

Neste sentido, a construção desta pesquisa, em meio às leituras e a pesquisa de campo, na realidade do pesquisado, por vezes, um questionamento fez surgir: como referenciá-los? Como abordá-los? Ex-seringueiros ou seringueiros? Dentro desse indagar, buscar-se-á respostas no significado cotidiano do tempo seringueiro e como é viver este desenraizamento buscando o ressignificar da vida na cidade. Existe abertura para novas culturas, valores, atitudes e atividades profissionais na cidade? Hoje, como se percebem? Consideram-se seringueiros?

Dessa forma, têm-se como objetivos compreender o modo de vida do seringueiro com ênfase na sua resiliência, dentro do seu mundo vivido - floresta e cidade. Apreender o

território seringueiro como um lugar de identidade e construto social para a sobrevivência; Interpretar a paisagem subjetiva do seringueiro e as transformações ocorridas na mesma e descrever o ressignificar do modo de vida do seringueiro dentro do espaço urbano.

1.3 - METODOLOGIA DA PESQUISA

Na busca por compreender o modo de vida dos seringueiros de Extrema/RO e o seu território constituído como um espaço vivido cheio de experiências, saberes e conhecimento, dá-se relevância à resiliência contida em sua vida que edificou sua identidade. Assim, esta pesquisa tem sua metodologia sustentada na abordagem fenomenológica com trabalho de campo, entrevista oral e bibliografia consagrada à temática. O trabalho de campo foi fundamental para entendimento do modo de vida do seringueiro, sua resiliência e o resignificar na cidade, onde as entrevistas foram fontes carregadas de conhecimento e, junto com a composição da bibliografia deram corporação a esta pesquisa.

Compreender a vida dos seringueiros é (re) memorar, dando vida a um passado que está presente. Um passado que proporcionou uma identidade ao grupo e, dentro das suas atividades cotidianas construíram um saber viver enfrentando as dificuldades do trabalho, do isolamento e dos perigos da floresta.

Para o avanço na fundamentação desta pesquisa é importante transcorrer, sucintamente, o percurso da Geografia, sua origem filosófica que perpassou os estudos naturalistas e, posteriormente, chegou à corrente humanista defendida por autores consagrados como Yi-Fu Tuan, Anne Buttimer, Edward Relph e Eric Dardel que coloca o homem e a terra em uma ligação intrínseca para existir. Também, segue as construções de Rogério Haesbaert quanto às faces do território, sendo que este fala das multiterritorialidades existentes em um espaço construído, bem como as pontuações de Holzer sobre a paisagem que contempla os cenários e a subjetividade humana. Portanto, adentrando a complexidade da vida humana discorre-se sobre o lugar e território, enquanto espaço vivido, percorrendo o mundo cotidiano pelo presente e passado (através da memória) com suas dificuldades vividas, ações, paixões, medos e aspirações. Deste modo, o sentimento de pertencimento ao lugar preenche todos os espaços de valores.

Neste percorrer os caminhos metodológicos trilha-se a Geografia para dar vigor à Geografia Humanista ou humanística.

1.3.1- A Geografia construindo caminhos

Os estudos geográficos remontam ao pensamento grego da antiguidade. Por isso, pode ser considerada como um dos saberes mais antigos que existem no mundo. Mesmo sendo um saber tão antigo quanto à própria história dos homens, a Geografia, enquanto ciência, é “produto” dos grandes embates políticos e científicos que dominaram as relações de poder entre os alemães e franceses nos séculos XVIII e XIX. Diante as concepções divergentes sobre as relações entre o homem e a natureza, uma questão sempre esteve presente nas correntes geográficas: O meio determina o homem, ou seja, as influências naturais determinam as características dos povos? Há a possibilidade de intervenção do homem na natureza? O homem é parte integrante desta? Enfim, a Geografia estuda o homem, o meio ou a sua geograficidade?

São as ideias e definições apresentadas pelos filósofos, historiadores, botânicos, antropólogos que vão contribuir para o avanço da ciência frente às análises de influências e interações entre o homem e o meio, rompendo com as ideias divinas para explicação da relação homem e natureza.

A Geografia segundo Capel (1981) e Christofoletti (1985), percorreu longos caminhos, enquanto história natural ou filosofia natural, tendo iniciado sua estruturação com as obras de Alexandre Von Humboldt (1769-1859) e de Carl Ritter (1778-1859). Foram imensos os debates nos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX para que a geografia bem como outras ciências pudessem tornar-se independente da filosofia e adquirissem conceitos próprios e específicos.

A expansão e o firmamento do império europeu para dominar e colonizar outros países, além Europa, foram fatores sociais e políticos que explicavam a instituição universitária da geografia e uma comunidade científica de geógrafos. Assim, a Geografia teve papel indispensável ao imperialismo, onde realizou um avanço sobre o continente africano, desenvolvendo conhecimento para o caráter exploratório. De tal modo, Capel (1981, p.173) apontou uma Geografia para ações da política, do capitalismo em favor do Estado. As expedições permitiam conhecer novos territórios e trazer informações econômicas e de povoamento. Os serviços da Geografia estavam ligados diretamente aos interesses do domínio imperial. Buscavam intercâmbio comercial, difusão da produção industrial, difusão da cultura (imposta), expansão colonial e econômica (domínio do poder).

La geografía se convirtió desde la segunda mitad del siglo XIX en una ciencia al servicio de los intereses imperialistas de los países europeos. El conocimiento de los países coloniales constituía una apremiante necesidad para los gobiernos europeos, que estimularon por ello no solo la realización de exploraciones, base importante de conocimiento geográfico[...] Correspondía a una fuerte demanda social por parte de la burguesía para el conocimiento de dichos países, con vistas a los intercambios comerciales y la difusión de la producción industrial y la cultura europea.(CAPEL,1981, p.173)

Nesta época, já se questionava este desenvolvimento, mas as ações geopolíticas diante das guerras e a configuração do poder se instalavam após a Segunda Guerra Mundial, sendo que o capitalismo, mediante novos paradigmas da sociedade, se afirmava com suas estratégias de dominação de riquezas. E nos projetos políticos dos países o pensamento geográfico estava presente, visto que havia a necessidade de conhecer para dominar.

No estudo da Geografia a preocupação passou a ser que esta ciência não se tornasse mercadoria, mas estabelecesse estudos nas relações sociais, pensando a sociedade de forma que não fosse para se defender da guerra ou domínio de territórios.

Refletindo sobre a ruptura e continuidade do pensamento geográfico, enfatizado por Capel (1981), Christofoletti (1985) e, Amorim Filho (2007) a crise interna entre os métodos da Geografia eram fatores externos que, influíram nessa evolução e na prática da pesquisa científica desta ciência que não encontrava seu caminho e não atingia uma compreensão total da realidade vivida.

Deste modo, uma crise entre as correntes epistemológicas e, principalmente, a tradicional abriu novos caminhos de encontro para uma Geografia que não separa o humano do habitat, não separa o ser e suas relações. Tem-se a possibilidade de resgatar as correntes alternativas, como bem lembradas por Amorim Filho (2007). Este autor ressalta que o efeito da flexibilidade na Geografia abre horizontes na corrente humanística e ao prestígio a Geografia Cultural que, mesmo com tanta pluralidade desde seu surgimento, não separa o humano do seu meio ambiente. Nestes estudos, evidencia-se a fenomenologia como uma ciência que utiliza a experiência vivida para apreensão das essências.

Para Demangeon (1985: p. 50) foi Vidal de La Blache, na França, que deu início à Geografia Humana, quando se volta para os estudos de Humboldt e de Ritter, onde os dois já haviam apontado as relações existentes entre os fenômenos físicos (natureza) e fenômenos humanos. Abrindo caminho no avanço dos estudos geográficos, La Blache, colocou o homem como materializador do espaço e discutiu uma geografia humana, mas não fugiu totalmente do naturalismo. Para ele, o homem era um ser ativo, assim a natureza passou a ser vista como

possibilidades para a ação humana, ou seja, o ambiente criava possibilidades para viver. Entendia que os indivíduos superavam as dificuldades ambientais e avançavam no desenvolvimento. Por conseguinte, a Geografia deveria estudar os “gêneros de vida”, manutenção ou transformação dos mesmos, tendo em vista a obra humana sobre o espaço.

A Geografia sempre foi defendida por Vidal de La Blache por este acreditar que ela possui seu próprio campo, não precisa se alimentar de outras ciências, basta o geógrafo considerar o essencial no uso que ele faz dos seus dados diante dos fenômenos estudados. Os fenômenos são ligados a fatores heterogêneos e suas combinações. É importante recorrer às observações, porém a análise sobre os fenômenos é descritiva, mas não renuncia a explicação, ela se faz obrigatória. Considerar os conceitos e contextos teóricos do passado e presente dentro de uma pesquisa também é salutar. Ela é uma ciência dos lugares, uma vez que, se interessa pelos acontecimentos da história à medida que esclarece, produz e reproduz o conhecimento sobre a realidade latente, mesclando passado, presente e futuro.

Segundo Christofolletti (1985), a Geografia Humanística valoriza a experiência do indivíduo ou do grupo, visando compreender o comportamento e as maneiras de sentir das pessoas em relação aos seus lugares. Cada indivíduo valoriza o seu mundo, o seu lugar, através de ideias, atitudes e valores com o meio ambiente. Para (ENTRIKIN, *apud* CHRISTOFOLETTI, 1985) a abordagem humana merece ser considerada, como “abordagem humanística”, pois estuda o homem em vários sentidos, desde seus valores, suas significações, metas e propósitos. Estuda a totalidade do ser no espaço geográfico.

É neste contexto que o indivíduo ou sociedade organiza e reorganiza o seu espaço, a sua vida. Humanística porque estuda os aspectos do homem, sendo que as noções de espaço e lugar adquirem uma tendência geográfica muito importante, possuem uma relação intrínseca com a vida. É onde existe a significância, o valor e a emoção.

Dentro dessa ação complexa da sociedade, o fazer geográfico, procura entender e compreender o lócus de vida. Os fatos sociais não são somente narração de acontecimentos, são descritivos e explicativos no momento em que exploram as relações existentes com o território (espaço vivido) e o lugar. Evidencia a vida humana e sua condição mediante a cultura, o cotidiano, e a exclusão.

Todas as correntes e tendências que fluíram e fluem na Geografia delineiam caminhos para os embates, onde os mesmos enriquecem e provocam sempre novas tendências, conforme a dinâmica cultural, econômica, espacial, territorial para uma análise científica e utilitária à humanidade.

Nos anos 70 a Geografia Humana se desabrocha contemplando o homem como ser central de estudo e reflexo. O ser como integridade e totalidade dentro de seus valores, percepções e atitudes para consigo e com o meio em que vive. A partir dos anos de 1980, os estudos avançaram nesta área do conhecimento e estão presentes nas obras de muitos geógrafos. Começaram a desenvolver estudos sobre a dimensão mental dos comportamentos humanos, a fé, os mitos, os conjuntos de técnicas e hábitos da linguagem e da vida para se adaptar a um ambiente, como bem lembra Paul Claval (2007). Sendo que o modo de vida nos grupos tradicionais (clássicos) mostra a organização regional do espaço, para que estes possam encontrar respostas a sua sobrevivência em um determinado lugar. Adquirem hábitos, desenvolvem técnicas de transportes ou possibilidades de produção para a sobrevivência, enquanto grupo, no lócus de vivência. Na concepção de Claval (Ibidem) todos os fatos geográficos são de natureza cultural, pois seus objetivos não estão somente no mundo físico. A ótica passa para uma visão dentro da dimensão mental do comportamento humano. Enfatiza ainda, as concepções La Blache, quando este diz que a geografia deveria analisar e explicar as relações entre os grupos humanos e o meio ambiente onde moram. A adaptação como sendo uma solução para extrair as necessidades de sobrevivência e as técnicas e os hábitos de convívio com o lugar para manterem em seu ambiente.

Diante de um mundo globalizado, com uma dinâmica espacial e temporal vigorosa, a Geografia possui um vasto campo de estudos para a compreensão da realidade humana. Os estudos avançaram e as atividades científicas foram mais extensas, incentivando as investigações. Estudar e interpretar os instrumentos usados pelos seres humanos para aprender as realidades do seu meio ambiente ou meio social, dá ênfase à pesquisa dos modos de vida de um grupo social. Primeiro, vieram as pesquisas das representações mentais sobre o meio ambiente, a representação da língua na apreensão da realidade, etc. Essa representação social tem grande importância dentro de grupos tradicionais e/ou tribais, pois é a partir dessa representação que se procura entender o mundo na perspectiva deles e não de como nós os enxergamos. Mediante isto, Holzer (1993) afirma que a Geografia humanística possui incógnitas ainda a serem exploradas. Iniciou com a contribuição de Carl Sauer em sua obra *The Morphology of Landscape* (1925), seguindo crescendo até os dias atuais, onde abre mão de análises regionais e busca a compreensão dos fenômenos e dos processos históricos. Sendo que a paisagem busca captar o significado da diferenciação cultural e natural estabelecida na relação humana com a natureza física.

Gomes (2010) também contorna a abordagem humanística concebendo-a como uma retomada a apropriação da dimensão do homem com relação ao mundo vivido, sendo a

subjetividade do saber um dos traços mais vivos da condição humana. Dentro desta concepção o homem não pode ser compreendido fora do seu cotidiano, do seu lugar, da sua percepção e do seu saber.

Desse modo, no horizonte tempo-espço, as marcas de valor produzidas pelos homens não poderão ser compreendidas, apenas com análises matemáticas, mas compreendidas no íntimo do ser com interpretações que vislumbrem a subjetividade que dá conjuntura a vida.

A Geografia Humanística, por conseguinte, se constitui de material que inclui a natureza, a experiência humana, a intensidade e qualidade das emoções, os valores e atitudes, os símbolos e as características dos grupos, as interações e as aspirações. É cunhado um novo andar do ser humano, interpreta o homem no centro da construção dos saberes, na sua realidade, onde inventa, cria, vive, emociona-se. O seu conhecimento possui aliança com as ferramentas e os recursos que tem. Não existe uma visão cooperada do mundo. O mundo é visto e vivido por vários olhares e saberes, assim o indivíduo ou grupo cria simbologias para o seu viver.

Nas argumentações de Yi- Fu Tuan (1985, p. 143) “A Geografia Humanística procura um entendimento do mundo humano, através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar”.

Assim sendo, o objetivo do estudo interpretativo e construtivo com relação ao indivíduo ou grupo dentro de sua forma particular de ver o mundo é compreendê-lo dentro de sua forma natural de ser e expressar-se. Todo ser humano faz reflexão de seus atos, portanto, suas atitudes e valores para com o ambiente em que vive advêm do pensar e refletir sobre este meio, onde ele é condição e produto das reflexões do ser e estar no mundo. Dessa forma, a perspectiva humanística permite-nos ampliar nossa visão do ser, perpetuar e estar no mundo. Igualmente, os estudos humanísticos devem conhecer e reconhecer o passado histórico de um determinado grupo, pois este motiva sua identidade territorial, reconstruindo-a, dependendo do tempo, do momento histórico e econômico vivenciado. Existindo interligação de identidades. A identidade muitas vezes é construída, desconstruída e reconstruída no longo caminho da vida. Todavia, a Geografia humanística busca compreender e explicar o elo de vida construído por um grupo com seu território ou, particularmente, com o seu lugar.

Na pesquisa geográfica humanística é importante ressaltar a valorização do modo de vida em cada lugar/território e país, pois este modo de vida é processado por uma sociedade no decorrer do tempo e através do espaço, sendo cada dia um duelo por sua subsistência,

sobrevivência e resiliência aos percalços impostos pela exploração, expropriação, migrações e pelo modo de ocupação da terra e a experiência de vida. Dessa forma, a pesquisa humanística aborda a vivência do indivíduo, o cotidiano, entrelaçado pela conjuntura histórica, econômica e cultural. O método de estudo é fundamental para não se perder ou se afastar desta, onde a mesma deve estar apoiada em uma base territorial, pois o homem vive onde seu modo de existência implica em relações entre ele, o espaço, o território, o lugar e a paisagem.

1.3.2 - O método fenomenológico

Para Gomes (2010, p. 304-337), o horizonte humanista fez nascer uma diversidade de concepções, existindo vários humanismos, dificultando assim, uma unidade sobre o plano filosófico – metodológico. Porém, todos os humanistas compartilham das mesmas ideias, ou ponto de vista crítico no que tange à ciência institucionalizada, ou seja, são unânimes em reconhecer que até a década de 70 os suportes teóricos metodológicos eram inadequados e insuficientes, pois era uma Geografia sem a essência humana.

Em análise a essa essência, não há um modelo e/ou um único método a ser seguido. Porém, o espaço a ser analisado, dentro da corrente humanística ressalta o homem como ser principal de existência. Portanto, a abordagem fenomenológica tem suma importância ao referenciar o espaço histórico, visto sob diferentes horizontes, tendo observado desde os valores culturalmente impetrados, a alienação, o comportamento e o mundo vivido. Igualmente, Christofolletti (1985, p. 22) ressalta que a Geografia humanística tem na fenomenologia sua fonte de análise. Abraça-a por esta valorizar:

[...] a experiência do indivíduo ou do grupo, visando compreender o comportamento e a maneira de sentir das pessoas em relação aos seus lugares. Para cada indivíduo, para cada grupo humano, existe uma visão do mundo, que se expressa através das suas atitudes e valores para com o quadro ambiente. É o contexto pelo qual a pessoa valoriza e organiza seu espaço e o seu mundo, e nele se relaciona [...]

Nesse sentido, é importante ressaltar no aporte fenomenológico a significância do lugar e do mundo vivido.

O grupo de seringueiro estudado nesta pesquisa construiu no espaço territorial, enquanto lugar de pertencimento e de cultura, os modos de vida com saberes vivenciados nas diferentes escalas de tempo e espaço percorridos. Contudo, é importante salientar que, a

cultura é construída e transmitida, socialmente, por gerações. Desta feita, o amparo vem das palavras de (PAUL CLAVAL *apud* SILVA E MARTINS, 2010: 2):

A cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é herança transmitida de uma geração a outra. (...) Os membros de uma civilização compartilham códigos de comunicação. Seus hábitos cotidianos são similares. Eles têm em comum um estoque de técnicas de produção e de procedimentos de regulação social que asseguram a sobrevivência e a reprodução do grupo. Eles aderem aos mesmos valores, justificados por uma filosofia, uma ideologia ou uma religião compartilhada. (2001: 63).

Deste modo, para este estudo dissertativo a pesquisa é classificada como qualitativa por estudar um grupo social diferenciado pela sua cultura e modo particular de vida. O método fenomenológico conduz a pesquisa qualitativa de forma peculiar, interpretando os fenômenos manifestados na vivência, ou seja, no cotidiano do indivíduo ou grupo, quando estes delineiam as intencionalidades e os sentidos aos objetos e coisas no dia a dia.

A fenomenologia valoriza as experiências vividas pelo indivíduo ou grupo social, ocupando-se das essências fundamentais da vivência do ser no espaço que não é dimensão, mas experiência, experimento, sentimento, ou seja, espaço vivido. Traduz-se em totalidade de lugares de pertencimento. O espaço é concebido como afirma Christfoletti (1985) sendo um espaço presente que se vive, é contextualizado, diferente do espaço geométrico, dimensional.

Segundo Dartigues (2008), a fenomenologia teve suas nuances datada ainda nos anos de (1764) com Lambert, (1770) Kant e (1807) Hegel, este, com a Fenomenologia do Espírito, fez com que o termo entrasse para os estudos filosóficos, porém foi com Edmund Husserl que o pensamento fenomenológico teve novo sentido e ganhou corporação no século XX. Husserl afirmava que o ser e o fenômeno não poderiam ser dissociados. Assim, a fenomenologia emergiu dentro da filosofia com uma interpretação que não fosse metafísica e, conforme Moreira (2004, p.63) acalorava o contato das próprias coisas, ou seja, ao mundo vivido, observando que: (...) “a Fenomenologia é o estudo ou ciência do fenômeno, sendo que por fenômeno, em seu sentido mais genérico, entende-se tudo o que aparece, que se manifesta ou se revela por si mesmo.” Neste contexto, o próprio seringueiro é um fenômeno, pois consolida sua identidade na vivência e experiência adquirida com seus saberes para enfrentar a analogia entre as dificuldades de sobreviver e, as belezas e riquezas da floresta e dos rios.

No estudo do homem e suas relações, Moreira (2004) adverte sobre duas abordagens, sendo uma positivista e outra interacionista. Neste estudo, utiliza-se o interpretacionismo que

é a abordagem onde a pesquisa tem cunho qualitativo e interpreta o comportamento do homem no seu mundo vivido, onde o sentido, as atividades e ações das pessoas são a interação existente entre elas e o meio para uma condição de sobrevivência. Nesse sentido, a vida humana é interpretada vinculando-se a vivência das práticas e experiências cotidianas das pessoas, individualmente ou em grupo. Dessa forma, o modo de viver interagindo e construindo “fenômenos” em um lugar tem se tornado significativo e de extrema importância nos estudos e pesquisas voltadas para o homem, pois a sua sapiência, em determinados grupos, humaniza a natureza e a si próprio.

Para Buttimer (1985), quando a referência está dentro de uma atitude fenomenológica há necessidade de evidenciar um retorno aos próprios fatos, como estes são produzidos, sendo uma investigação da própria consciência. Desta forma evidencia o indivíduo com sua intencionalidade no seu mundo, onde a consciência transcende e, ele enxerga o seu mundo na interrelação consigo e com o ambiente. O indivíduo usa as palavras dando-lhes significados, ligando-as a uma intenção. Destarte, Buttimer (1985, p.169-170) enfatiza: “A fenomenologia poderia ser definida como um modo filosófico de reflexão e respeito da experiência consciente e uma tentativa para explicar isso em termos de significado e significância”. Sendo assim, na fenomenologia, a experiência subjetiva e o comportamento do indivíduo ou grupo estão interligados ao conhecimento adquirido pelas experiências da vida. Porém, cada indivíduo, em sua experiência vivida, torna-se sujeito na organização e adaptação dos meios em que vive.

Logo, a interpretação do ser, sentir, agir de um grupo de seringueiros em seu passado e presente da sua história é um processo de construção do saber local. Cada indivíduo, dentro de sua atividade diária e contínua desenvolveu ações para situações de adaptação na realidade e condições em que se encontravam e ou se encontram.

Nas entrelinhas das discussões de Moreira (2004, p. 64), ele destaca as palavras de Husserl ao fazer uma aula inaugural em Freiburg que diz:

“[...] a natureza é evidenciada no perceber [...] inclui então todas as formas pelas quais as coisas são dadas à consciência. Assim, o comportamento humano inclui a afetividade aos lugares, movidas pelo sentimento, desejos, e vontades”.

Deste modo, a fenomenologia de Husserl interessa-se pela apreensão, descrição e interpretação do fenômeno que se apresenta na consciência no mundo da vida, processado e representado no dia a dia da percepção e aparência vislumbrada do indivíduo em sua

experiência. Assim, compreender os fenômenos ocorridos no espaço e no tempo, tendo como referência principal o lugar, é corresponder-se com o método fenomenológico.

O homem estabelece relação de vivência com o meio, não sendo fixado, eternamente, em um espaço. Ele se locomove, possui relações, direções e trocas. Assim, o habitar, o construir, o cultivar a terra são experiências da realidade vivida que se transforma em lugar de base do ser, sem este lugar ele encontra-se desprovido da vida cotidiana. Neste método, emana o descrever da experiência cotidiana do homem com a natureza no lugar de vivência. O lugar é o núcleo da ação e da intencionalidade do ser. No lugar, se fundamenta a identidade dos indivíduos e/ou grupo devido à estabilidade, os sentimentos, os significados construídos.

Assim, a fenomenologia deixa o fenômeno “falar” sem pressupostos que o antecedem. Parte da compreensão da vivência do sujeito da história, sem definições pré-estabelecidas, exaltando a compreensão da vida experimentada. Descrevendo a experiência e não analisando e explicando o porquê dos acontecimentos. As ideias básicas colocadas dentro da pesquisa a respeito de um fenômeno são esclarecidas com a busca sobre seus significados de valores, crenças, ações do grupo que pensa e age diante a sua consciência, intuição e intencionalidade no cotidiano.

Dessa forma, Dartigues (2008) destaca que Husserl sempre recorreu à noção fundamental de intencionalidade, tendo como princípio que a consciência é sempre consciência de alguma coisa e, que o objeto é sempre objeto para a consciência. Assim, o objeto é sempre percebido ou pensado e/ou imaginado valendo - se de uma análise intencional que concebe a relação existente entre consciência e objeto.

A intencionalidade referida dá dimensão à forma de ser resiliente do seringueiro. Como este encontrou forças para descobrir ânimo e meios para sua sobrevivência. Sua mente, diante da experiência vivida, não parava de produzir saídas para amenizar a vida sofrida.

A fenomenologia deve elucidar a essência dessa correlação, onde a consciência se projeta para fora e o objeto se materializa referindo-se aos atos da consciência. Os fenômenos são dotados de sentidos. Devem ser descritos como originários da consciência, excluindo todo conhecimento que não venha da experiência.

O plano da realidade de Husserl “essência das coisas mesmas” significa acontecimentos dos fatos sociais, descobertas da intuição natural, onde todo fenômeno possui uma essência que poderá significá-lo, onde na intencionalidade está visado um sentido. Para ele, o fenômeno está no *Logos* e, que *Logos* é exposto no fenômeno. São maneiras onde o sujeito organiza a sua realidade no pensamento e manifesta-o no objeto.

Então, analisar a consciência é buscar no próprio sujeito a correlação, quando este constitui o sentido do mundo. Assim, (DARTIGUES, *ibidem*) afirma que para Husserl a fenomenologia se torna a ciência do eu transcendental. O resíduo da redução fenomenológica é a consciência mundo, ou seja, o ser no mundo do sujeito. Assim, a constituição do mundo não é um fenômeno subjetivo, mas possui uma insteresubjetividade transcendental. Recobre todas as vivências e recebe um sentido de uma consciência pura, originária.

Na fenomenologia há, portanto, a reintegração do mundo da ciência ao mundo da vida. Esse transcendentalismo colocado por Husserl, como afirma Dartigues (*idem*) consiste em mostrar como toda a verdade formulada é enraizada na vida primitiva da consciência, designando a subjetividade humana em sua essência. Assim, o mundo e o conhecimento que temos são originados na consciência reconduzidos pela cultura que dá a motivação e significação necessária ao mundo.

Relp (1979) também fez suas considerações sobre a fenomenologia na Geografia e, que esta tem a ver com a origem do significado e da experiência. O envolvimento do sujeito com o mundo em que se vive realidade e cotidiano. A experiência é que dá essência ao fenômeno. Assim, considera que o método fenomenológico respeita a riqueza e a complexidade do mundo vivido, ou seja, esta ligação intrínseca entre o homem e a terra é a base mais completa para os estudos.

Por conseguinte, o método de Husserl foi constantemente uma construção, tendo sempre algumas ideias básicas propostas por ele, ou seja, dar significância a vida humana e encontrar o conhecimento no senso costumeiro, pois ali está as raízes da consciência do sujeito que conhece e vive o fenômeno. Assim, o campo fundamental da fenomenologia é o mundo vivido e a intencionalidade humana. O ser e o fenômeno não podem ser dissociados. O sentido do fenômeno está interiorizado no sujeito, pois só a ele existe valoração.

Para dar fechamento à abordagem fenomenológica, são basilares as descrições de Husserl em seu artigo para a *Encyclopaedia Britannica*:

“Fenomenologia designa um novo método descritivo que fez aparição na Filosofia em princípios do século [XX] e uma ciência apriorica que se desprende dele e que está destinada a fornecer a base fundamental para uma filosofia rigorosamente científica e a possibilitar, em um desenvolvimento subsequente, uma reforma metódica de todas as ciências”. (HUSSERL *apud* MOREIRA, 2004: p. 95)

A fenomenologia, portanto, é uma reflexão sobre o conhecimento do conhecimento. É buscar entender o outro conforme a sua visão de mundo dentro de sua experiência vivida.

1.3.3 – A pesquisa qualitativa e suas técnicas

A tradição de pesquisas quantitativas, positivistas e experimentais já não satisfazia a todas as pesquisas ou interesses em pesquisar a vivência do ser humano, não dava conta da subjetividade e experiências vivenciadas no dia a dia das pessoas, ou seja, dos arranjos relacionais entre homem/homem e homem/natureza no cotidiano. Assim, era urgente a necessidade de pensar em novos caminhos para pesquisas não amostrais, mas que mostrasse e interpretasse as essências das pessoas, sendo preponderante a qualidade sobre a quantidade. No entanto, os pesquisadores necessitavam de uma metodologia para a concepção epistemológica do conhecimento científico que desse valor ao homem em seu lugar de vida com suas formas simbólicas de interagir com o meio em que vive e que lhe proporciona condições de desenvolver-se, criar, adaptar-se, produzir-se numa ligação intrínseca entre o ser e o estar no lugar.

De tal modo, Duarte (2004) afirma que, ao fazer uma pesquisa qualitativa, o pesquisador irá mergulhar em profundidade, coletando indícios dos modos de vida e, como o indivíduo ou grupo percebe e significa a sua realidade, sendo uma busca subjetiva de quem participou/participa de um contexto histórico em um determinado lugar.

Com o enfoque qualitativo, o pesquisador conduz, com cuidado, o interpretar do mundo vivido dos sujeitos estudados de forma a fazer uma compreensão da sua realidade estando presente nesta, compartilhando do modo de vida diverso, das simbologias e linguagens próprias formadas no tempo, no espaço, na interação e, compreendendo também, as formas de adaptação a novos meios de sobrevivência e lócus de produção da vida.

Na pesquisa qualitativa são várias as técnicas utilizadas para coletar dados sobre um fenômeno, ou comportamento humano, podendo avançar na observação participante, história de vida, entrevistas, etc. Porém, para o método fenomenológico torna-se de fundamental importância a entrevista.

Para Quaresma & Boni (2005) a entrevista aberta, seguindo a visão do entrevistado, apresenta maior número possível de informações sobre o tema pesquisado. Ela possui uma elasticidade, detalha melhor as relações e estruturas dentro de uma conversa informal. Nesta técnica é preciso uma empatia e interação entre o entrevistador e entrevistado, pois isto favorece respostas espontâneas.

Visualiza-se, contudo, a pesquisa qualitativa descritiva uma vez que o seringueiro é o entrevistado, o agente da ação que fala e esclarece os fatos vividos no lugar experienciado. Sua

narração é importante e essencial para o conhecimento do modo de vida empreendido na floresta e na cidade.

Ainda em Moreira (2004, p. 118), a pesquisa qualitativa utiliza 4(quatro) estratégias principais: a entrevista, a descrição escrita das experiências, os relatos escritos ou orais e a observação participante do comportamento verbal e não verbal. Todas com foco nos participantes que descrevem suas experiências com os fenômenos. Ao mesmo tempo, ele ressalta que a “mais utilizada dessas estratégias é a entrevista oral, geralmente aberta, com poucos participantes – um a dez, geralmente, raramente mais que esse número, com a mediana por volta de seis a oito participantes.”

Assim, a técnica utilizada nesta pesquisa é a entrevista oral, onde foi realizada a entrevista não estruturada com 7(sete) seringueiros e a primeira professora (8 entrevistados), deixando os entrevistados à vontade para contar a experiência no lugar, ou rememorar a história do grupo no seringal com suas significações e, no presente, o ressignificar de suas vidas na cidade. Todavia, mantiveram-se alguns direcionamentos sobre o mundo do seringueiro, como viviam e vivem hoje em outro ambiente. A amostra tomada para a pesquisa foi intencional e não mediano-estatística. Foram pessoas escolhidas, tendo como critério as características de vivências por anos no seringal, estes sujeitos foram representados por seringueiros com a idade acima de 50 anos, compreendendo os soldados da borracha e seus filhos, pois experienciaram um jeito de viver em contato direto com a natureza e, hoje, esta vivência é ressignificada na cidade. Desenvolveram conhecimento pela experiência vivida, sendo resilientes neste processo.

Na entrevista, vale ressaltar o que Duarte (2004, p.221) adverte: “pode e deve ser editada”, sendo, 2 versões: original e editada, podendo ao editar retirar perguntas tendenciosas e ambíguas, onde o entrevistado (informante) é levado a negar ou confirmar algo. “Deste modo, uma maneira de analisar as entrevistas é fragmentá-las e reorganizar o todo, mas com significação da fala do entrevistado, interpretando o significado dentro do objetivo da pesquisa e do conhecimento da informação.”

Neste ponto, Meihy (2005, p.182-183) conceitua a transcrição, sendo a “Mudança do estágio da gravação oral para o código escrito”. Afirmar que a transcrição tem como ponto fundamental não só as palavras, mas que transcriar é o mesmo que “tirar os andaimes de uma construção depois que esta esteja pronta”. Para ele a transcrição não abriga lágrimas, gestos, o que realmente aconteceu na realidade do narrador. Assume-se que a entrevista deve ser “corrigida”, mantendo seu sentido intencional.

Desta forma, a entrevista oral estabelece um vínculo de ligação entre a fala do entrevistado e a edificação da pesquisa. Os eixos temáticos são verdadeiros encaixes no mosaico de estruturação dos significados extraídos do conhecimento e sabedoria dos entrevistados. Portanto, o foco de estudo desta pesquisa está na compreensão do comportamento humano dos seringueiros, seus significados mediante a ligação com o lugar, na interrelação com a natureza quase intata e com o presente híbrido pela história passada. A ênfase está no entendimento e não na objetividade dos fatos da vivência. O mundo complexo do ser tem ligação direta com a situação vivenciada por eles. Logo, compreender o significado do ser seringueiro e o seu ressignificar no interior e exterior do lugar de pertencimento é essencial, pois deixa fluir a sua qualidade de sujeito da história dentro de suas ações e modo de ver o mundo.

Assim, a entrevista oral foi realizada no ambiente da casa do entrevistado, enquanto construtor do espaço social vivido. O diálogo aconteceu, sendo o encontro com o novo para em seguida, dar corpo a uma criatividade e interpretação por parte do pesquisador. A entrevista foi uma fonte para obtenção de fatos, dados, sentimentos e, conseqüentemente, foi preciso a construção deste conhecimento com interpretação, pois a “oralidade em si” não é ciência. Nas entrevistas orais é possível enlaçar o modo de vida dos sujeitos da história que estão sendo entrevistados para, assim, fazer o registro do cotidiano dentro de sua realidade. Dessa forma, o pesquisador adentra um campo novo, sendo indispensável na pesquisa qualitativa estar na realidade do entrevistado para maior apreensão, tanto no modo de vida presente como no (re) memorar das experiências vividas pelo indivíduo ou grupo em um passado não tão distante que ainda marca seu contexto de vida atual.

Observar, entrevistar, ouvir, estar na realidade é uma forma de ir ao encontro das essências do mundo vivido pelo próprio “self” da história. É buscar detalhamento nas relações que o entrevistado tece com o meio social e natural em que vive: seus lugares, seus territórios, seus modos vivenciados. Esta relação é narrada no tempo, trazendo o mundo vivido do indivíduo ou grupo. O narrador deixa seu mundo aflorar, pois, ele é o sujeito da voz e da vez. E, é dentro desta interpretação, que se procura compreender os trilhos das narrativas na geografia, pois elas trazem o espaço, o tempo, a memória, a vida, o rio, as matas, a condição e a produção do cotidiano no ambiente que permeia a ligação homem/natureza e homem/homem. Neste processo pode-se considerar que a entrevista oral é uma técnica importante de prescindir conhecimento. De tal modo, os geógrafos, podem sempre buscar contemplar, dentro das narrativas orais, a geograficidade, pois esta é uma grandeza necessária dentro das relações sociais revisitadas no tempo e no espaço geográfico.

Holzer (2001), ao discorrer sobre a geograficidade, reporta a Dardel que assinala uma ligação de cumplicidade entre o homem e a terra. O que para Relph (1979) Dardel retrata é uma fenomenologia da vida onde homem e terra possuem uma ligação vital.

Assim, foi necessário construir pontes entre as bases teóricas relacionadas com o tema e o saber do seringueiro, enquanto construtor do seu lugar de pertencimento.

CAPÍTULO II - NA TRILHA DAS SERINGUEIRAS

Seringueiro

*homem feito de sonhos
moldado na bravura dos sertões
vítima da cobiça e de ilusões.
O teu crime foi ter acreditado no homem
quando nem o homem acreditava em si.
Soberbo, dormia nos braços da bonança.
Tu, nos braços da faltaça.
O teu perdão foi ter esperança,
palavra cara a ti, mas te deu algum acalanto
em meio às dores, à torpeza humana, ao pranto.
Que homem neste novo mundo sofreu igual tormenta?
A alma tentava viver enquanto o corpo desfalecia.
Resignado, algumas vezes, calava-se,
deixava-se morrer a viver como morto.
Porém, não te acovardastes!
Os covardes viviam nos barracões, nas casas aviadoras,
nos centros da Europa e mesmo nas igrejas.
Chamar-te de soldado da borracha é menosprezá-lo
quando travastes, na verdade, um dos maiores combates
da humanidade: contra teus próprios medos e
o medo que move os outros homens, ganância.
A tua vitória tem o gosto da derrota.
Muito se falou de ti, poucos te compreenderam.
Alcunharam-te de sociedade dos caboclos titânicos.
Não, não és.
Tu és seringueiro
com tudo o que essa palavra possa significar ou dizer:
a coragem e o medo,
a força e a inteligência,
o desespero e a esperança...
Por sonhar com a liberdade perdestes a tua.
Todavia, não fizestes da vida um livro de lamentações
Pode-se aprisionar o corpo de um homem,
mas nunca se poderá tocar-lhe a alma, a menos que ele o
permita.
Como a sumaúma e o cumaru, permanecestes altaneiro
em meio à furiosa sanha dos temporais:
a dor de perder um galho
amenizava-se com o brotar de uma semente.
Ao se levantar contra as naturezas, ecológica e humana,
via que lutavas em vão... então, resolveu compreendê-las.
Dessatanizou o verde, que já não era mais o inferno
e a natureza começou a te revelar seus caprichos e segredos.
Homem algum a compreendeu mais profundamente do que tu.
Filho indigesto dessas matas, resistiu-a e mesmo a amansou
como um conquistador seduz sua bem amada.
De algóz, tornou-se o defensor-mor!*

*A voz única, a confundir-se com o cantar
dos pássaros os passos únicos, a não
alvorçar os animais o ser único, a
tornar-se parte para continuar a existir.
Pouco abaixo de um deus o fizestes, o
salmista me faz pensar em ti:
um deus sem reino, a não ser a imensidão
das matas
um deus sem templo, a não ser o
santuário das grandes árvores
um deus sem fiéis, a não ser toda a
bicharada
um deus sem liturgia, a não ser a sinfonia
dos pássaros
um deus sem incensos, a não ser o
perfume que se levanta das flores
um deus sem oferendas, a não ser os
troncos que se decompõem para a vida
novamente se renovar.
Seringueiro, nasceste de um sonho
ao sonho, aos poucos, retornarás.
Um homem, deveras, em extinção.
Seringueiro de ontem, o ribeirinho de
hoje.
Só não pode morrer a utopia.*



Foto 01: ASSUNÇÃO, S.T. Sr Manuel (Ex-Soldado da Borracha) e D. Francisca, lembrando o tempo em que cortavam a seringueira. Extrema/RO, julho de 2011.
Poema de Isaac Melo - <http://almaacreana.blogspot.com/2010/10/seringueiro-isaac-melo.html>

II – NA TRILHA DAS SERINGUEIRAS – RESGATE HISTÓRICO

“As pessoas não se tornam mais brilhantes porque passam por tempestades na vida, mas estas tempestades atuam como catalisadores e as fazem buscar força e energia. É o que chamamos de resiliência. A capacidade de reagir e se adaptar às mudanças...” (Ana Fraiman)

2.1- A FORMAÇÃO DO SERINGAL EM EXTREMA

Como se propõe neste trabalho uma pesquisa voltada para os modos de vida do seringueiro em Extrema/RO, o resgate, em primeiro momento, ocorre com a formação do seringal na região Amazônica, em especial no Estado de Rondônia, norte do Brasil.

A Amazônia foi o grande palco para a construção dos seringais no século XIX. Com uma floresta exuberante, rios caudalosos e piscosos, a selva amazônica viveu um processo de migração estimulado pelo comércio europeu e americano que impulsionava a produção industrial do automobilismo.

Segundo Santos e Weinstein (1980; 1993), respectivamente, a história de ocupação da Amazônia está datada nas fontes bibliográficas correspondendo ao período dos séculos XVII e XVIII para a exploração das drogas do sertão, incluindo castanhas, corantes, ervas, peles, produtos medicinais, animais vivos, óleos de tartaruga e de vegetais. Depois, “o ciclo agrícola” entre os séculos XVIII e meados do século XIX a exploração se deu em função do cacau, café, cana de açúcar e algodão e pecuária e a atividade pesqueira para consumo doméstico.

Mas, foi no final do Século XIX que houve ativação de um processo migratório que tinha como interesse a extração do látex (seiva) de uma árvore nativa da região amazônica e conhecida como seringueira, mas tendo o nome científico de *Hévea Brasiliensis*. A extração do látex seria para suprir o mercado internacional da borracha (MARCHESE, 2005) compreendendo o 1º ciclo da borracha onde grande número de nordestinos fugindo da seca e da fome resolveram encontrar na floresta Amazônica (Acre, Rondônia, Amazonas...) um meio de sobrevivência. Para Santos (1980), a estiagem que assolou o nordeste no período de 1877-1879 foi a chave para a migração constante de nordestinos, porém outros fatores contribuíram como a propaganda e arregimentação com grande incentivo do governo brasileiro e dos

donos¹⁰ dos seringais¹¹; ilusão de enriquecimento rápido; ruptura da resistência dos senhores de terra à saída de homens, numa época em que a seca e a miséria dizimavam as populações, etc.

Em busca de uma vida melhor e pela sobrevivência, neste período, houve a primeira corrente migratória de nordestinos, principalmente, cearenses, desembarcando nos portos de Belém e Manaus e, daí, partiram para grandes regiões com inúmeras seringueiras naturais para a extração de látex percorrendo os rios Amazonas, Purus, Madeira e seus afluentes. Para Nascimento (2003), os nordestinos, quando ocuparam o vale do rio Madeira, alcançaram seus afluentes: rio Machado, rio Preto, rio Jamari, rio Candeias e o rio Abunã. O rio Abunã é afluente da margem esquerda do rio Madeira, que percorre longa extensão de terras fazendo divisa com a Bolívia, chegando ao Acre. Foi um rio que tinha fluxo constante de embarcações; era a grande via de transporte para os seringais da Bolívia, de Rondônia e do Acre nesta faixa de fronteira até Plácido de Castro/Acre.

Para Martinello (2004), o que impulsionou a corrida para a produção industrial da borracha em longa escala foi a invenção do pneumático, o aparecimento do automóvel e a massificação do uso da bicicleta como veículo de transporte. Porém, em 1839, com a descoberta da vulcanização feita pelo norte americano Charles Goodyear abriu-se os caminhos para a indústria do processamento da borracha. Todavia, vale salientar que a borracha já era utilizada pela sabedoria indígena há muitos anos na produção de calçados, vestimentas e utensílios úteis ao dia a dia.

Assim, para a fase de expansão imperialista, os Estados Unidos, Europa e Japão criaram condições para uma corrida à fonte da magnífica matéria-prima da borracha. Nesse sentido, com a produção industrial da borracha em grande escala, os Estados Unidos e a Inglaterra foram os maiores interventores da Amazônia, financiando as casas aviadoras¹², e, mantendo o controle sobre o preço da goma elástica nos maiores portos fluviais (Belém e Manaus).

Todavia, conforme Ferreira (1987 p. 187; 319) o botânico inglês Henry Wickam, trabalhando para o império britânico, coletou no Amazonas grande número (70.000) de sementes da seringueira, a árvore produtora do látex, que foram para o Jardim Botânico da Inglaterra e, posteriormente, plantadas nas colônias inglesas no sudeste da Ásia (Ceilão,

¹⁰Patrões, seringalistas que possuíam grandes extensões de terras com florestas.

¹¹ Grande extensão de áreas com florestas nativas possuindo muitas árvores de *hévea brasiliensis* produtora da seiva (leite) que se transforma em borracha entre outros produtos.

¹² Cuidavam da manutenção de produtos e materiais necessários ao alimento dos seringueiros e ao corte da seringueira, também, recebiam a borracha para a exportação.

Malásia...), germinando cerca de 2.700 pés. Em 1912 foi o último ano que o Brasil exportou mais borracha que estes países, assim, o declínio da extração na Amazônia, em 1913, foi inevitável. A decadência da borracha na Amazônia já tinha sido prevista em um discurso na sociedade de Geografia do Rio de Janeiro quando o Dr. Frederico José de Santana Nery ao fazer uma conferência sobre os problemas da Amazônia, em agosto de 1887, alertou:

“A seringueira é árvore de vida e de morte plantada pelas mãos da natureza no paraíso amazônico. Ora meus senhores, a sã economia política aconselha que não se concentre em um único ramo a produção de toda a atividade de um povo. Amanhã, esse exclusivismo econômico poderá acarretar consigo gravíssimas decepções [...] Basta que a indústria descubra algum sucedâneo da borracha; basta até que se entre a explorar o vale do Congo, onde conforme afirma Stanley, abunda goma elástica de primeira qualidade [...]” (FERREIRA, p.187)

Os brasileiros não sabiam que os ingleses haviam levado sementes da seringueira para a Inglaterra, mas os estudiosos anteviam o futuro da borracha, mesmo assim, cresceu o contingente de brasileiros na extração do látex tanto na Bolívia como no Brasil, ocasionando a questão do Acre e, adiante, um acordo para a construção da Ferrovia Estrada de Ferro Madeira-Mamoré para transportar a quantidade de pélas¹³ de borracha extraída dos seringais bolivianos e brasileiros, que contornavam os rios Mamoré, Madeira, Beni, Mamu e Abunã.



Foto 02 – MERRILL, D. B. Estrada de Ferro Madeira Mamoré, o trem ao fundo e as pélas de borracha para o Carregamento (Ferreira, 1987)

¹³ Era o látex colhido e defumado. Colocavam o látex em uma vara e iam passando na fumaça da fornalha, enrolando e construindo uma bola ou as chamadas pélas.

Todavia, as previsões quanto à única fonte econômica estavam certas. Quando nas colônias inglesas, teve início a produção da borracha houve um período de estancamento que tomou conta dos seringais brasileiros. A produção existia, mas em escala menor. Porém, no período de (1939-1945), Segunda Guerra Mundial, Martinello (2004, p. 83) ressalva que a borracha devido aos seus múltiplos usos, era considerada como o “*nervo da guerra*” causando alvoroço entre os militares quando houve a invasão japonesa aos seringais da Malásia que impediram a retirada desta matéria-prima. Desta feita, com a Guerra fazendo destruições na Europa, os alemães conquistando sucessivas vitórias e ganhando a supremacia, o alarme entre o governo e o povo americano foi enorme, assim os norte-americanos (EUA) voltaram seus olhares, novamente, para retomada da extração do Látex na Amazônia, intensificando o programa para a compra dessa matéria-prima.

Para Nascimento Silva (2003, p.48)

“As migrações nordestinas para a Amazônia sempre estiveram ligadas às questões de conflitos no campo, coincidindo com os períodos de seca, e os pequenos agricultores são os primeiros a sentirem os efeitos da mesma. Além de serem a maioria da população rural sertaneja, eles não tinham alternativa a não ser migrar”.

A migração para a Amazônia foi inevitável. Quantos nordestinos vieram ninguém sabe exatamente, mas o trabalho árduo e escravizado preponderou. Dessa forma, os seringais foram reativados e reorganizados. Em destaque nesta pesquisa, o Rio Abunã afluente da margem esquerda do Rio Madeira que dá acesso ao Estado do Acre, fazendo fronteira com a Bolívia, onde houve aumento significativo do crescimento populacional de nordestinos que estavam intimidados com a seca, a fome e com os latifúndios.

Neste 2º Ciclo da Borracha várias campanhas para a “batalha da borracha” foram ampliadas pelo governo brasileiro e por donos de seringais e vários órgãos e instituições foram criados para dar suporte ao financiamento, transporte, alimentação, alojamento, assistência médica e sanitária. Muitos desses não cumpriam com suas atividades, deixando, então o chamado soldado da borracha à margem, sem assistência, como afirma o Dr. Doria de Vasconcelos¹⁴ citado por Martinello (2004, p.281):

“[...] Parece que os seringalistas não cumprem 20% do que prometem [...] A vida do trabalhador para os seringalistas, salvo raríssimas exceções, nada

¹⁴ Conforme Martinello, um impiedoso crítico da Batalha da Borracha. Na época superintendente da SAVA.

vale [...] O problema é seríssimo porque amedronta esses homens de todo jeito. Na nossa enfermaria tem alguns que regressam unânimes nas acusações. A miserabilidade dos que regressam é atroz. Pelo que contam são verdadeiros assassinatos, algumas mortes naturais [...] Os trabalhadores vão para os seringais antes que os responsáveis cuidem do abastecimento, ficando numa situação de constante penúria, passando fome. Felizmente, não passam sede”.

Sobre a situação desumana das condições de vida do seringueiro, Martinello (2004, p.275) afirma: “Ainda que socialmente fosse livre, sua condição real era, no entanto, a de um escravo. Escravo da dívida, do insulamento, da solidão e da rotina da vida que levava”.

Muitos anos e sofrimento afligiram multidões de nordestinos que aceitaram viajar para a Amazônia e se tornarem soldados da borracha e não soldados da guerra. O véu de ilusão cobria o rosto dos retirantes. Não sabiam que as armadilhas estavam por vir, e voltar a sua terra, seu coração, seu lar estava ficando cada vez mais distante quando entravam nas gaiolas¹⁵ para chegar à região de seringais. A viagem era longa, grandes rios eram navegados. Muitos vieram pelo rio Amazonas adentrando o estado do Acre pelos rios: Purus, Acre e Juruá, passando pelo município de Plácido de Castro, conquistado pelos seringueiros na batalha com a Bolívia, onde incorporaram o Estado do Acre ao Brasil. Outros nordestinos saíam do porto de Manaus para Porto Velho via rio Madeira e deste, adentravam o rio Abunã afluente do Rio Madeira que percorre a divisa com a Bolívia chegando ao estado do Acre.

Quando chegaram aos seringais se deparavam com uma realidade muito complexa, o difícil acesso, o trabalho penoso lhes tomava todo o tempo, não lhes dava oportunidades de uma vida digna. Tornaram-se aprisionados do seringalista. Pode-se notar esta difícil realidade nas palavras de Euclides da Cunha¹⁶, onde este autor escreve de forma crítica a realidade vivida pelo seringueiro:

“É a imagem monstruosa e expressiva da sociedade torturada que moureja naquelas paragens. O Cearense aventureiro ali chega numa desaponderada ansiedade de fortuna; e depois de uma breve aprendizagem em que passa de brabo a manso, consoante a gíria dos seringais (o que significa o passar das miragens que o estonteavam para a apatia de um vencido ante a realidade inexorável)-ergue a cabana de paxiúna à ourela mal destocada de um igarapé pinturesco, ou mais para o centro numa clareira que a mata ameaçadora constringe, e longe do barracão senhoril, onde o seringueiro opulento estadeia o parasitismo farto, pressente que nunca mais se livrará da estrada que o enlaça, e que ele vai pisar durante a vida inteira, indo e vindo, a girar estonteadamente no monstruoso círculo vicioso da sua faina fatigante e estéril”.

¹⁵ Barcos que carregavam os nordestinos para a extração do látex na Amazônia.

¹⁶ Citado por ANTONIO FILHO, F.D.

Desse modo, tiveram que se adaptar à selva e buscar uma forma de sobreviver às tempestades encontradas. O declínio da borracha para a exportação, em Rondônia e Acre, se deu nos anos de 1948 a 1950, já que a produção da Malásia cobria a matéria-prima para o comércio internacional, mas o comércio local de Rio Branco e Porto Velho ainda tinha saída em pequena escala até meados da década de 80.

Em seu artigo sobre o declínio da borracha na Amazônia, Benchimol (1994, p.2) afirma:

“[...] Os seringalistas endividados não conseguiam pagar, com os preços aviltados, os financiamentos dos aviadores e assim deixavam ao desamparo os seringueiros, que, desprovidos dos ranchos e dos aviamentos do depósito e do barracão, não tinham como e porque continuar produzindo. Muitos abandonaram as suas estradas e procuraram sobreviver em outras vilas e cidades rio-abaixo. Os que podiam, voltavam ao Ceará e outros estados nordestinos. Muitos deles, no entanto, endividados e sem saldos, preferiram ficar nas suas colocações para se tornar caçador de peles de animais silvestres, coletor de ouriços de castanha ou simplesmente se dedicavam a agricultura de subsistência com os seus roçados de mandioca, milho, feijão e arroz [...]” (Benchimol, 1994)

Dessa forma, depois da 2ª Guerra Mundial, os trabalhadores na extração do látex, seringueiros e seringueiras da região de Extrema, adaptados com um modo peculiar de vida na floresta, continuaram retirando dela o sustento, apenas em escala de comércio interno, mas retiravam também óleo de copaíba, castanha, açaí, patoá, criavam aves, animais de pequeno porte e fazendo pequenas plantações para a sobrevivência.

Um novo ciclo econômico é deflagrado para a Amazônia, iniciando a unitarização do espaço nacional. Segundo Gonçalves (2010, p.67) “A Amazônia sempre foi ocupada e explorada pelo que havia de mais moderno em cada momento histórico”.

O acesso, neste ciclo econômico era feito pelas estradas, assumindo o Estado à dinâmica do capitalismo integrador. A frente de expansão estava para conectar a região norte ao restante do país, onde absorvia a mão de obra já excluída para área de terras com preços mais acessíveis, sendo uma estruturação do espaço, que desperta a exploração mineral, florestal e agropecuária. Tornando-se um ciclo vicioso do capital, que explora e expropria as populações originárias e/ou pequenos migrantes.

Nesta nova forma de pensar o espaço como um “vazio”, era preciso preenchê-lo para a circulação financeira do capital, pois, como afirma Gonçalves (Ibidem), esse vazio era o vazio de mercado. Assim, os projetos de assentamentos para pessoas oriundas de regiões do centro-sul deram lugar a terras privadas e retangulares.

Os seringueiros de Extrema permaneceram nas suas colocações¹⁷, dentro dos seringais até o loteamento da sua área ser recortada, ou seja, seu lugar de pertencimento a gerações vividas possuírem outros donos (ASSUNÇÃO, 1999), sendo o Projeto fundiário Alto Madeira com loteamento dos seringais em 1000 lotes com 500m de frente por 2.000m de fundos. Uma vida retangular e de propriedade privada desestruturou o modo de vida dos seringueiros que caçavam, coletavam a castanha, pescavam e plantavam para a subsistência, não tendo limites de propriedade e, modos de vida voltados à natureza que produzia a vida para eles. Fugindo da fome e do seu habitat que foi entregue a migrantes, afligiram-se e procuraram dar continuidade em seu modo de vida nas florestas da Bolívia, já conhecida por muitos nos tempos dos seringais ou mudaram para as cidades (Extrema, Porto Velho, Rio Branco, Nova Califórnia e etc.)

2.2 – OS TERRITÓRIOS NO SERINGAL

O território referenciado aqui, não é o território como poder determinado, mas territórios que são vivenciados, o espaço vivido, assim ressalta-se o Lugar, apoiando-se nas palavras de Bonnemaïson (2002, pp.99 e 101):

[...] Um território é, sobretudo um conjunto de lugares hierarquizados, conectados a uma rede de itinerários [...] Ele é muito mais um “núcleo do que uma muralha, e um tipo de relação afetiva e cultural com uma terra, antes de ser um reflexo de apropriação ou exclusão do estrangeiro.

As palavras de Bonnemaïson vão de encontro às ideias de Haesbaert (2007) que salienta sobre um maior debate na questão do território fazendo-se necessário abrir um leque para este conceito que perpassa o materialismo histórico e dialético no sentido econômico e de recursos, chegando à dimensão cultural da sociedade, onde esta concretiza no espaço as relações sociais com o conjunto de representações do modo de vida que a move. Para Haesbaert (2005), o território é funcional e simbólico quando se tem como centralidade recursos para a proteção ou como matéria-prima e/ou quando para produzir significados. O território é sempre múltiplo no seu tempo-vivido. Não sendo apenas de relação de poder.

Porém, observa-se a explícita ligação do território com a natureza ou ambiente de vivência, onde Maurice Godelier *apud* Haesbaert (2007, op.cit. p.47) afirma:

¹⁷ Era o local onde o seringueiro assentava sua casa, pois ali estava definida suas estradas para o corte da seringueira

“Denominaremos “território” a porção da natureza e do espaço em que uma sociedade reivindica como lugar em que seus membros encontrarão permanentemente as condições e os meios materiais de sua existência”.

Essa noção de território nos leva ao caminho das fontes de sobrevivência, ou seja, onde pode se encontrar recursos materiais e não materiais (imaginário, espirituais) para a existência. O território, conseqüentemente, constitui-se como um espaço utilizado, de acordo com Almeida Silva *et all* (2010, p.66):

“[...] Para que exista território é necessária uma ação de construção, a qual é produzida por seus diversos e distintos atores. Logo, a territorialidade está ligada a uma ação e ultrapassa o território. Assim, os nordestinos que para a Amazônia vieram não perderam a essência de sua territorialidade anterior que, aos poucos e frente às realidades, adquiriram uma territorialização construída, a partir de novos modos de vida. É com esta vivência que se adquire uma nova identidade, conseqüentemente uma nova territorialização e configuração territorial”.

Com a exploração de grandes áreas pela era globalizadora capitalista, as sociedades com características próprias de vida em um determinado lugar, estão quase inexistentes, porém, na Amazônia, ainda pode-se notar modos de vida de grupos como os ribeirinhos, os extrativistas, os indígenas, os remanescentes de quilombolas e os seringueiros. De tal modo que a apropriação de um espaço por estes grupos, devido ao acesso, uso, controle e criações simbólicas, transforma-se em território recebendo valores que o transforma em lugar de pertencimento e afeto.

O território, no contexto humanista, apresenta-se como um espaço vital. Para o indivíduo ou grupo torna-se essencial, pois, ele precisa deste espaço para locomover-se e realizar suas atividades diárias. Diante disto, o território também, pode ser o lugar permeável e, o lugar funde-se com o sentimento afetivo ou não, com esperanças, alegrias e tristezas. O lugar, qual seja ele, é fundamental para o grupo, pois é nele que está o seu enraizamento, sua identidade. Assim, Haesbaert (1999, p. 172) garante que “[...] toda identidade territorial é uma identidade social, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das ideias quanto no da realidade concreta, o espaço geográfico constitui assim parte fundamental dos processos de identificação social [...]”.

Então, o território não pode ser entendido como conjunto de sistemas naturais com fronteiras estabelecidas. Neste território alicerça-se o trabalho, a casa, as trocas materiais e as energias espirituais, onde a sobrevivência exige adaptações do modo de vida do indivíduo ou

do grupo. É neste espaço que se equilibra a vida. Observa-se, então, o território, onde a vida se materializa, se organiza, tem pertencimento, cultura, identidade, valores e significados. O território é primeiro um valor, pois o grupo estabelece uma relação espiritual imperiosa com seu espaço de vida, além de encontrar nele fonte de recursos materiais para sobreviver.

Portanto, busca-se uma explanação sobre território para compreender o contexto explicado por Haesbaert (2005, p.6788): “A realização da multiterritorialidade contemporânea, fica evidente, envolve como condições básicas a presença de uma grande multiplicidade de territórios e sua articulação na forma de território-rede”. Afirma, o teórico, que não existe um único território em um espaço, mas existem vários territórios, podendo se sobrepor: são as multiterritorialidades.

No seringal, as multiterritorialidades formavam as redes que davam corporação à supremacia do capital. Estas territorialidades engendram lutas de diferentes grupos e instituições, organizações, etc. São espaços diversos com culturas e políticas socioeconômicas que abrangem diferentes grupos. Existe um arranjo estrutural permanente na lógica sistêmica destes e para estes diferentes grupos. Sendo assim, pode-se falar que o trabalho no Seringal já permeava territórios. Existiam vários territórios. Esses territórios se expandiam como certas empresas ou instituições governamentais, organizadas conforme uma hierarquia de “caixinhas”, pois era uma empresa que o gerenciava, começando pelo capital internacional que financiava toda a produção. Porém, o foco será no seringal onde havia o território do seringalista com todas as colocações, o poder e o controle da produção e das mercadorias. O território do seringueiro dentro das colocações, onde existia o trabalho, os amores, o afeto, a amargura, o lugar da casa, do quintal, do roçado, das criações, da pescaria (mundo vivido). O território do comboieiro com suas tropas pelos varadouros¹⁸, que ia percorrendo de uma colocação a outra. Nas palavras do senhor Francisco Tavares¹⁹, entre outros seringueiros encontram-se como eram designadas as tarefas no seringal:

“... O dono do seringal se chamava seringalista, ele tinha uma ligação com outro patrão na cidade, não era o caso do meu patrão Luis Pinto, Luis Gonçalves e o Antônio Sabóia, aqui na nossa região esse povo mandava em outros seringalistas, eles eram os chefes... Zezinho Jacaré era um dos chefes na cidade que fornecia mercadoria para os seringalistas trazer para o seringal distribuir para os seringueiros... O patrão era o mandão, vivia viajando, tinha vários seringais... O mateiro abria as estradas para o seringueiro... Mateiro e

¹⁸ Estradas que davam acesso a outras colocações e/ou piques de castanhas e chegava ao barracão

¹⁹ Foi seringueiro, nasceu e se criou no seringal, hoje, é o único que permanece no lote recortado pelo INCRA em Extrema.

toqueiro trabalhavam com esse fim, o fiscal dividia as bandeiras na árvore para as pessoas cortar naquele local certo, e dava uma ordem, não pode cortar muito fundo, não pode acrescentar essa bandeira e muitas outras coisas... O fiscal também aplicava multa, se os seringueiros não obedeciam às ordens e regras, ele pegava uma multa. Essa multa não era paga para o fiscal e, sim para o patrão seringalista, era descontado no saldo que ele (seringueiro) tinha com o patrão ou acrescentado na dívida.... Meu patrão chegou ao ponto que era o xxx e o outro era xxx, esse era seringueiro, mas eu era um dos trabalhadores dele, homem solteiro, sai da casa do pai e fui trabalhar uns meses com ele... Bom, vamos falar do noteiro, que fica depois do comboieiro... O comboieiro ou tropeiro fazia a entrega das mercadorias e conferia e pegava as borrachas... O xxx, esse era o comboieiro no seringal onde eu trabalhava, um lugar chamado Santa Tereza na Bolívia, e aí, qual é o trabalho do gerente? O gerente fazia os talões, recibos e pesava as borrachas, quando a borracha estava suja tinha a tala que tinha de tirar e pesar... o Sernambi era uma borracha mais suja, a parte boa da borracha era defumada e nada misturado... O gerente mandava no noteiro, fiscal, tropeiro, mateiro, toqueiro e no seringueiro. O noteiro, ele tinha o trabalho de guardar livros, ele chegava fazia a nota e era o guarda livro ao mesmo tempo e ajudava o gerente em algumas coisas também... Ele ia na casa do seringueiro e falava com o dono ou dona que estive presente e dizia que ia fazer a nota das mercadorias: arroz, feijão, óleo ou banha, fósforo ou gasolina para o isqueiro, ou então, a pedra para o isqueiro, açúcar, charque, isto quando precisava e não tinha a caça, e o noteiro ia anotando a mercadoria que eles precisavam, a compra era por quinzena ou por mês, tinha o querosene para colocar na lamparina e depois de três dias o “combóia trazia a mercadoria e trazia no lombo de um burro... Quando o comboio entregava toda a mercadoria para os seringueiros ele voltava colhendo a borracha dos seringueiros, as mercadorias eram colocadas em sacos de pano, pois não tinha saco plástico, a dona da casa tinha que ser bem zelosa, o café era em caroço, tinha que torrar e socar, o feijão era duro, passava o dia cozinhando na lenha, comprávamos também munição e pólvora para caçar, a quantidade de mercadoria dependia da produção de cada seringueiro, se fosse boa tinha tudo o que pedia, senão vinha só um pouco... Eu já fui noteiro, tava aprendendo a escrever e fazia tudo do meu jeito... (risos)... Naquele tempo o medicamento que vinha para os seringueiros era melhoral, aspirina e butazona remédio para reumatismo... Na hora de buscar a borracha às vezes tinha que fazer até duas viagens com três ou quatro burros para trazer o restante, nisso dava para saber quem tinha produzido mais borrachas, quem estava com pouca produção era chamado pelo patrão para saber o que estava acontecendo, se estava doente ou outra coisa, porque a produção que ele teve não deu para pagar as mercadorias consumidas... Tinha seringueiro que trabalhava até durante a noite para dar conta do serviço, outros misturavam leite de cálcio no leite da seringa para aumentar o produto e ter um saldo no final, dava o jeito deles... No final do ano ia para Rio Branco, Manaus ou Porto Velho para fazer as compras para a família porque não tinha outro lugar... Quando um seringueiro devia para outro no seringal tinha uma ordem para colocar o crédito de um para o outro e assim quitava a dívida... Sofrimento? Seringueiro sempre teve e, vivia devendo... Tinha uns que nunca pagava a conta, como meu pai... Se o seringueiro não desse conta de pagar a dívida ele mudava de seringal... Vida de seringueiro não é fácil... Seringueiro quando baixava ele pegava uma ordem de pagamento, ou seja, um talão com saldo credor, e aquele talão ele levava a ordem junto como comprovante... Meu pai teve um desenvolvimento muito embaraçado no seringal, ele sofreu muito mais do que eu, analfabeto, não lia nem

escrevia, passou tudo o que foi sorte e aflição, agonia e privação no seringal, foi expulso de alguns lugares, pois atrasava para pagar as contas e era mandado embora... Nossa região foi popularizada por pessoas nordestinas, a maioria eram do nordeste, até porque os patrões a maioria era nordestino e mandavam buscar empregados lá... Muitas vezes anoitecíamos trabalhando, essa é a moral da história, eu tenho 52 anos e pareço ter mais, estou acabado... **Sandra:** É uma definição para o seringueiro... **Francisco:** Todos eram analfabetos, não liam nem escreviam... Tudo o gerente explicava para eles, quanto tinham produzido, quanto tinham gasto, quanto tinham de lucro... Se a maioria dos seringueiros estivesse devendo não ia para o barracão fazer festa em Sete de setembro que, todo ano era feito ou no final do ano... Dançavam, bebiam, levavam a família, (risos) ou, então, iam para a igreja, na semana santa... Na realidade o seringueiro era humilhado... “Imagina, se eu quero voltar para o seringal com todas essas coisas, e dificuldades, quero não, prefiro outra vida, não tenho nem saudade da fartura que tínhamos, porque a dificuldade e humilhação eram muito maiores que a fartura”. (Francisco Tavares, 52 anos filho de soldado da borracha e ex-seringueiro)

O senhor Francisco Tavares nesta entrevista, e em conversa descontraída, relembra o que suportou diante das barbaridades na hierarquia desta rede que estruturava os territórios e a vida do seringueiro no seringal. Para ele, o seringueiro é a pior categoria de trabalhador, pois trabalhava muito e era humilhado. Relembra a vida do pai, um analfabeto e sofredor que foi expulso do seringal pela dificuldade que encontrava em trabalhar no corte da seringueira. Vivendo este sofrimento busca ser resiliente. Tinha curiosidade e vontade de aprender a ler, por isso sempre que podia ajudava o gerente no barracão para que este lhe ensinasse. Queria saber o que tinha produzido e o que tinha gasto. Com amargura lembra a vida sofrida e não quer voltar ao tempo do seringal.

Nas palavras de dona Aldenira a vida também não era de muitas alegrias na realização do trabalho no seringal, afirma que “tinha o fiscal florestal pra ver se a pessoa estava tratando bem as seringueiras... Porque é dali que faz o pão”. E o senhor Osvaldo também define algumas designações no seringal:

[...] aqui é o barracão como vamos dizer, aqui é Extrema, lá na beira do rio o barracão, lá tinha o barracão, o gerente, a tropa de burros, os comboieiros, aqui devia ter uns 50 burros, e tinha 4 comboieiros, pra levar a mercadoria pro centro, lá na casa do seringueiro e trazer a borracha pra beira do rio e para o barracão... E aquilo era a cada 30 dias, antes disso nos dias 25 e 26 o noteiro ia na casa do seringueiro fazer a nota, ver o que era que o seringueiro precisava da mercadoria e levava anotado para o barracão, chegava lá os empregados despachava e o comboio ia levar para os seringueiros, nas casas dos seringueiros. E lá o seringueiro já tinha a borracha pronta [...]. (Senhor Osvaldo, 84 anos – Soldado da borracha).

Na fala do senhor Osvaldo vê-se o círculo vicioso nas tarefas designadas no seringal, principalmente, no que se refere ao noteiro que ia fazer a nota de mercadoria, tanto das necessidades alimentícias, bem como o quanto ele havia produzido para lhe entregar o alimento que era insuficiente.

O seringueiro (profissão), também conhecido como freguês pelo patrão, era quem cortava a seringueira e extraía o leite, carregando em sacos nas costas para o defumador (no quintal da casa), ali defumava e fazia as pélas de borracha (bolas de látex defumado). Um trabalho exaustivo e compulsório.

Todavia, o seringueiro, não era só cortador e defumador, era e ainda é, um ser humano intenso de sabedoria e, em meio à floresta; ali foi construindo sua identidade. A busca por sobrevivência e adaptações à nova realidade fez com que o seringueiro desenvolvesse o processo de resiliência. Resistir e ser capaz de ampliar aprendizagens com seus costumes, hábitos e valores existentes e adquiridos. Seu território foi se estabelecendo como um espaço de vida cheio de experiências. A vida estava repleta de trabalho intenso, águas, animais, aves, mata, flores, frutos, odores, medo, mito e a solidão.

Esses movimentos emanaram uma identidade que participa, mesmo com dificuldades e sofrimento, de uma ação afetiva ao seu habitat, tendo uma relação intrínseca com o espaço habitual, criado, transformado, percebido e vivido. Este território diz respeito ao ser que, dessa forma, deixa impresso a construção da sua identidade atrelada ao lugar.

A dimensão econômica e de estado são abordagens sempre presentes na questão do território. Porém, esta análise está na vertente que privilegia o espaço vivido do seringueiro.

2.3 – A EXPERIÊNCIA NO E DO LUGAR

Existe uma reflexão sobre a experiência vivida no e do lugar, sendo que NO representa o estar nele, viver nele e, o DO representa o pertencer ao lugar, ser dele no sentido de trabalho, de alegria, lazer, tristeza, crenças e valores adquiridos e significados.

2.3.1 – Lugar

O lugar é entendido como um centro de valor, estabilidade e permanência. É um ambiente de aconchego, proteção, subsistência, segurança e harmonia. O lugar é onde se

apreende e une o conhecimento das experiências vividas cotidianamente. Então, o sentimento afetivo pelo lugar é influenciado pela pausa reflexiva do conhecimento, necessidades e durabilidades de ações. O lugar é recheado por sentimento quando existem significados nos modos de vida construídos no dia a dia. Desta forma, Tuan (1980) define como topofilia o elo afetivo entre a pessoa e o lugar. A noção de espaço envolve todo o sentimento e a percepção dentro de um complexo de ideias. O pensamento cria sentimentos, formas, mitos e forças dando atributo ao lugar, reconhecendo os habitantes para manter-se no espaço. A valorização do contexto ambiental e os aspectos de magia e encanto para com o lugar são sentimentos que caracterizam o mundo vivido destes grupos ou indivíduos, tanto seringueiros como caixas, caboclos, ribeirinhos...

O geógrafo Relph (1979) aprofunda as discussões da ligação do homem com o ambiente em que vive e afirma que esta ligação não é apenas topofílica, mas também topofóbica. Este mundo vivido é multifacetado, onde as experiências sobre as paisagens e os lugares combinam modos e atitudes que não são só afetivas, agradáveis, mas podem ser também desagradáveis. Para Relph, a Topofilia é uma descrição parcial da geograficidade proferida por Dardel e, muitos dos encontros do mundo vivido não são aprazíveis e levam as pessoas ou o grupo a ansiedade e até depressão. Assim, a geograficidade envolve bons e maus encontros com o ambiente experimentado. A geograficidade é, portanto, a relação cotidiana do sujeito, sua vida, o lugar e a terra. Estão diretamente ligadas com o modo de viver no ambiente, as experiências, atitudes e a riqueza de significados concebidos.

Os conceitos de lugar e espaço são bem detalhados por Yi- Fu Tuan (1980 e 1983), respectivamente. O lugar é onde existe significado afetivo, é o foco de emoções e sentimentos. Enquanto, o espaço, envolve movimento e percepção para a estruturação de objetos em intervalos de tempo passado, presente e futuro. À distância neste espaço não envolve somente a questão de estar perto ou longe, mas envolve a afetividade do ser humano com o lugar. Discutir esse espaço humano é ponderar dentro da experiência vivida no lugar. Assim, Frémont e Buttimer destacam o mundo vivido do ser, suas experiências do e no lugar.

O espaço vivido impetrado por Frémont (1980, p. 195) diz: “[...] através dos lugares, localizam-se os homens e as coisas. O lugar de habitat, a casa, é revestido de um valor excepcional pela sua universalidade, pela profundidade das suas significações, a riqueza das palavras exprime bem o fenômeno. [...]”.

Buscando as palavras de Buttimer (1985, p.166) que, também, faz suas considerações quanto ao habitar, temos:

“[...] Habitar implica mais do que morar, cultivar ou organizar o espaço. Significa viver de um modo pelo qual se está adaptado aos ritmos da natureza, ver a vida da pessoa como apoiada na história humana e direcionada para um futuro, construir um lar que é simbólico de um diálogo diário com o meio ambiente ecológico e social da pessoa [...]”.

Dessa forma, compreende-se o lugar como o espaço vivido das pessoas, onde estas se desenvolvem, interrelacionando com objetos, animais, fluxos de pessoas que são externos ao lugar, paisagem, ambiente natural, trabalho.

Nas palavras de Yi-Fu Tuan (1983) os lugares humanos variam em tamanho, sendo que uma poltrona pode-se tornar um lugar, o lugar do afeto oferece aconchego, outros podem se tornar lugares pela experiência vivida diretamente e cotidianamente. Os lugares apresentam características particulares de significados, estão cheios de sentimento, amor, fazendo com que o indivíduo ou o grupo tenha valores e atitudes para com o meio devido esta ligação de percepção e afeição diante de suas necessidades e sobrevivência.

O lugar para o seringueiro está repleto de convivência com os rios, matas, com o trabalho, rituais religiosos e culturais, alegrias e tristezas, enfim, com o cotidiano. Sendo este lugar uma realidade construída pela experiência, onde há envolvimento, sentimento, trabalho, segurança, desilusões; é o lugar vivido em partes, mas agrupadas em um todo.

Continuando com as considerações de Buttimer (1985), o dinamismo vivido está correlacionado com o diálogo existente entre a pessoa e o ambiente onde ela vive. Essa integridade proporciona uma experiência de vida com ritmos no tempo e no espaço, fluindo uma intersubjetividade, que aflora conforme a herança sociocultural.

Assim, o mundo é ativo, não fixo. As pessoas agem, exercitam tanto o corpo como a mente em trabalhos, sofrimentos e descanso. Fazem reflexões do dia a dia e se estabelece tomando atitudes que favoreçam o seu cotidiano, igualmente, os laços com o meio se aperfeiçoam e, o pertencimento a determinado grupo se manifesta em uma identidade construída na relação social e natural vivida cotidianamente.

O seringueiro, mesmo dentro de sua simplicidade e complexidade de vida na floresta e necessitando desta, marca presença no espaço e constrói sua identidade. Todavia o espaço passa a ser uma construção deste ser (sujeito) com organizações espaciais, que o diferem pelo seu modo de vida, por sua cultura. Dentro desta organização, o seringueiro utiliza a expressão “centro” designando que a casa está no centro da colocação, então, para cada colocação de seringal existe uma casa que é o núcleo e, as demais atividades estavam circulando este núcleo, assim como o barracão. Interessante é que o barracão para onde eram levadas as mercadorias, onde tinham os acertos das contas, onde quando picados por uma cobra eram

levados para tomar a injeção própria contra o veneno, mas este não era tido como centro na visão do seringueiro. Ressaltamos que para nós este barracão seria o centro, pois era ali que se concentravam o monopólio da aviação e dos produtos extraídos da floresta, como o centro comercial de uma grande cidade. Porém, para eles, a designação partia da casa como referência. Para Tuan (1983, p.44) “O prestígio do centro está bem determinado. As pessoas em todos os lugares tendem a considerar sua terra natal como o “lugar central”, ou o “centro do mundo”. Assim, entende-se que a casa do seringueiro era o centro da acomodação, do descanso, da família, era o que de fato eles tinham como “seu” pertencimento.

Observa-se, então, na voz do seringueiro, a condução da vida e de seu trabalho pelo “Centro” quando este fala sobre a estrada de “Centro” é no sentido de estar distante da sua casa, que assume o valor de centro da colocação. O cortar a seringueira, o roçado, o rio é o espaço que circunda a casa. Percebe-se também, nas explicações da extração do látex que a direção do corte da seringueira começava pelo lado direito da estrada, pela facilidade, mas já estava no íntimo a ligação com o lado direito do corpo. Tuan (1983) ressalta a cultura de muitos povos do oriente, principalmente, europeu que tem o lado direito como o lado sagrado, de luz, o lado bom, dos vivos, enquanto o lado esquerdo é tido como o lado profano, escuro, maléfico.

Considerando as palavras de Leite (1998, p.11) “O lar é onde a vida começa e termina: é o principal referencial de existência da espécie humana na medida em que este é a forma concreta do abrigo, da proteção contra as intempéries e outros perigos potenciais”. A casa, ou seja, o lar é suporte máximo para um cotidiano.

Dessa forma, o termo modo de vida é utilizado por e para seres humanos, pois a descrição vivida de um lugar é vivenciada na memória e o passado, minuciosamente, vai desvendando os acontecimentos, fatos, as criações artísticas, as técnicas de trabalho, a sobrevivência, os sentimentos, as crenças, as atitudes, as formas de perceber a natureza como condição de vida humana e a si própria como produtores de modos de vida.

Destarte, o espaço e o lugar se fundem quando o espaço é preenchido de valor, significações e vivências. O espaço deixa de ser dimensional, mensurável, passando a ser humanizado com atributos experimentais. O espaço é uma necessidade tanto material para a produção social e econômica, bem como quesito onde o imaginário e o espiritual qualificam-no, enquanto lugar. O espaço quando se torna inteiramente familiar, conhecido, penetrado, tem-se elo de comunicação e significados de valor para um grupo, tornando-se o lugar de proteção.

A experiência de uma cultura em um lugar influencia na interpretação do ambiente em que vive. Ali a mente, o cognitivo, procura dar significados para as vivências de acordo com as intencionalidades para cada fenômeno apreendido. Quando se encontra um referencial familiar, ou da cultura do grupo, o indivíduo sente uma experiência emocional, reconhece o seu lugar. Para Tuan (1983, p.89-90), o homem não precisa de um poder societário para organizar-se no ambiente, ele confia na sua competência e habilidades:

“A natureza pode ser hostil e enigmática, mas o homem aprende a compreendê-la, extrair-lhe significado e, quando isso, é necessário a sobrevivência [...] O indivíduo não depende do poder de uma sociedade organizada para dominar a natureza. Ele confia em sua própria engenhosidade e força.”

Igualmente, para a sobrevivência, os seringueiros precisaram conhecer bem a floresta, os rios e seus perigos, mas conhecer-se a si mesmo era fundamental, pois era através de sua profunda força física e psíquica que impulsionava sua resiliência. Necessitavam de estreitar o elo entre eles e o ambiente, permitindo relações afetivas, como medo, confiança, imaginação, crenças e valores para o sucesso da vida na floresta. Nesse sentido, há desenvolvimento de habilidades e conhecimentos pessoais, como visão, percepção, intenção, acuidade e alteridade. O seringueiro não mortifica o ambiente porque se sente parte dele; é da natureza que retira sua vida, sua sobrevivência, seu lazer, seu trabalho, etc.

Diante destas abordagens sobre o lugar de afeto e pertencimento vale ressaltar que Tuan é um dos geógrafos mais consagrados na Geografia humanística, porém, este conceito tem passado por várias interpretações no decorrer da análise neste campo do conhecimento. Assim, o tempo em um determinado lugar pode não trazer experiência. Se o ser humano não experienciou a vida neste lugar, pode não se identificar com ele e, deste modo, não ter a afetividade e o pertencimento, então, os lugares anulam o centro de significância, sendo assim, não lugares.

Assim, Serpa (2007, p.37) propõe que sejam revisitados os conceitos de mundo vivido e intencionalidades, pois, dentro de novas culturas transversais não seria possível perceber novas realidades. Ele questiona a necessidade de raízes e segurança no lugar se as culturas transversais e novas mídias adentram os lugares no mundo contemporâneo, então, como percebê-las?

Este trabalho, entretanto, não tem enfoque dentro desta concepção por entender que os seringueiros, realmente, tiveram o seu mundo vivido (a colocação com estradas de seringa, casa, o quintal, roçado, igarapés, rios, etc.), tendo o lugar como base de suas experiências e

intencionalidades. Tornou-se lugar pelos significados e valores impressos nele e, estes construíram uma relação de afetividade e pertencimento.

Hoje, com as multiterritorialidades-rede, os seringueiros são fluxos e recebem novos valores econômicos e culturais, pois a cultura não é estática e precisa de movimentos para sobreviver às diferenças procedidas pelos diferentes grupos sociais, econômicos e culturais, porém, isso não quer dizer que os seringueiros abandonaram seus hábitos e costumes; eles acresceram novos valores que caminham com outras culturas como as do migrante do centro-sul do país. Relacionam-se com outras pessoas, ensinam remédios caseiros e procuram aprender novas atividades como, por exemplo, fazer o pão para vender, o trabalho na serraria, diarista, cozinheira e etc.

Assim sendo, o conceito de MODOS DE VIDA aqui considerado refere-se a análise do cotidiano do seringueiro nas dimensões do conhecimento, experiências e do saber fazer, dentro de suas técnicas e habilidades adquiridas no dia a dia.

2.3.2 – Memória - Essência Histórica

Resgatando a história de vida passada e presente do seringueiro dá-se voz a um silêncio vivido por pessoas simples, mas com grande importância na história de um povo, de um grupo. Vamos transcrever essas vozes, através das lembranças que estão armazenadas na memória e presentes na vida cotidiana.

A memória volta-se ao íntimo do cotidiano das pessoas, valoriza seu passado em uma correlação com o presente e futuro. A busca pelo sentido com relação ao tempo e espaço passado faz ressurgir lembranças que estão guardadas por quem vivenciou uma história passada de geração em geração dentro de um espaço vivido. Resgatar a vida cotidiana do seringueiro e o seu ressignificar fora da sua concha embrionária requer uma atenção quase “subterrânea” do passado que está vivo dentro do sujeito da história.

Nas abordagens de Tedesco (2004, p.27), ele enumera o envolvimento do estudo da memória, percorrendo os caminhos do tempo (período da história de vivência), lembranças das ações e práticas do dia a dia, narrativas, oralidades, subjetividades, fatalidades, etc. Desta forma, afirma que adentrar o mundo das experiências das pessoas ou grupo social é um convite a reviver o “eu” do outro, entendendo as suas complexidades.

Tedesco (Ibidem) registra o que Le Goff dizia sobre o valor dos “homens-memória”, sendo os “velhos venerados” por terem a função de garantir a historiografia da família ou do grupo. A memória encontra unidade quando existe a intencionalidade do que melhor lhe

interessa armazenar. Nesse sentido, essa intencionalidade proporciona entendimento no campo da fenomenologia, pois a experiência vivenciada transporta a presença da consciência no desencadeamento das ações e práticas das vivências entre passado e futuro.

Desta forma, a memória tem a capacidade de conservar informações para atualizar e reconstruir o passado, com auxílio da consciência psíquica, bem como esquecer as experiências. As intencionalidades velem possibilidades e interesses na conjuntura de vida, assim, através da memória o passado e o presente se dependem. Exemplo: um ex- seringueiro não vive sem o seu passado porque nele estão as amálgamas da vida, a cultura, os valores, as crenças, os mitos, as atitudes, seu modo de ser, ver e viver. Não deixou toda sua história, seu aprendizado, acrescentam-se outras culturas ao seu modo atual de vida.

A memória também se apresenta como uma estratégia para interpretações e criação de sentimento de identidade, pertencimento. Não está silenciada. É nas narrativas que se torna possível descobrir e entender o mundo de um grupo, ou indivíduo, sua organização. A reminiscência, neste sentido, sucinta uma alteridade e dá possibilidades para o fortalecimento e a compreensão do modo de ser do outro.

Independentemente de buscar o “todo” da vida pelos fragmentos da história passada, a memória dá corporeidade e esperança às pessoas que repassam sua vida. É o momento do aparecer, ou seja, do passar a existir para os olhos dos outros. É a sua cultura, sua tradição, perpetuando-se no espaço e no tempo. A memória narrada e escrita perpetua experiências individuais ou coletivas, recuperam emoções, trabalho, desejos... Traz à tona gente sem visibilidade, mas gente com história e modos de vida virtuosos que não são conhecidos e valorizados pela sociedade; são esquecidos pelo passar do tempo e pelo modo capitalista de produção e globalização dos espaços.

Assim, Tedesco (2004, op. cit. p. 44) amplia sua abordagem recebendo as palavras de Norbert Elias que defende:

“O cotidiano é um dado societável, cuja análise não pode estar desvinculada das estruturas sociais globais de poder; é um locus por excelência de interface da natureza e da cultura. A vida cotidiana dos homens continua a ser produzida a partir de dados culturais, como lugar da produção e reprodução dos ritmos socioculturais e de sua articulação com os ritmos siderais.”

Portanto, o cotidiano é aperfeiçoado pelas necessidades vitais surgidas no locus de vivência. Cada indivíduo ou grupo está inserido em um contexto social, onde são estabelecidos critérios ecológicos, econômicos e humanos para seu desenvolvimento. Assim, para a compreensão da vida cotidiana com seus ritmos habituais, faz-se necessário uma

sensibilidade no ouvir o outro dentro de sua subjetividade e de sua representação social embutida de significados.

Tedesco (2004, p.48) retrata, também, a dimensão fenomenológica da memória onde esta adentra por inteiro a vida cotidiana e do senso comum. Ressalta que:

“O senso comum deve ser percebido como dinâmica, como processo variável, histórico e contextual, como sistema de expectativas e como experiência. Esta última é importante frisar, pois é um vivido e um saber caracterizado na sua singularidade”.

No cotidiano das pessoas, o senso comum propicia regras que regulam implicitamente a nossa vida. Logo, a ruptura com esses laços naturais poderá gerar um conflito na organização das ideias e, no próprio cotidiano.

A memória dimensiona a esfera da construção do vivido, do histórico e do cultural. De tal modo, relembrar o passado não significa apenas, recordação valorizada e fragmentada, mas a busca pelo conhecimento. Dessa maneira, a memória também constroi a cidadania.

Quando se busca na memória as lembranças de um passado de experiências, o indivíduo tem uma probabilidade de vislumbrar algo que possuía, o seu eu, a sua vida, as raízes de sua identidade. As alterações da vida presente, em um mundo de tecnologias produzem modificações nas lembranças diante dos novos valores e alterações econômicas. Todavia, recordar contribui com a compreensão do modo de vida das pessoas.

Nas casas onde foram feitas as entrevistas, sempre as mulheres seringueiras, ou as filhas, apareciam com uma lamparina, recordando um passado que possui um significado de um tempo vivido outrora, diferente. Não tinha outro meio para iluminar a casa à noite. Tinham que viver com a lamparina utilizando-a para enfrentar a escuridão. É uma recordação que guardam e mostram para os filhos e netos que vivem em outra realidade com energia elétrica e, sem a energia reclamam da escuridão, da falta de televisão. A lamparina representa uma experiência vivida que está na memória. Era a luz, a claridade ao anoitecer. A casa iluminada por algumas horas removia um pouco da escuridão, e assim, podiam receber um vizinho, exercer os afazeres domésticos, como o jantar e ir ao defumador, contar histórias; trazia um momento de vida. A lamparina a querosene era de fundamental importância na casa do seringueiro. Nas fotos 03, 04 e 05, não com saudade, mas com emoção, dona Aldenira e dona Maria apresentam a grandiosa lamparina.



Fotos: ASSUNÇÃO, S.T. Foto 03 - D. Aldenira; Foto 04 - D. Maria; Foto 05 - Lamparina representando um passado que não sai da memória (o seringal). Extrema/RO, julho de 2011.

Tedesco (2004) absorve as palavras de Halbwachs, quando este, menciona que a memória individual é uma construção social, onde o lembrar, rememorar e reconstruir um passado depende do domínio das noções familiares de pertencimento do grupo, seu nível de relações e interações no espaço vivido. O movimento da memória é uma tentativa de reconstrução do passado a partir da inteligência dos indivíduos, estes quadros aparecem da constituição de experiências, onde a identidade individual e coletiva se correlaciona com a dimensão do vivido no tempo e no espaço.

O recordar, lembrar, memorizar depende de energias no presente para configurar o passado. Nesse entendimento, a memória social prevalece sobre a individual onde é manifestada uma pluralidade de vivências coletivas. Para tanto, a memória tem na linguagem um elemento socializador. Dentro da representação da linguagem há uma filtragem que proporciona estrutura e classificação das diferenças culturais na sociedade, são eles, os objetos, o jeito de falar, os tipos de alimentação, as danças, as crenças, os valores transmitidos pela oralidade, através da reflexão da memória pelas pessoas mais vividas, geralmente os mais velhos, na vida de um grupo, em um lugar, em um determinado tempo que constitui a identidade diferenciada para aquela sociedade.

Os bens simbólicos guardados manifestam a afetividade, as emoções vivenciadas em um passado que invoca recordação. Temos encontrado com os seringueiros alguns objetos que remetem ao passado, como a lamparina à querosene, a faca de cortar seringa, o balde de colocar o látex. Mas, é na memória que está viva toda a vida experimentada entre a floresta e os rios, entre alegria e tristeza, entre o trabalho e o descanso. A lamparina é um símbolo que

incorpora a vida, assim como, a canoa, o sernambi²⁰, a espingarda, o balde, a machadinha, o martelo, todos tinham ligação direta e afetiva com o seringueiro em seu viver na “mata”. Os utensílios, os equipamentos utilizados pelo seringueiro incorporavam-no ao lugar dando-lhe grandeza.

Bosi (2003, p. 7) ressalva que “As coisas que modelamos durante anos resistiram a nós com alteridade e tornaram algo do que fomos. Onde está nossa primeira casa? Só em sonhos podemos retornar ao chão onde demos os primeiros passos”. Desta forma, afirma que o sistema econômico condena as pessoas à mobilidade, assim o desenraizamento é condição desagregadora da memória.

A “leitura” da presença física de objetos no dia a dia que são colocados nas narrativas precisam ser interpretados fenomenologicamente, pois a pessoa apresenta objetos do seu modo de vida. Em um primeiro momento, ela visualizou “intencionalmente” o seu passado com uma interpretação do estar no tempo. Assim, hoje, quando um seringueiro continua a confeccionar um utensílio como no tempo do seringal é continuar mantendo o avivamento da memória e ligações com o passado. Em entrevista na casa do ex-soldado da borracha, Sr Ripardo, ficou evidente sua ligação com o passado. Apressado e agitado foi confeccionando com muita rapidez uma faca de cortar seringa, isto para ele, é emocionante. [encomenda de alguns seringueiros de seringal do Acre]. As fotos 06 e 07 demonstram os utensílios utilizados para a confecção da faca para sangrar²¹ a seringueira.



Fotos: ASSUNÇÃO, S.T. Foto 06-Utensílios utilizados para confecção da faca; Foto 07 - Confecção da faca. Extrema/RO, julho de 2011.

Para Bosi (Ibidem), um objeto ou é biográfico ou signo de status e entraria para a intimidade do sujeito fazendo parte de sua história de vida. Assim, guardar algum objeto do

²⁰ Uma liga da goma da borracha que utilizavam para amarrar utensílios como o saco de carregar o látex

²¹ Termo utilizado pelo seringueiro para fazer o corte na seringueira de onde sai o látex.

passado é, particularmente, dar continuidade a uma vivência, ao uso desse objeto como um significado para a vida dos vivos; é a continuidade da história. O objeto biográfico caminha com o sujeito, passando pela história de vida passada e presente, está no íntimo, no seu interior. O objeto de status é passageiro. Sobrevive, apenas para sustentar um momento da história, não caminha na história.

Ainda em Bosi (2003, p. 11), “A memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas porque se relacionam através de índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo”.

O sair do seu lugar de pertencimento, da cultura de vivências, desestabiliza valores e atitudes e, a memória faz reviver os fatos e acontecimentos, porém, outros ficam distantes do pensar, pois não estão cotidianamente sendo revisitados. Assim, a história contada, narrada, falada, cantada, renova o gosto pela vida, pois traz a história de vida de um indivíduo interpretada e vivida no coletivo.

Em seu estudo sobre memória e sociedade, Bosi (1994) faz uma releitura de Bergson e Halbwachs quanto à análise da memória. Aponta que Halbwachs não defende a memória pronta, individual, mas os “quadros de memória” relacionados à memória coletiva, ou seja, a memória como um fenômeno social que consiste no modo de agir, pensar e sentir exteriores aos indivíduos, difundido por uma força de poder coercitiva que lhe impõe. Ele afirma que a memória é um exercício, um trabalho refletindo um passado como ele foi. Para isso, depende do relacionamento da família com o grupo em que vivem. Enquanto Bergson retrata a memória da subjetividade pura (espiritualidade) e da memória material ativada pela percepção da experiência vivida. Centra-se na percepção/ideia e a lembrança, onde a ação interage com a percepção representando simbolicamente a percepção. A lembrança é descrita e explicada. Assim, afirma que “A memória seria o lado subjetivo do nosso conhecimento das coisas” (BOSI, 1994, p.47).

Compreendendo a memória narrada por velhos, Bosi (1994, p. 60) salienta que [...] “ao lembrar o passado, ele não está descansando, por um instante, das lidas cotidianas, não está se entregando fugitivamente às delícias do sonho: ele está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida”.

Observa-se que na memória dos velhos, as narrativas transportam para um passado que parece distante, mas está intrínseco ao seu ser. Em uma das entrevistas na casa do senhor Manuel e de dona Francisca, 82 e 79 anos, respectivamente, dona Francisca apresenta um grande amor pela vida que vivia nas matas; ela contava com muita alegria sobre o roçado, o

corte da seringa, como lavava as roupas, quando ia pescar, como era a criação dos filhos, os remédios caseiros que usavam. Mas, Sr. Manuel, cansado, atingia com o olhar o horizonte; seus pensamentos saíam de si transportando-o a outra dimensão vivida, com o olhar penetrante parecia estar no seringal, cortando, retirando o látex. Por um momento foi perguntado sobre o que ele estava lembrando, então, ele começou a falar, contando toda a história de trabalho que vivenciou... De tal modo, ele estava ocupando sua mente com o passado, que ainda é substância na sua vida.

Assim, o estudo dos modos de vida dos seringueiros está inserido no tempo e no espaço dentro de uma sociedade em um determinado momento da história vivido. Refletindo, hoje, um antepassado que edificou um grupo com identidade significativa em meio à floresta, onde a tecnologia era desenvolvida por eles para a sobrevivência na selva, sua história é marcada pelos perigos das cobras e das onças, com o trabalho árduo no corte da seringa, com hábitos e valores construídos pelos saberes desenvolvidos no cotidiano de suas vidas e, sem ter contado com o dinheiro que lhes era denegado.

Para Weinstein (1993), as implicações sociais e econômicas do sistema de aviamento foram de longo alcance, sendo que a estrutura do processo de acumulação externa do capital inibia o desenvolvimento significativo do mercado interno. Os seringueiros não dispunham de dinheiro, dependiam de comerciantes e recebiam a mercadoria por preços exorbitantes em troca de sua borracha. Essa mercadoria era insuficiente para suas necessidades básicas diárias, assim, precisava recorrer a atividades de subsistência que tinham na família seu apoio fundamental, o plantio de mandioca, a caça, a pesca...

As consequências da produção da goma elástica na Ásia colocou o seringueiro da Amazônia no abandono, mas abriu caminho para uma maior liberdade na busca por um trabalho que não fosse compulsório, trazendo com isso, alternativas na produção para a subsistência.

Dessa parte, segue-se o terceiro capítulo revivendo a vida cotidiana do seringueiro e sua resiliência frente às dificuldades encontradas.

CAPÍTULO III – O COTIDIANO E A BUSCA PELA RESILIÊNCIA NO SERINGAL



Foto ASSUNÇÃO, S.T. Foto 08 – Rio Abunã /Extrema/RO - Brasil/Bolívia, setembro de 2007.

RESILIÊNCIA...

A resiliência reforça os sonhos e a esperança. É a busca constante por sobreviver, impulsiona a ação, a intuição e a imaginação para o agir. É a arte humana de ultrapassar sofrimentos na busca do “ir além” chegando ao eu transcendental, protagonizando superação positiva aos obstáculos vividos. (Sandra Teixeira de Assunção, 2012)

III – O COTIDIANO E A BUSCA PELA RESILIÊNCIA NO SERINGAL

3.1 - A RESILIÊNCIA DOS SERINGUEIROS

O enfoque sobre a resiliência tem ganhado destaque nas ciências humanas por comportar um dos potenciais do ser humano que é sua capacidade de responder positivamente às adversidades enfrentadas na vida cotidiana. Essa discussão busca uma reflexão acerca do indivíduo, sua relação social e ambiental, bem como o seu modo de vida.

Soria *et all* (2007) afirma que a resiliência é a capacidade física, biológica, política, social e psicológica que o indivíduo possui para enfrentar e vencer as dificuldades, transformando e/ou fortalecendo-as em experiências novas. Ressaltam que este conceito não é novo e vem atuando em diversas disciplinas, como: física, matemática, medicina, engenharias, psicologia, geografia, biologia, entre outras. (grifo meu)

Segundo Barlach (2005) e Soria *et all* (2007), O cientista inglês Tomas Young(1807), ao introduzir o modo de elasticidade em seus experimentos, aplicou a relação de força a um corpo e, como este corpo reagiria a esta força. Até que ponto aguentaria para alcançar a deformação? Assim, os cálculos das forças foram conhecidos como “Escala de Resiliência”.

Seguindo este princípio, a resiliência começou a ser estruturada nas ciências sociais pelos estudos de Emny Werner que, desenvolveu uma pesquisa por mais de 30 anos, sobre a vida social de um grupo com extrema pobreza na Ilha Kauai (Havaí). Nesse estudo, Werner averiguou a capacidade de adaptação e transformação social ocorrida com o grupo, dentro de condições diferenciadas na genética e, cognitivamente.

Desta forma, Barlach (2005, p. 28) enfatiza que a resiliência nas Ciências Humanas é “A capacidade de um indivíduo ou grupo de indivíduos, mesmo em um ambiente desfavorável, construir-se ou reconstruir-se positivamente frente às adversidades”.

Portanto, entende-se que a resiliência tem suas raízes no processo de desenvolvimento humano, sendo o ambiente de vivência o grande influenciador. A luta, os sonhos, a esperança, o amor e a autoestima favorecem o exercício da resiliência em uma pessoa. Afirma Donice (2008, p. 2):

“Nós seres humanos, somos corpo, emoção, mente e espírito. Por outro lado nossa existência individual ocorre nos campos, familiar e sociocultural (político, econômico, histórico) e ambiental (ou cósmico) com os quais iremos mantendo relações de interdependência vital.”

Neste caminho, dar-se-á ênfase à Resiliência do seringueiro na trajetória de sua vida para resistir às dificuldades no trabalho e às intempéries da floresta. Nas palavras de Cyrulnik (2001), o sujeito edifica sua resiliência na realidade vivida. Sua história é construída quotidianamente num processo particular de vivência e experiência. A realidade pode ser ameaçadora e colocar em risco a qualidade de seu viver, então, o sujeito mergulha em meio aos problemas, mas o contexto afetivo, social, cultural e ambiental são fenômenos que se articulam entre si e ajudam na capacidade de superação.

A Resiliência, portanto, é um conceito com várias possibilidades de estudos e pode contribuir com a compreensão dos modos de vida do ser humano que é repleto de adversidades ou não ao longo de sua existência. Dentro da Geografia abre-se caminho na experiência vivida do ser humano entrelaçada com o lugar. O ser resiliente busca agir dentro de “intencionalidades” para melhorar a sua condição de vida. Os obstáculos vividos são o início de uma batalha para que o indivíduo descubra toda a sabedoria existente dentro de si, tanto no campo imaginário, intencional, espiritual como também no meio ambiente para superar e continuar a viver.

Voltando-se aos seringueiros, pode-se afirmar que sua resiliência passa pela percepção, sentimentos, dinâmica interacionista e compreensão da realidade vivida, entre eles e o seu ambiente. Assim, pode-se questionar: quais os fatores que levaram os seringueiros a desenvolverem a capacidade de superação às adversidades vivenciadas em meio à floresta e, hoje na cidade?

Os seringueiros, tendo um antepassado de mudanças complexas e sofridas desenvolveram conhecimentos e habilidades para superar os medos, as angústias, como também já estava em suas vidas à luta, a perseverança e a superação. Persistissem por uma vida melhor, por sobrevivência. Eles vinham de lugares de intensa pobreza, fome e seca. Precisavam adaptar-se ao novo modo de vida correndo perigos com doenças, mosquitos, indígenas, cobras, onças, isolamento, a falta de alimentos, dívidas, solidão. Verifica-se, então, que o seringueiro estava amarrado às tramas do sistema de aviamento²². Não tinham como fugir das enlaças do patrão, assim, foram vivendo e se organizando, construindo um novo saber, com elasticidade que provesse forças e equilíbrio para a superação. Vale salientar que este mesmo ambiente hostil também é o ambiente que lhe dá a vida por sua confiança e perseverança para a vida.

²² Na base encontrava-se o seringueiro-estrator, o único produtor de matéria-prima vegetal; em seguida vinha o seringalista-proprietário e patrão do seringal, acima vinham às casas aviadoras que abasteciam os seringais e por último as casas exportadoras... Verdadeiras financiadoras de todo o sistema produtivo (Martinello, 2004, p.51)

Soria *et all* (2007, p.5) enfatizam ainda que existem definições diferentes para o conceito de resiliência, entre elas ressalta-se a Resiliência-Social-Ecológica sistêmica, sendo considerada como, uma “capacidade que um sistema social tem para poder absorver processos de autodesenvolvimento, tendo condições não só de resistir à adversidade, mas de utilizá-la em seu processo de desenvolvimento social inter-relacionando ao ecossistema”.

Dessa forma, ela é dependente das características econômicas, sociais e naturais em que o indivíduo ou grupo vive, e isto, implica também em comportamentos mediante, os valores, crenças e hábitos estabelecidos. O seringueiro vivenciou a inter-relação com o ecossistema. Ao ser expropriado da floresta, corta-se este vínculo e a dependência dos recursos naturais. Segundo Moita Neto (2006), “a resiliência ecológica mede o maior ou menor grau de recuperação do ecossistema em um determinado tempo”. Sendo assim, esta pesquisa não tem este enfoque e, dentro desta perspectiva, estudos futuros poderão abordá-los.

Com o estudo na capacidade do indivíduo, Grotberg (2005, p.17), destaca que a resiliência requer uma intensa dinâmica entre os fatores que conduzem uma pessoa a ser resiliente, as categorias se dividem em: “escala social, habilidades e forças internas”. A resiliência não é uma simples resposta à adversidade, mas é um processo que incorpora o compromisso com o comportamento resiliente – “eu tenho” (pessoas ao meu lado-família, amigos), “eu sou”, “eu estou” (habilidades) e “eu posso” (competência interna) são fatores para enfrentar a adversidade e estão ligados diretamente ao crescimento e ao desenvolvimento humano. Desde bebê a criança recebe estímulos resilientes que vão se desenvolvendo durante as necessidades surgidas no decorrer da vida. Neste contexto, Infante (2005, p.26) ratifica a interação entre o indivíduo e as influências do meio ambiente para o seu desenvolvimento humano e aponta 3(três) componentes essenciais para a resiliência, sendo: a noção de adversidade, trauma, risco ou ameaça ao desenvolvimento humano, adaptação positiva ou superação da adversidade, e o processo que envolve mecanismos emocionais, cognitivos, socioculturais e ambientais que influenciam no desenvolvimento humano.

A resiliência é entendida como processo, por este, apresentar uma interação dinâmica entre os fatores cognitivos, familiares, afetivos, emocionais, culturais, socioeconômicos e ambientais. Para Infante, há uma mudança do modelo de concepções quanto à resiliência e que a adaptação resiliente é responsabilidade de toda estrutura que o rodeia (2005 p.34-35):

“As pesquisas em resiliência mudaram a forma como perceber o ser humano: de um modelo de risco, baseado nas necessidades e na doença, se passou a um modelo de prevenção e promoção, baseado nas potencialidades e recursos que o ser humano tem em si mesmo e ao seu redor [...] Um

indivíduo que não mais apenas “carece” e “adoece”, mas que é capaz de procurar seus próprios recursos e sair fortalecido da adversidade [...]”

O seringueiro desenvolveu grande conhecimento sobre as florestas e os rios, pois muitos conheciam apenas a seca e uma vegetação de caatinga no nordeste brasileiro. Com o passar do tempo e da história repassada de pais para filhos, os seringueiros foram cada vez mais desenvolvendo habilidades de superação e conhecimento com a vivência e experiência. Instituíram crenças, valores e atitudes. Construíram utensílios e formas de pescar sem anzol, o plantio de leguminosas e a roça para a sobrevivência. Hoje, vivendo fora do seu “natural habitat” são sábios dentro de seu modo de vida particular. Os seringueiros e seringueiras guerreiros de uma longa história e trajetória de vida têm conseguido morar na cidade, fazendo arranjos estruturadores e carregam consigo o fogão a lenha o fogareiro de lata e barro, as casas são construídas tipo palafitas.

A propriedade privada que impõe os limites para pescar, caçar e colher a castanha; os desmatamentos e as queimadas com os quais não estavam acostumados foram preponderantes para sua exclusão (ASSUNÇÃO, 1999) e, uma nova forma de viver surgiu no mundo urbano, então, mais uma vez estão superando as adversidades. Este é o seringueiro resiliente, que caminhou entre os varadouros das matas e, agora entre as ruas da cidade. Assim, diante das transformações ocorridas em suas vidas e, para sobreviver à vulnerabilidade, o risco, a dependência, a exclusão e a pobreza foram capazes, dentro da conjuntura vivida tanto nas florestas como na cidade, de reconstruir-se.

Deste modo, o que caracteriza um indivíduo ou grupo em ser resiliente ou não é o que assinala Barbosa (2010, p.1) “É o conjunto de suas crenças que possibilitam uma postura de transcender os empecilhos na vida, de ler o ambiente e outras pessoas com acuidade e de imaginar um futuro com superação. As pessoas resilientes são reconhecidas na literatura como os “sobreviventes”, uma vez que resiliência é por excelência – sobrevivência”.

Os seringueiros foram OS SOBREVIVENTES, pois desenvolveram uma capacidade ímpar de superação. Foram além do que viviam e imaginavam para si, deram sentido a suas vidas em meio ao desgosto, tristezas, poucas alegrias e angústias. Foram capazes de transcender o momento sofrido e elevar-se frente às encruzilhadas. Ainda hoje, eles têm capacidade, coragem de enfrentar as alterações no dia a dia de suas vidas e, resolver com inteligência estes percalços. Não se dizem tristes, gostam da vida, mas esperam ser reconhecidos. Muitos querem um “canto” para criar animais e aves, plantar e colher, arejar, sossegar-se. Os aposentados dizem ter que se acostumar na cidade, não gostam, mas pela

idade e saúde preferem ficar na cidade com nova adaptação aos ritmos que vibram a vida citadina. A resiliência, por conseguinte, é uma competência e, um conjunto de habilidades que o indivíduo tem para enfrentar as disparidades vividas.

3.2 - O ESPAÇO VIVIDO

O espaço vivido, segundo Buttimer (1985), é reconhecido mediante as experiências que são construídas no dia a dia. Sendo o ser humano cognoscitivo, ele influencia o significado e a intencionalidade da sua consciência. O mundo vivido é dinâmico, experimentado, não pertence apenas a fatos isolados, comercialização, negócios, este mundo compreende os valores apreendidos e os bens instalados.

Desta forma, Buttimer (ibidem, p.78) expressa que “cada pessoa está rodeada por “camadas” de espaço vivido, da sala para o lar, para a vizinhança, cidade, região e para a nação”. Assim, o habitar está em correlação com a natureza ambiental e social do sujeito no lugar. O mundo vivido reflete, basicamente, sobre o horizonte com seus significados, dentro de dimensões intencionais. As pessoas dentro dessa realidade interiorizam um comportamento de valorização de si e das coisas dentro de um significado contínuo no tempo e no espaço.

Ao descrever o espaço vivido é importante reconhecer os modos de vida tanto subjetivo como objetivo, valorizando, portanto, o sujeito da ação vivida. Para Buttimer (ibidem, p.185) “O mundo vivido na perspectiva geográfica, poderia ser considerado como o substrato latente da experiência”.

Pode-se considerar o trabalho do seringueiro como sendo “ecológico” na natureza, fazendo parte desta, ele aproveita o chão, a água, a floresta sem dar prejuízos desastrosos. É um trabalhador que, dentro da maneira rudimentar de ser e viver com sua sabedoria, proporciona tecnologia para manter a vida. Viviam/vivem com uma cultura e um modo de vida próprio, com valores e representações construídas no cotidiano da floresta. Para eles, a saudade do lugar, do seringal, das festas, dos rios, das matas, do cantar dos pássaros e da fartura é imutável.

Nas entranhas da floresta densa, em muitas casinhas de palafitas, cobertas com palhas de coqueiros babaçu, buriti, jarina, sapé e oricuri, viviam pessoas (seringueiros) que constituíam laços afetivos com seus vizinhos e com a terra, ou seja, com a floresta, os rios e os animais. Pois, era nessa floresta que encontravam maneiras de saciar os desejos físicos, fisiológicos, biológicos e da alma. Como sobreviver na floresta com tantas amarras no

trabalho, com a solidão, falta de alimentos e bichos perigosos? Como lidar com uma floresta úmida vindo de uma região seca e de caatinga? Tiveram que aprender no dia a dia, fazendo caminhos e trilhando uma história longe do deserto seco, mas penetrado no deserto da solidão.

Portanto, na perspectiva resiliente, o seringueiro possui uma interface entre o ser resiliente e sua criatividade. Ele é capaz de criar condições para enfrentar as adversidades, e essa conduta resiliente impulsiona-o à ação, à tomada de decisão e a uma inovação.

Quando a referência está no mundo vivido, pode-se buscar também, em Relph, o entendimento para este conceito. Relph (1979) assegura o mundo vivido sob três aspectos importantes observados por Husserl: o natural, o social e o geográfico.

Este mundo vivido vincula laços de costumes e hábitos para a eternidade. São os lugares e as paisagens de pertencimento que são carregadas na objetividade e na intersubjetividade do sujeito. Apoiado na sustentação de Husserl, Relph (1979, p.5 e 6) descreve o mundo vivido da inter-relação homem e ambiente, ou seja, o mundo das experiências pessoais, representados neste quadro, a saber:

MUNDO VIVIDO	
HOMEM ↔ INTERRELAÇÃO ↔ AMBIENTE	
Mundo Natural	Mundo Social ou Cultural
O ser humano está apenas inserido nele, porém, há sentimento, mas não há “modelagem”. É um mundo visto e sentido pelas pessoas que lhe dá significado, mas não o transforma.	É o mundo do contato entre as pessoas. Este mundo é aproveitado, transformado, construído e reconstruído. Mundo das velocidades do trabalho, das experiências, dos interesses, e também da ansiedade e dor.
Mundo Geográfico	
Existe fusão entre o viver no ambiente natural e o mundo social construído. É o mundo modelado pela prática humana e seus sentimentos percebidos. Torna-se o “lugar” que provê o sustento material e imaterial do homem. É o mundo construído pelo mundo natural e social. Dá sustentação a existência do homem. É o mundo do cotidiano, que se manifesta, se percebe, e se eterniza.	

Quadro 01: Mundo Vivido, elaborado por Sandra Teixeira de Assunção
Fonte: Relph (1979)

Neste contexto, é apresentado um mundo vivido, formado por pessoas e todas as atividades desenvolvidas por elas, sendo: a comunicação, a intersubjetividade, as

intencionalidades mediante os interesses, os transportes, os fluxos de mercadorias, as relações que se estabelecem neste processo homem- ambiente-ação-reação.

O cotidiano no e do lugar transforma a experiência vivida em conhecimento para o presente e o futuro. A sabedoria é adquirida com a prática vivida. Assim, buscando fazer uma geografia fenomenológica, procura-se destacar as experiências concretas do seringueiro e, diante destas experiências, demonstrar que o aprendizado em um determinado tempo foi organizado para a sobrevivência e superação das dificuldades, que a dinâmica populacional muda conforme as exigências capitalistas contemporâneas, mas, mesmo assim, o modo de vida dos seringueiros não parou no tempo, ele é dinâmico, dialogado com novas experiências, mas guardando suas experiências passadas e incorporando novos conhecimentos. A experiência no cortar a seringueira está viva na memória de muitos seringueiros que, ao recordar, apesar do sofrimento que viveram, expressam alegria de trazer ao pensamento um tempo ficado para trás que lhes trouxe muita experiência de vida. Sentem saudades da riqueza quanto à comida, a saúde, a tranquilidade que tinham. A cada lembrança dos entrevistados, a inquietude e a vontade de falar estavam presentes; queriam expressar e deixar registrado seu modo sofrido, mas astuto de ser seringueiro.

Dessa forma, o senhor Francisco²³, antigo seringueiro, desenha um mapa e apresenta sua agudeza no conhecimento do seringal. Discorre sobre os caminhos percorridos na sua colocação para a extração do látex (leite da seringueira). É relevante que o sujeito da história, ao buscar na memória os elementos que o caracterizaram, tanto culturais e ambientais vai demonstrar, também, que a identidade ali formada em determinado tempo e espaço não é absoluta, se constroi pela necessidade de sobrevivência, que ainda vive no seu “lugar”. Ele ressalta que ali é sua fortaleza, que é um lugar onde se sente seguro, pois foi ali que ajudou seus pais a criar os irmãos e onde criou seus filhos. Em um dado momento desta conversa, Sr. Francisco, falando das dificuldades no seringal, disse que “não tem outra profissão mais sofrida que esta, a não ser estar preso, pois apanha.” A conversa estava só na base do diálogo, quando este quis detalhar o seringal, se ajoelhando para desenhar com o dedo no chão. Como absorver algo deste desenho no chão? Assim o caderno foi lhe entregue, pois a representação no papel iria ficar mais visível. Ele se prontificou e fez um desenho. A cada linha desenhada ia explicando a organização para iniciar o corte da seringueira, o lugar da casa e do roçado, a época do pique da castanha e como procediam aos trabalhos. Interessante que não colocou sua casa próximo ao rio Abunã. Nesse momento entendi a percepção dele, mediante o lugar onde

²³ Conversa informal com o senhor Francisco Tavares no dia 22 de abril de 2011, em seu lote - área rural.

vive, pois fica a uns 6 km das margens deste rio. Ele ainda acrescentou que o roçado tinha que ser pequeno pra não prejudicar as árvores da seringueira.

A vida como ela se apresentava aos seringueiros na época do seringal ficou fortemente marcada na memória. As lembranças são constantes e em detalhes. O modo de viver encontrou significados e laços para e com o lugar. Verifica-se, então, a resiliência presente na vida do seringueiro.

O senhor Francisco Tavares tem em sua memória os dias vividos no seringal e, com perfeição, desenha uma verdadeira obra de arte a forma circular da vida em uma colocação, onde ele vivenciou e pertenceu este mundo cotidiano de trabalho e exaustão. Exemplifica:

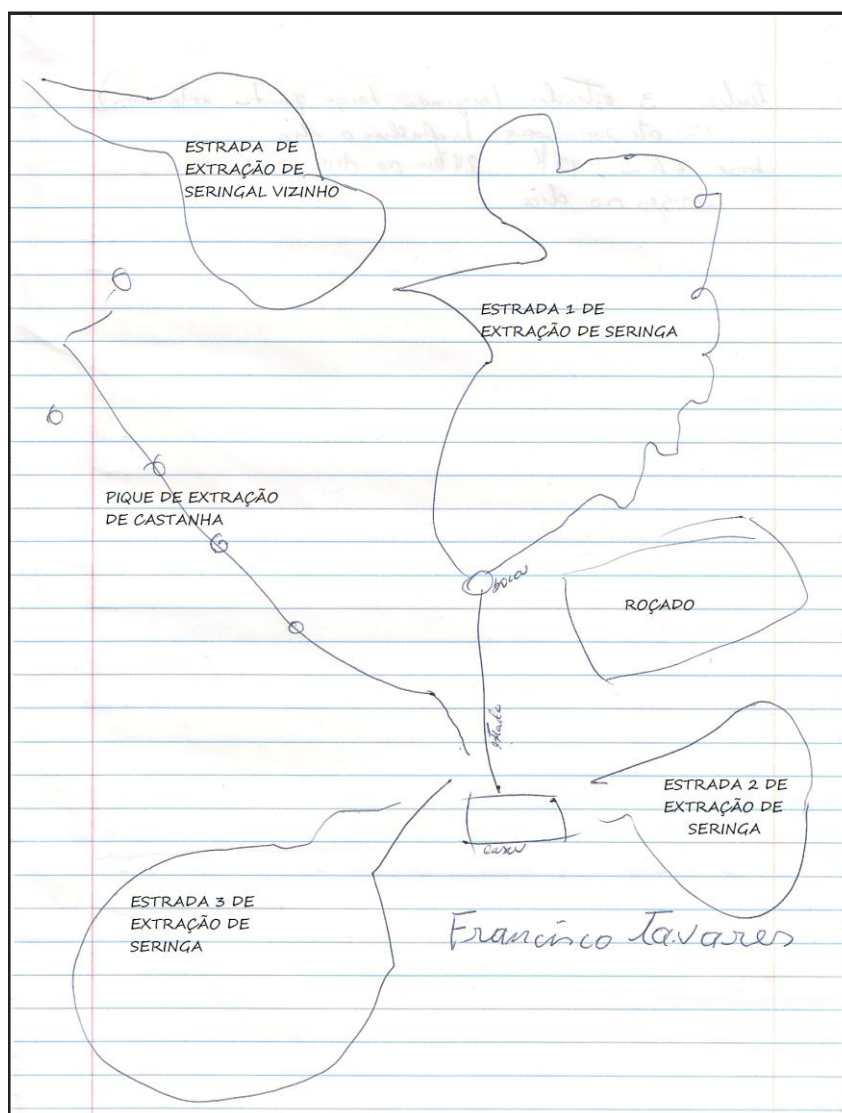


Figura03 – Mapa de uma colocação em um seringal – Desenhado pelo ex-seringueiro Francisco Tavares/abril 2011

Este mapa de localização, espaço vivido e percorrido apresenta a casa, as três estradas de seringa: uma de “centro” e duas de “boca”, o lugar do roçado, o pique da castanha

e uma estrada de outra colocação, podendo esta, segundo Sr. Francisco, até perpassar uma de suas estradas, não tendo restrições no deslocamento, ou sobre a propriedade. Tinha limite nas estradas a que colocação pertencia, mas o direito de ir e vir, dentro da mata, era livre. Ele relata que a partir da colonização, quando cada um ganhou sua “propriedade”, começaram os limites de não poder adentrar o que pertencia ao outro. Desse modo, na figura 04, o Senhor Francisco das Chagas, desenha um seringal com várias colocações, um espaço vivido dentro da Bolívia e reconhecido como um lugar de pertencimento, rico em alimentos onde encontra a sobrevivência em seus rios e na castanha até os dias de hoje.

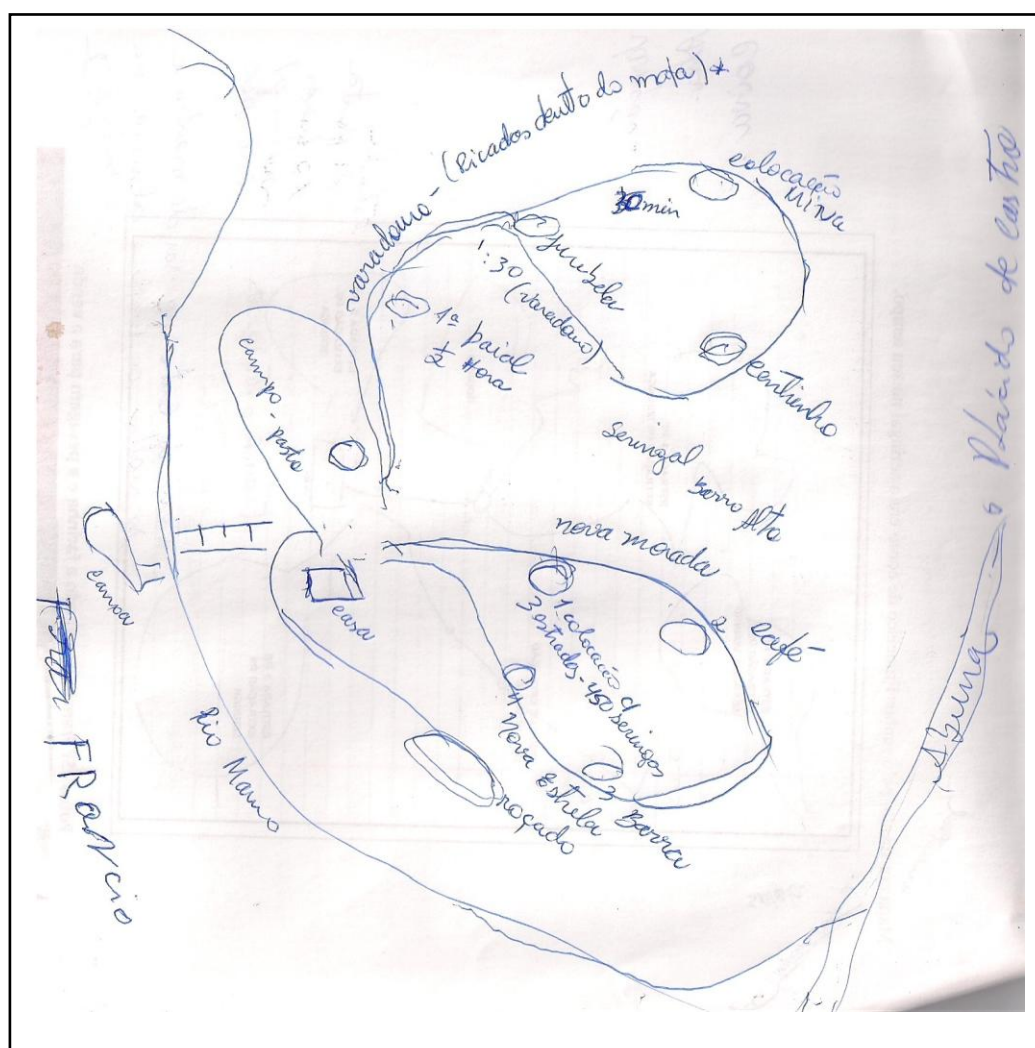


Figura 04 – Mapa de um seringal com várias colocações - Desenhado por Francisco das Chagas. Extrema, julho de 2011.

Ao construir este desenho, com muita calma, o senhor Chagas, como é conhecido, foi detalhando o antigo seringal na Bolívia. Diz que este é um lugar farto, tudo que se planta colhe. Bom para caçar, pescar e para viver. Viveu ali por 12 anos. Foi falando o nome dos rios

principais, o rio Mamu/Bolívia que deságua no Rio Abunã/Brasil/Bolívia e, continuou descrevendo todas as peças materiais que davam configuração à organização do seringal. Retratou a canoa, a escada no barranco, o pasto, a casa (barracão) o lugar do roçado e todas as colocações. Deste lugar, fala-se em retirada de 100 a 300 mil latas de castanha. Sr Francisco disse ainda ir lá, mas tiveram problemas com os bolivianos há uns 4(quatro) anos, então, desde 2007, o trânsito de brasileiros existe, mas está mais contido.

Motivando-se pelos desenhos e dentro de concepções reais na fala dos seringueiros entrevistados, sobre o trabalho cotidiano em uma colocação no seringal, abordar-se-á o modo de vida e o trabalho no seringal, que resultou em um processo constante de resiliência:

3.2.1- A extração do látex- A coleta do látex iniciava-se às 4 horas da manhã, cada colocação com um seringueiro tinha que percorrer 3 estradas de seringa por semana, sendo:

Na segunda-feira, percorria a primeira estrada por duas vezes. Uma para cortar e deixar a colha, até o horário do almoço. A outra para recolher o leite no período da tarde. Assim, seguiam-se os demais dias. Na terça-feira, percorria a segunda estrada e na quarta-feira, percorria a terceira estrada. Após concluir as 3(três) estradas, retornavam à primeira, dando um tempo de 3 dias para um novo corte. Quando chegava na quinta- feira, voltava-se na primeira estrada. Na sexta-feira, voltava-se na segunda estrada e, no sábado, voltava-se na terceira estrada, seguindo o mesmo ritual.

Eram seis dias de trabalho árduo. Não trabalhava no domingo por considerar um dia sagrado, o dia do descanso. Assim, descansavam no domingo e dias de santo ou feriado.

Senhor Osvaldo, ao falar sobre o seringal, disse ter passado pela Segunda Guerra Mundial “... Depois que tinha cortado seringa já há muito tempo, comecei a trabalhar de empregado, chegou o tempo da 2ª Guerra Mundial eu tava cortando seringa também, cortei seringa, 43, 44 e 45, aí larguei e voltei a trabalhar de empregado... (Senhor Osvaldo, 84 anos ex- Soldado da borracha).

Dona Aldenira, ao relembrar da vida no seringal, fala do sofrimento que viveu:

“[...] Sim do lado da Bolívia... os nossos planos era passar o tempo todo lá, porque era mais farto. Se a gente for pessoa que trabalha, não falta alimento, mais a gente trabalhava aí o patrão da gente chegava e falava “fica uma coisa pela outra”. Foram treze anos que trabalhamos lá e sempre assim, uma coisa pela outra [...] O seringueiro tinha que em uma semana fazer 60 kg de borracha, o que não fizesse era cortado e a mercadoria não vinha, portanto, muitos não podiam nem fazer um roçado de legumes, porque não tinha tempo... No domingo ele ia fazer o quê? No domingo era o dia deles tirar o cavaco pra abastecer pra semana [...]”.

Para ela, era muito sofrimento, mas tinha a fartura de alimentos, trabalhavam muito e não tinham lucro, sempre deviam ou o trabalho ficava apenas, para cobrir o aviamento.

Nesse trabalho, quando a estrada era de centro, percorriam um longo caminho chamado estirão até a boca da estrada, levando o almoço, onde deixavam a comida sempre em cima de um tronco ou árvore para os animais não comerem. Percorriam a estrada que não era reta, mas tinha formato de gota, principalmente, pelo lado direito e iam cortando até chegar a boca da estrada onde tinham deixado o almoço; almoçavam e logo tinham que sair correndo, quando escutavam os trovões, como afirma Sr Manuel (entrevista, 2011) “[...] Às vezes deixava até a comida na mesa. Quando escutava o trovão... trololoó.... Deixava o prato pra lá e pegava o balde pra não perder o leite, muitas vezes perdia o leite porque a água entrava dentro, aí não prestava[...]”

O leite extraído da seringueira era trazido nas costas, em saco artesanal construído por eles até o quintal para a defumação. Dona Francisca explica como faziam os sacos para carregar o látex:

“[...] agora, o saco de colocar o leite, a gente fazia e defumava, colocavam aquelas varas... O papai gostava daqueles que tem o fundo redondo... faziam aquela armação de cipó, aí colocava o saco dentro... aí ia defumando... pegava o leite da bacia ia molhando o pano, ia passando na boca do buião²⁴ aquela fumaça saía... aí que colocava no sol pra secar... ficava 3 dias no sol tirava e passava uma gominha de macaxeira pra não grudar... quando ia... levava pra despejar o leite dentro dos balde...dois desse(referia se ao balde que estava na mão) de leite despeja rapidinho..Tinha as ligas de sernambi que faziampegava aqueles taquari e colocava o leite dentro e, enchia de leite e fazia liga pra amarrar sacos de leite e não arreventava[...]”

Senhor Manuel, com o olhar distante dentro da entrevista, completou, “[...] Colocava a poronga²⁵ na cabeça, só levava o balde, o saco de carregar o leite, quando era estrada de porta só levava a faca, quando fechava... ia almoçar em casa [...]”.

Só paravam de cortar no mês de agosto de 10 a 15 dias no máximo, porque a seringueira estava florindo e, no período do inverno, de dezembro a março, devido à grande quantidade de chuva que estragava o leite (a seiva). Quando chegava a estiagem era o tempo de quebrar as castanhas e limpar as estradas.

²⁴ Boca da fôrnalha (D. Francisca)

²⁵ É um instrumento que o seringueiro usava para iluminar as estradas de seringa. Era feito de alumínio com um arco que colocava na cabeça, tinha reservatório para o querosene e um pavio.

3.2.2 - O defumador – era uma casinha pequena coberta de palha aonde defumava o látex. Faziam a fornalha cavada no chão e levantada com barro amassado; de um lado coloca-se o tacho com o látex; do outro, os cavacos pra fazer a fumaça que sai acima da fornalha, por onde o leite é defumado. Depois de defumada, a borracha era rolada em cima de uma tábua para ficar lisa.

3.2.3 - Sistema de cavaco – O cavaco era feito com as madeiras: breu, maçaranduba, castainho e laranjinho. Eram cortados na diagonal em partes finas de aproximadamente 15 cm. Ele é úmido só para dar fumaça. Mas, faz-se o fogo e joga-se os cavacos em cima. Dona Aldenira, que vivenciou esse processo, conta:

“... no domingo tinha que derrubar pau para fazer aqueles cavacos, e aquilo não era nem no motosserra, igual hoje em dia, que tudo que vai fazer é no motosserra... Era no machado e, a mulher que se virasse, enquanto, o marido tava tirando o leite... Ela tinha que abastecer a casa de defumação com aqueles cavaquinhos, tudo pra hora que ele (seringueiro) chegasse... Enquanto, ele estava defumando a gente tinha que estar enchendo aquela fornalhazinha pra não lhe atrapalhar, pois o látex secava rápido... Enquanto ele molhava e tava rodando a borracha pra secar o leite, a gente tinha que estar abastecendo... porque era difícil...”.

3.2.4 - A coleta da castanha - A castanha era coletada percorrendo o pique²⁶ quando estava no inverno vigoroso, pois não tinham como extrair o látex. Recolhiam a castanha e tinham que levar para o quintal ou embarcações. A castanha era colhida nesse período (dezembro, janeiro, fevereiro e março). Tanto as pélas como a castanha eram trazidas pelo seringueiro para o seu quintal, e colocadas debaixo de um barraco de palafita e os comboieiros buscavam no quintal, mas o seringueiro, também, ajudava a medir as latas de castanha e levavam para o barracão ou para o barranco do rio. Viam o preço e lançavam em “conta corrente”, ou seja, em blocos de notas fiscais no poder do gerente do seringal.

3.2.5 - A casa - As casas sempre de palhas com palafitas; próximas às margens de algum igarapé ou do rio Abunã e rio Mamu. A casa representava o descanso, o elo com a família, e o lugar de receber os amigos, vizinhos. Era o centro de pertencimento, onde, em algumas ocasiões, faziam festas. Sempre bem higienizada e organizada. Na cozinha, o fogão a lenha, recoberto com tabatinga branca, as panelas com um arranjo e brilho de impressionar.

²⁶ Uma estrada bem limpa e mais ou menos retilínea.

Dormiam em redes; até o casal gostava de se embalar. As plantas e flores faziam a ornamentação com um quintal continuamente bem limpo.

Dona Francisca lembra o sofrimento e as técnicas das mulheres quando iam lavar as roupas:

“[...] Bucha pra esfregar roupa que não existia, sou do tempo da bucha de sabugo de milho, sabe, que a gente fazia aqueles sabugos de milho enrolado, assim, numa folha do milho, pra esfregar as roupas dos moleques... Sabão em pó não conhecia, só sabão em barra que era aquele do jacaré, nem quiboa nesse tempo não existia, a gente pra ferver uma roupa, pra limpar, pegava uma colher de cinza jogava dentro da bacia da rubia, assim no terreno, como quem vai botar água pra pelar um porco, quando acabava... Botava aquela roupa dentro daquela cinza com uns pedaços de sabão daquele que eu estou falando, deixava ferver, ferver, ferver, botava numa bacia e levava a vertente, lá tirava aquilo todinho, tinha um quaradorzão de palha, estendia a roupa nele... No outro dia que você ia enxaguar, a roupa estava limpinha... Não precisava de quiboa[...].”

3.2.6 - O trabalho no roçado - Ficavam sempre para as mulheres e os filhos, pois os homens sempre estavam no corte e colhendo o látex. O plantio de mandioca, mamão, milho, batata, cará, o feijão de corda, arroz, a cana, o jerimum, cana para fazer rapadura... “O homem ajudava nos meses de maio e junho para fazer o roçado do mato porque a mulher muitas vezes não roçava, senão não tinha o que comer”. (D. Francisca)

Muitas vezes, quando o seringueiro ia fazer seu roçado (limpeza do mato) convidava os vizinhos de outras colocações. Todos ajudavam num sistema chamado de “adjunto” (mutirão). Depois, sempre comemoravam com um baile, comida a vontade, bolo (chamado pé de moleque - massa azeda de mandioca com castanha, açúcar, gordura de porco e ovos) e também a “cachaça” vinda do Pará.

Para o senhor Osvaldo, trocar dia de serviço “[...] se chama adjunto... Quando era pra botar o roçado juntava 20, 30 homens e botava roçado de um, e na outra semana botava de outro. É, mutirão, chamava de adjunto... Até o patrão fazia isso [...]”

3.2.7- A educação – No seringal não tinha escola; os filhos começavam a trabalhar com 8 anos de idade. Os seringueiros eram analfabetos e, seus filhos, por conseguinte, também. Os filhos tinham que ajudar no corte para produzir mais quilos de pélas de borracha. A sabedoria

estava no cortar a seringa sem machucar a castanheira; ter atenção no mato contra as cobras e as onças; preparar a defumação do látex; quebrar as castanhas e, assim, ir vivendo. Muitos contam que tinham curiosidade e vontade em aprender a ler, quando viam o gerente do seringal “tomando notas” ficavam interessados a aprender, muitas vezes, se aproximavam do gerente que propunha lhes ensinar um pouco. Aprendiam algumas letras e depois, prosseguiram para escrever pelo menos o nome.

Os pais procuravam dar a melhor educação familiar, nas entrevistas falam como o tempo mudou e, os ensinamentos hoje, são outros. Naquele tempo, afirma Sr Osvaldo:

“[...] Com 8 anos de idade eu comecei a cortar seringa, comecei a trabalhar, e hoje, é crime trabalhar com menos de 18 anos, mais naquele tempo não, pai ensinava os filhos a trabalhar, e eu agradeço a Deus, que meu pai foi muito rígido, muito duro, que meu pai não dizia uma coisa duas vezes, nem três pros meninos, só uma, e eu agradeço em 1º lugar a Deus e em 2º lugar a ele, que me criou dessa maneira pra aprender a respeitar os direitos dos outros [...]”

“[...] Naquele tempo você não tinham essas perturbações que tem hoje em dia, seus filhos não eram perturbados, não perturbavam você, quando você chegava à casa de um, deixava seu filho ali, onde você deixava ele ficava sentadinho, conversando com os mais velhos não ficava se intrometendo pelo meio, hoje em dia, a criação é outra [...]” (D. Francisca)

“[...] Agora o que eu achei mais difícil era duas coisas, era estudar e a tal da seringa que nunca consegui cortar... A minha irmã na época era moça e eu era menina, ela aprendeu assinar o nome dela porque o cara era gerente e minha irmã era muito bonita e, parece que ele era interessado dela e ensinou e, sempre quando eu ia ao mercado via ela debruçada no balcão, aí eu também nunca me toquei, quando eu me casei, ela me falou tu sabe que eu sei assinar meu nome? sei, o seu xx me ensinou. [...]” (D. Aldenira)

A grande alegria com a escola veio em 1986, quando os migrantes receberam os lotes e não queriam que seus filhos ficassem sem estudos. Dona Aparecida e o senhor Geraldo percorreram as trilhas dos seringueiros fazendo uma lista com os nomes de alunos para pedir ao governo uma escola. Na ocasião, entre os seringueiros e migrantes deu um total aproximado de 80 alunos, a maioria seringueiros, grande parte com mais de 14 anos que nunca tinham ido à escola. Assim, afirma D. Aparecida, primeira professora das terras que um dia foi um seringal:

Quando cheguei aqui no ano de 1986, eu e minha família fomos morar no ramal do Abunã. Não tinha escola na localidade e eu tinha duas filhas na idade escolar. Os moradores eram seringueiros que sobreviviam da venda do

látex e da castanha. Tinham pequenas plantações, sendo uma agricultura de subsistência. Eles também tinham filhos sem estudar, por esse motivo, meu marido e eu tivemos a ideia de construir uma escola. Procuramos os seringueiros e todos se reuniram para a construção de uma escola com ripas e folhas de pachiúba. Tinha crianças de todas as idades, de 06 a 17 anos. Elas tinham o desejo de aprender a ler. Eram educadas e prestativas com a professora... Fui a primeira professora, lecionando 3 anos em séries multisseriadas, da 1ª a 4ª séries. Vários deles aprenderam a ler e escrever, inclusive minhas duas filhas. Os maiores de 14 anos quando começaram a aprender a ler, saíram da escola, pois a legislação não permitia a matrícula desses alunos em sala multisseriada com crianças. Foi muito boa essa experiência.

3.2.8 - O lazer – O lazer cotidiano acontecia aos domingos; era um hábito pescar e caçar, conforme retrata o casal (Sr Manuel e D. Francisca) que iam ao rio pescar; quando enchiam a lata de peixe voltavam para casa e iam tratá-los para a comida deles e dos filhos. Os filhos mais velhos sempre cuidando dos menores. Dona Francisca disse “[...] Eu e o Manuel íamos embora para os lagos no domingo... ai que saudade dos meus anzóis, de uma traíra frita na beira do rio[...]”. O senhor Manuel também gostava de pescar e complementou: “[...] Pescava, e muito! Eu morava numa colocação perto do rio. Quando era domingo ia matar peixe de tiro, era aqui perto... Matava uns 8 e 9 tucunarés, daí vinha embora pra casa [...] Só era surubim, tucunaré e traíra...Tinha toda qualidade de peixe[...]”.Continuou dona Francisca:

“[...] Naquele tempo, também, a gente nos dia de domingo não era que nem aqui... um forró, uma festa, aquela zoadá... nos matos, o que a gente fazia, dia domingo, ia pro lago pegava tarrafa, material da pesca, ia pegar peixe, comer peixe assado na beira do rio e, pegar pra trazer pra casa...Passava o dia todo, quando era de tarde voltava, às vezes ia pra casa dos vizinhos conversar, era assim... Quando inventava uma festa era muito bom, não tinha violência, nem briga...Logo os vizinhos moravam de uma hora de viagem[...]”.

Aos domingos tinham a caça também como lazer e como busca pela sobrevivência. Caçavam á noite, esporadicamente, mas, quando iam para a extração do látex e encontravam um animal pelo caminho, já faziam sua caça, matavam-o. O hábito de andar com a espingarda nas costas acompanhou o seringueiro no corte da seringa, com isto, continuamente, estavam caçando e se protegendo dos perigos. Outro tipo de lazer acontecia nos dias de santo ou quando o padre ia aos seringais. A comemoração aos Santos é uma herança católica reproduzida no seringal, comemorados por todos com danças, churrasco e bebidas a vontade.

O senhor Ripardo, em sua entrevista, referindo-se a sua “Terezinha”, que estava ao seu lado, sempre em silêncio, falou das festas dos santos:

“[...] Ah, as festas era a coisa melhor do mundo... Lá em casa nos brincávamos de três noites... Era São Sebastião... nós brincávamos jogando baralho, e dançando... comida era porco, porco com feijão e arroz... Era a coisa melhor do mundo, cada xote... Era xote, era valsa era tudo... Ave Maria! Dançamos demais, agarradinho, nos começamos a namorar, 13 de dezembro de 1951, ela tinha 13 anos, dentro dos 14 e eu tinha 21. É... Bonita aquela coisa, e eu também, aí o pau “desembolo”, deu uns tempo, até que foi 6 anos de namoro[...]”.

Dona Aldenira lembrou as festas que comemoravam, mas não se recorda dos dias dos pais, ou como ela fala, “não me ensinaram”:

“[...] Primeira do ano pra nós, faziam festa no barracão, juntava todos, não era o carnaval... não tinha essas vontades... era de São Sebastião, tinha aquele terço, muitas vezes quando a mulher tinha um filho homem batizava dia de São Sebastião e, depois, era semana santa que agente enfeitava... Era a semana todinha não podia brigar com ninguém... Eu não lembro quando menina o dia das mães, eu não me lembro!... Ou não ensinaram o dia dos pais... Outro que eu lembrava era sete de setembro, era uma festa boa ... Tinha dia de São Francisco.... Era no seringal todo, gente que vinha pagar promessa...Era ali[...]”.

Os santos mais comemorados eram São Sebastião (20 de janeiro), Santo Antônio (13 de junho), São Francisco (04 de outubro). Nas datas comemorativas como sete de setembro e quando o padre ia às colocações (uma vez no ano) aconteciam os batizados, casamentos, e crisma. Um padre de Rio Branco/Acre percorria as colocações avisando sobre a sua volta e que se preparassem se quisessem casar, batizar, crismar e etc. As festas de sete de setembro e, quando o padre retornava aos seringais eram feitas no barracão. Em todas as comemorações de santos rezavam a novena. Essas datas tiveram origem na cultura trazida do nordeste. São festas que o povo tem devoção aos santos, como: Santo Antônio, São João Batista, incluindo a devoção ao Padre Cícero (Ceará).

3.2.9 - A religiosidade – É a ação humana centralizada na fé. Os seringueiros tinham uma fé soberana e buscavam expressar a espiritualidade com novenas nos dias de santos. Os entrevistados relatavam sobre a igreja católica, as novenas com a reza do terço, mas em um determinado momento da história, alguns seringueiros começaram a tomar o chá feito da união de dois vegetais, sendo o cipó Mariri e as folhas da Chacrona. O primeiro relato do senhor Osvaldo fala da Igreja Católica e, o segundo traz a incorporação do chá feita pelo Mestre Gabriel, baiano, seringueiro, oleiro, que criou a União do Vegetal - UDV.

“[...] Tinha igreja católica e o pessoal fazia muita festa de santo, o padre visitava os seringais, tem um padre aí no Acre que muitos anos, por mais de 20 anos ele visitou esses seringais tudo, ele chegava à sede do seringal, o gerente tinha autorização do dono de dar uma pessoa para acompanhá-lo, dar um animal pra ele montar, mais ele gostava de andar pé, mais queria uma pessoa que conhecesse bem para acompanhá-lo [...] Ele ia de casa em casa conversando, dizendo que em tal dia ia fazer um batizado, crisma, casamento, quem queria se casar, no dia certo ele tava ali pra fazer a desobriga, chama desobriga, a igreja católica... A minha mãe era muito católica, rezava as novenas, rezava lá em casa mesmo era todos aqueles dias, São João, Santo Antônio, São José, tinha terço... A minha mãe quando levantava da cama, era de joelho no pé do santo, um padre velho que tinha lá, padre Cícero, João Batista, ela tomava benção e ia rezar, é muita coisa[...]”(entrevista com senhor Osvaldo, soldado da borracha, 84 anos de idade).

Dona Aldenira fala da sua experiência na União do Vegetal:

“[...] E na Bolívia tinha a União do Vegetal eu frequentei 6 anos bebendo... até que um dia eu sofri mais não foi por minha causa...Foi o boliviano que fazia aquele tal de caldo de chicha, aquele suco, um milho batido, tipo um suco e parece que eles colocaram uma pinga e eu era sócia da união... me deram pra beber e, eu bebi... mais eu sofri, sofri... naquela hora....parecia que era um ano de sofrimento por causa da pinga que eles colocaram naquele suco, eu pensei que o gosto azedo... que aquele gosto era do suco... aí apareceu... quando o pessoal dizia que a gente não via as coisas, mais a gente vê... eu vi um barco com uma garrafa de pinga... quando eu fiquei boa vi, certinho, era pinga que tinha dentro daquele negócio, então, nós sócia não pode beber...Aquele sofrimento foi um ano pra mim [...]”

3.2.10 - Os rezadores – O único rezador que eles lembram mora dentro de Extrema, indo para uma chácara, é o senhor Manuel Vicente.

Dona Francisca fala que nos tempos dos seringais “[...] Tinha rezador bom... Os rezadores bons não têm mais, se acabaram... [...].” Segundo a dona Aldenira, os rezadores faziam as orações utilizando três raminhos de vassourinha ou folha de pinhão roxo, três vezes ou nove vezes quando as crianças e os adultos ficavam doentes, tinham febre ou para não estourar a erisipela. Utilizavam também o óleo do gergelim para passar no corpo.

“... Quando uma criança da gente adoecia, tinha que chamar, ir atrás da benzedeira pra benzer os nossos filhos, quando dava tempo, quando não dava eles faleciam, era difícil, hoje essa vida que a gente passou lá, eu acho assim que não é tão reconhecida...” (D. Aldenira)

3.2.11 - As Parteiras – Função essencial no seringal, pois não havia médicos e nem hospital. Sempre estava nascendo uma criança e a parteira era chamada, como relata D.Francisca:

[...] Eu fiz o parto da minha irmã com 14 anos. Eu tive um menino e ela teve outro, eu que peguei o filho dela... Aí aquelas mulheres me procuravam pra eu pegar as crianças, graças a Deus que não morria nenhuma e nem as crianças morriam e eram meninos sadios... Agora eu deixei de pegar menino porque minha filha... eu não queria fazer o parto dela, da finada Chica, até o Doutor avisou pra ela, que ela tinha hepatite, todo menino que ela tinha nascia amarelinho, o doutor falou pra ela e o marido evitarem ter filhos porque ela estava arriscando a vida dela e a da criança, ou ela morria ou, então, a criança, ela não ligava... Dei tanto remédio pra aquela menina... Deu hemorragia interna... (estava lembrando-se da filha que faleceu de hemorragia no seringal, mas que, anteriormente, tinha se consultado com um doutor na cidade)... Pois é, eu fiz muito parto, os filhos das minhas filhas, da Valda eu peguei quase tudo e, de comadre que eu tenho por aí... Então nasceu muito menino no seringal, pois não tinha hospital. A gente cortava o umbigo, dava um remedinho, a gente rapava aquela bachuba do açai, penerava no pano e colocava no umbigo da criança pra sarar. Hoje em dia, se não for o remédio da farmácia... Naquele tempo nem precisava disso tudo tinha tanta fé nessas coisas que a gente nem ligava pra hospital e os meninos eram sadios... Ninguém tinha coragem de fazer os partos, aí a gente vendo aquelas mulheres sofrendo a gente socorria. Deus ajudava pra gente fazer aquele parto, a gente não tinha esses remédios que tem no hospital pra cortar hemorragia, mais tinha remédio do mato, a rapa do coco da praia é só secar e, aquela crista do mutum queima e rapa. O chifre queima e rapa, o esporão da raia torra e faz o chá... Eu me valia dessas coisas [...]

As mulheres sempre foram dignas de méritos no seringal. Trabalhavam no corte da seringueira junto com o marido e nunca foram reconhecidas. Como parteiras eram verdadeiras heroínas. Mães e donas de casa, trabalhadoras na roça e na lida com os animais de pequeno porte. Estavam elas sempre a trabalhar. Gostavam também de cantar, dançar e pescar.

3.2.12 - A comida - Era muita fartura, a caça, a pesca, comiam de tudo: papagaio, tucano, tracajá, veado roxo, macaco, anta, paca, cotia, tucano, porquinho (catete), queixada, nambu azul, nambu capote... Os peixes: tucunaré, piau, pacu, traíra, dourado, surubim, ovos de tracajá, etc. O mingau de milho, pamonha... Leite da castanha. A mandioca desempenhava e desempenha papel principal no prato do seringueiro, mas, na forma de farinha.

Com relação ao hábito alimentar, afirma dona Francisca “[...] tem muita comida diferente... Nunca enjoava da comida, um dia era pesca, o outro caça e, assim, era a mudança... Ninguém enjoava, hoje em dia é só boi e galinha [...]”.

Dona Aldenira destaca as pescarias para a sobrevivência e para as trocas que faziam, pois como moravam perto do rio e outras pessoas moravam no centro da colocação não tinham como pescar, mas caçavam; assim, faziam as trocas entre peixe e caça.

“[...] sempre eu pescava, no verão pegava de sessenta tucunaré ... A gente deixava a linha, assim, um palmo com o anzol, aí pegava, pegava um pedaço de borracha de sandália como isca... Pegava um pano vermelho e colocava no anzol, pegava, não precisava de isca de peixe não. Nós pegávamos eles, escamava todinho, e como muita gente que morava no centro que não tinha rio, a gente trocava peixe por carne[...]

O senhor Ripardo, também, destaca as pescarias para a sobrevivência:

“[...] Pescava, quando eu morava na beira do Abunã, peguei muito... Aqui tinha toda qualidade de peixe... Pegava surubim de linhada, de espera, pirarara, filhote, dourado que tinha ai no Abunã, tinha não, tem... Tracajá eu peguei muito, tartaruga num cheguei a pegar porque quando viemos só tinha no Purus, pra cá não tinha tartaruga... Tracajá aqui teve noite de eu pegar 10... Ah! O ovo a gente arrancava demais... Nos moramos muito tempo na beira do rio, moramos no oriente, no Mucambo, moramos la em cima, pra la... foi onde eu peguei, uma noite eu peguei 10 e o compadre Jarí aqui pra baixo ,14, animação... Ah... Na beira do rio era uma fartura, matava de duas antas numa noite, veado, de tudo[...]

3.2.13 - A fornalha²⁷ – É um grande retângulo com lata ao fundo e madeira pelos lados, parece um tacho colocado em cima de uma construção de barro. Depois de todo o processo com a massa da mandioca, colocam-na dentro deste retângulo com bastante fogo e começam a torrar bem cedo às 4 ou às 5 horas da manhã por ser mais fresco. São de três a quatro horas mexendo a farinha para não queimar; não pode parar. Usam dois tipos de farinha no seringal: a puba e a seca. A puba é feita com a mandioca de molho 8 dias, acrescentando mais uma quantidade de mandioca ralada para não ficar muito azeda. A branca rala normalmente, lava a massa para tirar o polvilho que fica descansando, depois escorre a água e coloca o polvilho para secar e a massa da mandioca coloca na prensa(sistema de enxugar a massa com vários divisórias com palhas e panos pra massa não grudar , depois vai para o cocho para peneirar, leva ao forno para torrar. Todas as duas usam o mesmo princípio de prensar e torrar.

A tradição acompanha alguns seringueiros até os dias atuais, como o senhor Francisco, que é o único do grupo de seringueiros a residir no lote que foi cortado dentro da colocação. Ele prepara a farinha para a subsistência e para a venda, explicando o processo. Um exemplo de resiliência. Em meio às dificuldades passadas (seringal) e presentes pela falta de emprego e profissionalização. Desenvolve seu saber fazer a farinha para sua alimentação e para a venda, onde obtém um dinheiro para comprar outros alimentos que necessita. Essa é uma capacidade de superação, resiliência.

²⁷ Explicação dada pelo senhor Francisco Tavares



Fotos: ASSUNÇÃO, S.T. Foto 09 - Senhor Francisco Tavares torrando a farinha no forno;
Foto 10 - Pesagem da farinha para a venda. Extrema/RO, julho de 2011.

3.2.14 - A arte de tecer – As dificuldades enfrentadas pelos seringueiros sem muitos recursos materiais transformaram-lhes em verdadeiros artesões. São os construtores da tecnologia artesanal. Com suas técnicas, empreenderam construções para facilitar o trabalho no dia a dia. Assim, a arte transforma, cria culturas e hábitos. Essa arte amplia seus horizontes e sua presença como ser que cria condições suavizando alguns sofrimentos. Dentro das necessidades, era preciso construir a faca para o corte, o saco para carregar o leite, utilizar a cinza para limpar a roupa, utilizar a areia e o sabugo de milho como suas palhas para lavar as panelas, tecer as palhas para construir sua casa, fazer a farinha “puba” ou d’água, o sernambi, o panero²⁸ e etc.

Por isso, busca-se nas palavras de Junia²⁹, uma adolescente que procura resolver seus problemas mergulhando na arte, a solução que muitos seringueiros encontraram para o dia a dia de suas vidas. “[...] A arte, além de uma forma de expressão, é essa parada para a reflexão. Ela possibilita que você se distancie das coisas para absorvê-las melhor, aí você consegue aproximar mais dos problemas e encontrar soluções [...]”

Foi nesse sentido que o seringueiro desenvolveu a arte, ele precisava resolver seus problemas. Assim, paravam, refletiam e, dentro da intencionalidade, criavam objetos que facilitavam o cotidiano.

3.2.15 - O quintal - no quintal criavam animais e aves, como: galinhas, porcos, patos. Tinham muitas flores, como: roseiras, o popular “beijo”, pingo de ouro, dama da noite,

²⁸ Instrumento confeccionado pelos seringueiros parecido com balaio, as taquaras uma distante das outras.

²⁹ Junia Santo Souza, 17 anos – Revista Onda Jovem – Palco Juvenil, nº21 dez/2010 a fev2011.

orquídeas, boa noite, maravilha, meia-noite, cravo, bonina, jasmim, amor crescido, cravo, rosa menina e até hortências, frutas: manga, mamão, cupuaçu, graviola, cacau, biribá, laranja, mexerica, abacate, abacaba, açaí, patoá. Não esquecendo as hortaliças: cheiro verde (cebolinha, chicória, alfavaca, coentro, couve), pimenta malagueta, pimenta de cheiro, sempre erguidos em canteiros de palafitas, estes temperos eram muito importantes para as carnes de caça e na preparação das comidas. Também tinham o mastruz, melão de São Caetano, hortelã, malvarisco, sabugueiro, capim santo, erva cidreira, vassourinha, rincão, picão, sene, que utilizam como remédio. Eram remédios simples e caseiros que resolviam uma gripe, uma dor de barriga, uma febre, etc. Falam que o seringal era um lugar sadio, sem doenças; alguns, procuraram o médico, já morando na cidade.

Devido a toda esta fartura, D. Francisca foi resistente para sair do seu aconchego de lugar na beira do rio Abunã: ela dizia: “Se eu pudesse estaria lá, mas já de idade é melhor aqui... Tinha medo de morrer de fome... A vida no mato é boa, mas muito sofrida, é boa porque é sadia, tem muita comida diferente”.

3.2.16 - As ervas como remédio – Os seringueiros procuravam conhecer casca de paus, folhas e sementes que servissem como remédio. Utilizavam a casca da castanheira, da quinaquina, o óleo de copaíba, casca de copaíba e jatobá, a sabugueira, o algodão roxo, etc. Conhecem bem os remédios que salvaram suas vidas.

As fotos 11 e 12 mostram Dona Aldenira em seu quintal na cidade.



Fotos: ASSUNÇÃO, S.T. Foto 11- Dona Aldenira e o pé de Algodão roxo e 12- Com o pé de sabugueira e as flores em seu quintal. Extrema/RO, julho de 2011.

Ela relatou muitas doenças que sofreram no seringal: malária, febre amarela, sarampo, etc. Essas doenças traziam riscos à vida, pois não tinham médicos e hospitais e os medicamentos eram escassos, por isso, sempre utilizavam as ervas como remédio. Ela ainda cultivava hábitos de plantar e considera de suma importância o pé de algodão roxo e o ramo da sabugueira, dois remédios que não podem faltar em seu quintal. Acrescenta em sua entrevista:

“[...] A gente fazia é aquela malvarisco para gripe, esse assapeixe que dá muito na roça, pra gripe e infecção de garganta, sabugueira pra sarampo, casca de copaíba, jatobá, jataí... Isso tudo faz pra alguma infecção... Faz chá e, aquele melzinho que nem a gente compra... pra gripe forte que dá... e aqueles remédios assim, pra gente que é mulher, aquele remédio que nem as pessoas falam... como é o nome? Uns chama orelha de pau... Eu era menina, chamava orelha de pau, quando a mulher tava com a menstruação... que não vinha, elas faziam aquilo... daquele negócio que dava no pau, aquelas folhas bem vermelhinha...sempre a mãe dizia, olha minha filha quando você for mulher, tiver desse tipo, você faça desse chá...Eu não sabia pra que era...eu via minha mãe ensinando para as comadres dela... Também eu nunca foi preciso...porque eu já não sei ler e fazer certo tipo de remédio eu tenho medo de fazer e me prejudicar, né? [...]”

O senhor Osvaldo também adiciona sua sabedoria no trato das doenças no seringal:

“[...] Quando tinha caso de sarampo, porque sarampo dá em toda parte, sarampo, catapora, o remédio principal chamava-se sabugueira... Quando tinha febre, a febre naquele tempo era paludismo ou mesmo depois que aconteceu a malária, na mata tem um pau que se chama, quina-quina, ela tem de 2 jeitos, tem a quina-quina que é cheia de quina e a casca dela é meia ferpenta, e tem uma que é tipo um cipó da casca bem amarelinha, mais num tem quinino no mundo que amargue mais que aquilo. [...]Agora remédio principal mesmo pra malária é a castanheira. Cura. [...]”

Ouvindo o Senhor Clóvis, com muita experiência de vida dentro da floresta, ele afirma “[...] mais no mato, sempre é assim, a mata é cheia de experiência, tem novidade de tudo que você pensar, no mato você tem medicina, tem tudo que você pensar, no mato tem... defendendo de uma cobra, o resto você tá tudo em paz [...]”

3.2.17- Os perigos da floresta e dos rios – Os perigos relatados nas narrativas estavam mais em terra firme, eram as onças e as cobras. “Onça tinha muita”... Senhor Manuel sempre com o olhar distante, penetrado na vida passada, mas viva na memória, contou:

“[...] O sofrimento que o seringueiro tinha arriscando a vida, uma vez escapei de uma onça me pegar eu tinha uns porcos, então, quando eu chegava umas 5 horas eu soltava eles pra irem beber água e umas 6 horas chamava de volta pra onça não pegar, daí quando foi um dia me descuidei, acabei de fumar, fui tomar um banho, daí a Francisca perguntou: Ninguém prendeu os porcos? Aí eu disse, agora sim, uma hora dessas, eles não vem mais. Quando nós íamos sentando pra jantar escutamos só o grito, a onça pegada no porco, naquela época não tinha lanterna, tinha lamparina, eu peguei a lamparina e a espingarda e fui lá, a onça ficou pelejando pra matar o porco, aí ela despregou do porco, ela veio pra me pegar... tinha um pau grande, ela subiu pra pular em cima de mim, eu atirei na boca dela, aí a poronga voltou, aí eu disse essa onça vai me pegar, daí corri pra casa e o vizinho de lá escutou o tiro e o grito do porco, ele chegou e disse: rapaz vamos atrás da onça...procuramos e nada, daí ele falou: vamos deixar pra lá isso. Ele era inteligente, daí disse: _ Eu vou em casa buscar minha espingarda, daí a gente tocaia que ela vem atrás do porco, se ela não morreu ela vem você fica na porta da cozinha e eu na porta da sala, isso era mais ou menos uma hora da madrugada.... ficamos sentados ...nós ficamos nessa peleja, esperei, esperei e nada... vamos pra casa e amanhã a gente procura.Quando foi de manhã vi o rastro do porco e o rastro da onça... Isso é que eu estava lembrando pra contar: a onça quase me pega (por isso ele estava com o olhar distante, quando perguntei em que estava pensando). Eu sei que nós fomos atrás dessa onça, nunca que a gente achou, nem onça nem porco... sumiu tudo[...]

3.2.18 - O meio de comunicação – habitualmente, no seringal, entre os vizinhos, em caso de acidente e doença, ou quando as mulheres iam ter filhos eram dados de 2 a 3 tiros a “pé junto”, ou seja, seguidos. Como moravam distantes a 1 hora de varadouro uns dos outros, sempre estavam alerta com os tipos de tiros e de qual direção partiam. Nesse sentido, dona Aldenira afirma:

“... Para se comunicar com os vizinhos da gente era meia hora, uma hora de distância, tinha que dar dois ou três tiros de chamada em seguida pra poder os vizinhos ficar alerta pra saber o que a gente tinha.”

3.2.19 - O meio de transporte – Tinham a canoa para pescar, andavam mais a pé por entre as estradas de seringa a trabalho e por entre os varadouros e pique de castanhas. Mas tinham as embarcações, que traziam as mercadorias e levavam passageiros que necessitassem de urgência em tratamentos. Na maioria das vezes, as pessoas doentes eram carregadas na rede por outros seringueiros. Os animais como burro e as mulas eram organizados em tropas que transportavam as pélas da borracha até a beira do rio ou até o comércio mais próximo (vila Extrema) isto, já nos finais da década de 70 e início da década de 80.

A maioria das colocações era de centro que significava no interior da mata; apenas o Barracão, que estava às margens dos rios navegáveis pelas grandes embarcações, que

transportavam as mercadorias e as castanhas. Como afirma dona Francisca, as borrachas desciam os rios em um sistema feito pelos balseiros e seringueiros onde as pélas das borrachas eram amarradas umas sobre as outras formando uma “balsa” chamada de balsa de borracha dominada por dois barqueiros que faziam um assoalho de tábua; colocavam sobre a balsa de borracha e amarravam, ficando um barqueiro na proa (frente) outro na popa (atrás) eram o meio para o transporte até a central de recepção no Distrito de Fortaleza do Abunã. Os barqueiros iam contornando e descendo dia e noite com as “pélas de borracha”, quando iam chocar-se no barranco utilizavam o varejão³⁰.

3.1.20 - As representações místicas – A imaginação do sujeito constroi realidades dentro de um mundo vivido. Admite a existência de personagens, visões, lendas que se estruturam influenciadas pelos amores da vida de uma determinada sociedade ou por seus temores. Sua visão é uma tentativa de compreensão e entendimento da vida e do lugar para poder se adaptar a ela. Demonstrar ordem e uma relação harmoniosa com a natureza é fator principal para uma afinidade entre ambos.

As conversas descontraídas com os seringueiros entrevistados ou visitados na pesquisa de campo remetem a representações míticas presente no grupo. O senhor Clóvis, 68 anos, ex-seringueiro, ex-garimpeiro, ex-pecuarista e hoje aposentado, morador de Porto Velho, relatou fatos marcantes da época do seringal no Acre:

“[...] A mata é cheia de experiência, tem novidade de tudo que você pensar... mais só que no seringal tem as simpatias que meu pai contava bastante, realmente existe... o cara se tiver bastante comida em casa, carne de caça em casa e, foi caçar, aí aconteceu com o cara, ele foi... chegou lá um cara bem baixinho e mandou ele descer, ele desceu, ficou assim...(olhou para cima, querendo dizer meio aéreo) ... quando ele desceu o cara falou assim... vou te dar um castigo, você tem um bucado de comida em casa... aí deixou ele debaixo de uma raiz... passou 12 horas, os caras vieram atrás dele, tava debaixo da raiz... debaixo da água(ele pensava estar embaixo d’água) quando chegaram lá não tinha nada, ele tava só debaixo daquela raiz, um cipó por cima dele, e ele dizia que(estava ilhado de água), mas tava era debaixo de uma raiz, e lá ele ficou 12 horas, se os amigos dele não chegam, os vizinhos, ele tinha morrido... ele sabia(pensava) que tava debaixo da água, e via tudo diferente, num via mais nada... mais no mato essas simpatias bestas assim, sempre acontece, todo mundo que tá no mato tem que ter conhecimento do mato, se você num tiver conhecimento você num faz, é

³⁰ Uma vara bastante comprida com a ponta de aço que ao bater na areia não agarra

igual o cara que rasteja a anta, ele sabe se é fêmea ou macho no rastejar, e pra pegar ela dormindo do jeito que ele faz não pode pisar no rastro dela, são as coisas do mato, tudo que você pensar no mato tem muito mais ainda, porque por exemplo se você chegar a atirar num Jacu e ele gritar e você continuar, você pode atirar a manhã todinha que ele não sai do lugar fica gritando no mato, é um exemplo de vida, na selva tudo tem, tudo aparece, tudo acontece quando você bem não espera, sempre tá ali perto de você, com a maior simplicidade você não percebe que aquilo acontece[...]"

Mas, o Sr Ripardo, que disse não acreditar nestas coisas, ao perguntar sobre o curupira, pai da mata, ele, assim, confessou:

"[...] Ah! Isso aí era, é história de troncos, não existe não, tem gente que diz isso, e aquilo outro, eu nunca vi essas coisas, eu nunca vi nem visão, a única coisa que eu vi durante esses 80 anos que eu tenho, 81, foi o cara suspender minha rede, isso aí, eu vi porque eu tava acordado... e o cara chegou no punho da minha rede e suspendeu assim... até essa altura...(e fez gestos com a mão)... foi a única coisa que eu vi... Quando eu abri a rede, eu tava até fumando, joguei o cigarro fora... assim(fez gesto com a mão) fechei a rede, aí fiquei com todo medo...olhei assim ,cadê? não tinha ninguém, chamei meu cunhado, a minha rede era cá na sala, eu disse: seu Aristides, ele disse oi, eu digo: foi tu que suspendeu minha rede? Ele disse foi não, foi não, foi rato... que rato...nunca vi rato suspendendo rede, foi a única coisa que eu vi[...]"

Dona Aldenira diz não ter visto, mas confirma que muitos já viram o encanto das águas, inclusive seu marido:

"[...] O que eu lembro é da água, assim... Que... as pessoas... não podia deixar os filhos sozinhos diziam que se encantavam, antes de sete anos não podia, se encantavam... Desaparecia, ninguém sabe! muita gente falava mais eu mesmo nunca vi, disse que uns desaparecia e com um tempo aparecia, mas alguém tinha que ferir em algum canto pra voltar o normal de novo, mas eu nunca vi... mais a gente que morava assim, a gente tinha medo, ele (o marido) mesmo tinha medo não deixava os filhos, falava que um dia estava pescando com o pai e,... o pau caiu no lago... que estava olhando pra água e tava pra cair, nem piscava mais não sabe se ia cair ou se era um bicho que ia comer, quando o pai dele se assustou e deu um grito, ele disse que tava vendo uma coisa muito bonita, agora o que!?porque quem vai não volta [...]"

Observa-se no depoimento dos dois a visualidade da mente e a sua intencionalidade na convivência com o ambiente. Um ambiente que traz medo, mas também traz regras de respeito para viver em harmonia. Não ultrapassar o que necessita para seu sustento. Exagerar

com o ambiente recebe castigo. Então, diante das circunstâncias criadas em meio aos bichos e a floresta é melhor obedecer para viver em paz. Isto, também é uma forma encontrada para ser resiliente.

Para Silva (2006, p.231), “A formação dos povos da Amazônia também se constitui da contribuição dos grandes grupos étnicos formadores do povo brasileiro.”. Assim, o autor fala dos elementos constituintes da “cultura amazônica” e de como o conhecimento acumulado carrega tradição e significados, criando e recriando códigos que são reinterpretados, designando a identidade cultural dos grupos.

O conhecimento acumulado na vivência cotidiana com o ambiente está miscigenado de sentimentos, códigos e signos. Assim, o modo de vida na Amazônia não é só trabalho e isolamento, mas possui um espaço organizado por percepções que dão sentido ao viver ribeirinho, extrativista, seringueiro, pescadores, etc. O modo de vida conecta saberes para enfrentar os problemas que surgem na vida; são os códigos significados que são chamados de mitos e desempenham papel fundamental nos grupos. Dessa forma, Silva diz:

“O espaço com todas as suas representações é a expressão viva do homem, torna-se humanizado, aliado ao seu projeto de sobrevivência; é o seu lugar de liberdade, de segurança, seu lar, seu “lugar”. O mito como elemento participante na construção desse espaço é o “organizador” das representações imaginárias... Elabora o conjunto de explicações do seu “mundo”, de seus valores, de sua organização.”(SILVA, 2006, P.232)

No entanto, existe na cultura amazônica o universo mítico das águas e o universo mítico das matas. Nas águas encontra-se o boto que encanta e namora, onde as moças correm perigo, podendo engravidar. No espaço ribeirinho se escuta os “murmúrios”, como “aquele menino/menina não tem pai, é filho do boto” uma justificativa para a não expulsão das filhas de casa quando elas engravidavam sem ter um marido. Outro elemento das águas é a cobra grande que se esconde em profundidade nos rios, estando presente, sendo a guardiã dos destinos dos pescadores, ribeirinhos, etc. No universo das matas é constante entre os povos da floresta, o curupira, a mãe da seringueira, os cipós titica e ambé, entre outros. Esses elementos são os protetores da sobrevivência desse povo. Quando se fala em curupira, caboclinho da mata refere-se ao protetor das caças; não admite abusos que extrapolem as necessidades do homem. A seringueira possui a mãe seringueira que ensina os homens a cortar, ou seja, sangrá-la sem que o corte a deixe estéril para a produção do leite (látex) em abundância; o homem precisa aprender os segredos do corte correto. O cipó é outro elemento que preocupa este povo, pois muitos, ao passar por baixo de um, ou acometer algum erro com a natureza,

exagerando, principalmente na caça, muitas vezes fica aerado, sem se localizar, ou achar o caminho para casa.

Ao percorrer o cotidiano do mundo vivido do seringueiro, averigua-se a impossibilidade de penetrar no seu mundo subjetivo e, o mais alto grau que se consegue é descrever os acontecimentos vividos, os fatos, as experiências de vida no lugar que, consideram de pertencimento, pois ali desenvolveram o saber criando novos conhecimentos. Não foram vivenciadas estas experiências, o vivido é parte incondicional do seringueiro, ele é o sujeito que pertence e faz a história. É aí, nestas experiências, que está à verdadeira ligação do homem com a terra, referido por Dardel (2011), pois é nesta base terra onde se desenvolvem todos os laços e aprendizagens do mundo vivido. Partindo desta conjectura entende-se, neste contexto, que o sujeito da história, diante de seus laços com o meio, constrói paisagens, tanto interior, quanto cultural. É neste mundo de paisagens que o quarto capítulo percorrerá.

CAPÍTULO IV - PAISAGEM, CULTURA E CONTEXTO



Foto 13. ASSUNÇÃO, S.T. Borboletas se alimentando as margens do Rio Abunã, área de antigo seringal e ao lado, parte de uma canoa. Extrema/RO, setembro de 2007.

“A canoa e as borboletas criam um panorama para a visualização de uma paisagem. As borboletas chamam a chuva, enquanto a canoa espera o seringueiro... O rio recolheu suas águas e o verde de outrora está desprovido de encanto cênico. Agora, o tempo ficou na história...” (Sandra Teixeira de Assunção, 13/09/2011).

“O mundo no olhar é interpretado pela intuição, o mundo vivido é sentido e percebido pelo cotidiano das experiências.”. (Sandra Teixeira de Assunção, 12/08/2011).

IV - PAISAGEM, CULTURA E CONTEXTO

“[...] Esses ambientes palpáveis são paisagens, que não somente possuem conteúdo e substância, mas também são os cenários significantes das experiências diárias e das excepcionais”. (RELPH, 1979)

4.1 - PAISAGEM

O conceito de paisagem é bastante remoto e polissêmico, sendo revisitado por séculos. É um conceito estudado em várias vertentes do conhecimento, tendo ênfase na Geografia alemã e francesa, depois essa dimensão se estendeu para os Estados Unidos (Zanatta, 2007; Melo, 2001; Holzer, 1999). Para Holzer (1999), a palavra “*landscape*” chegou à Geografia pelos estudos e escritos de Sauer, que enfatizava o sentido de formatar a terra com associação de sua forma física à forma humana nela habitada (aspecto cultural), definindo-a como sendo o resultado da ação da cultura, ao longo do tempo, sobre a paisagem natural.

Todavia, a paisagem sempre existiu. Na teia de relações desenvolvidas pelo homem em sua ligação com a terra, essa paisagem é concebida mediante sua ação. Ela se torna produto tanto do viver e senti-la, conforme o significado que a mesma proporciona em cada indivíduo que a vivencia.

Entretanto, Midori (2011) e Name (2010) afirmam que a paisagem não é um conceito de exclusividade da Geografia, mas é compartilhado por esta, tendo grande relevância na perspectiva humanística, baseando-se nas descrições de experiências vividas, e nos fenômenos relacionados a elas. E, segundo Cabral (2007), os estudos da paisagem, a partir dos anos 70, avançaram sobre dois enfoques:

✓ O enfoque sistêmico – entende a paisagem como uma combinação dinâmica, mas estável. Na interação entre elementos físicos, biológicos e humanos, a paisagem, é indissociável e, tem uma evolução contínua. O geossistema representa a paisagem, entendendo a natureza com todos seus componentes, formando modelos.

✓ O enfoque cultural – está intimamente ligado com a percepção do espaço. É uma maneira como cada modo de vida ou cultura enxerga seu lugar vivido. Portanto, a paisagem, dentro da concepção de percepção, também, é significada e construída, mediante as

atitudes, ações e condutas humanas. O que é confirmado por Berque *apud* Cabral (2007, op. cit, p.150):

“A paisagem é uma marca, pois expressa uma civilização, mas é também uma matriz porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação - ou seja, da cultura – que canalizam em um certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza”.

Dessa forma, a paisagem é o campo de visibilidade interior e exterior de um indivíduo ou grupo para com o ambiente. Quando se dá sentido interior ao lugar vivido, significa-o com formas, objetos e sentimentos que são exteriorizados em forma de uma paisagem dinâmica. A paisagem não é apenas física, funde-se com a vivência e na subjetividade do indivíduo, no espaço construído e, também, no espaço simbólico cultural. O sentir o lugar, os objetos, o ambiente, a natureza em si, é dar significado a cada ação e emoção vivenciada.

Para Zanatta (2007), a cultura e sua relação com o espaço sempre foi interesse da Geografia. Sendo que, Friedrich Ratzel (1982) introduziu na Geografia alemã a Antropogeografia, com enfoque na etnografia e campo político. E na França, Vidal de La Blache com o seu “gênero de vida” explicou a relação entre a população e recursos naturais, construindo uma situação de equilíbrio entre o homem e a natureza. Assim, para Cosgrove, (2007, p.104), a base dos estudos culturais foi se estruturando para uma Geografia humanística, onde o homem estabelece relações de interação com o ambiente em que vive, admitindo que:

“A cultura é o termo central do humanismo, incapaz de definições claras como um conceito objetivo, mensurável, e compreensível apenas através da prática. Uma geografia humanista considera a cultura como central para o seu objetivo: compreender o mundo vivido de grupos humanos, apesar de simbolicamente constituído, é material e não deve negar sua objetividade [...]”.

Destarte, os estudos do modo de vida do seringueiro e ex-seringueiro apresentam uma riqueza extraordinária na sua vivência entre os rios e as matas. A sua criatividade e imaginação transportam-no para a construção de conhecimentos tanto objetivos como imaginários. Criam objetos e com significações fazem aparecer o fenômeno diante de suas intencionalidades. Também asseguram a vida com imaginários e mitos que servem como uma válvula para resistir às incertezas, medos e insegurança dentro do espaço vivido. Essa é a

ligação essencial referida por Dardel (2011), a relação do homem com a paisagem, o espaço e o lugar pela experiência cotidiana.

A paisagem possui multiplicidades de leituras, seja ela na arte, na estética, na Geografia e entre outras. Ela é carregada do imaginário social, cada indivíduo ou coletividade dá expressão viva ao seu lugar de pertencimento, mas contempla a imagem visualizada. Há, portanto, uma elasticidade nesse conceito, baseada nas experiências vividas e nas expressões culturais. No estudo da paisagem, a valorização está na compreensão em que cada grupo vê o seu território, o seu lugar, o seu mundo vivido.

Assim, as paisagens são imbuídas de vivências, experiências, afetividades ou não. Cada pessoa e/ou grupo em particular terá um significado quanto à paisagem do espaço vivido, trazendo o enraizamento presente na sua vida, conforme as experiências pessoais ou da cultura de seu grupo. Tem ambiguidades e especificidades diante da capacidade intencional, criadora e imaginária do ser humano.

Para contextualizar a paisagem do tempo vivido, em áreas de seringais, Dona Francisca fala um pouco sobre a paisagem vivida:

“[...] Para poder casar, lá em Fortaleza do Abunã... Remando em voga, canoa, e setembro, rio seco... Chegava naquelas praias bonitas, ali ia fazer fogo acampava pra dormir... A mata pra mim é uma coisa muito importante... Então, quando o dia vai amanhecendo na mata... Assim (o olhar distante)... Eu acho melhor do que aqui, eu digo mesmo, e digo na mata é melhor do que aqui (na cidade)... Aqueles piunzinho me ferravam era mesmo que nada... pium de dia... e era assim... carapanã de noite, mas eu nem ligava... pra mim era tudo normal [...]”

4.2 – IMAGENS, PAISAGENS E LUGARES

Neste contexto de imagens, paisagens e lugares pode-se viajar em momentos vividos, através da sequência de fotografias que remetem ao belo e a conjuntura de uma paisagem vivida, onde esta pesquisa buscou detalhar e compreender o modo de vida e sua ressignificação na área urbana.

“As paisagens vividas cotidianamente estão acolchoadas de valor, por isso, embutidas de significados. Elas nos ajudam a compreender a nós mesmos e o mundo em que vivemos”.

(Sandra Teixeira de Assunção)



Foto: ASSUNÇÃO, S.T. Foto 14 - Rio Abunã – A água e a praia que encanta. Ao fazer um passeio neste rio em 2007, imaginei o mundo vivido do seringueiro, assim, comecei a pensar em meu mestrado. Extrema/RO



Fotos: ASSUNÇÃO, S.T. Foto 15 - Rio Abunã- Detalhe da seta - um tracajá. Extrema/RO



Fotos: ASSUNÇÃO, S.T. –Foto 16 – Migrante(Sr. Geraldo), um novo jeito de viver, ver e sentir o seu mundo. Extrema/RO, agosto de 2010.



Foto: ASSUNÇÃO, S.T. Foto17 – Gado nova forma de pensar o espaço. Extrema/RO. Extrema/RO, junho de 2011.



Foto: ASSUNÇÃO, S.T. Foto 18 - Rio Abunã – área de antigo seringal. Lugar de vida, rico em água, animais, peixes e do tracajá que reproduz na areia. Extrema/RO



Foto: ASSUNÇÃO, S.T. Foto 19 – A canoa construída na cidade-passado e presente mesclado na vida que alimenta o dia. Extrema/RO, agosto de 2011.

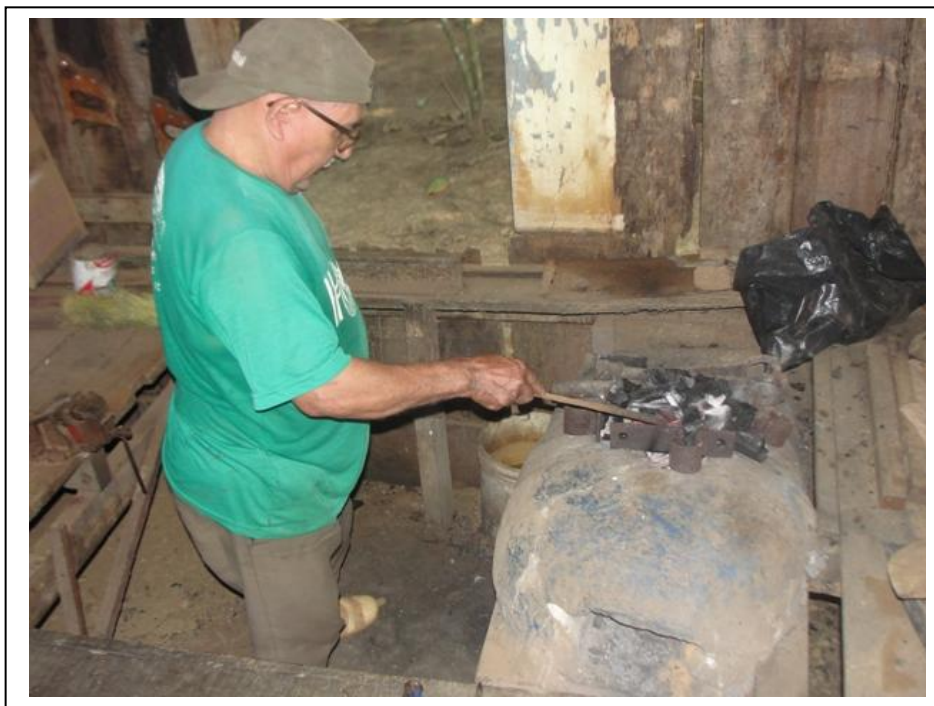


Foto: ASSUNÇÃO, S.T. Foto 20 – Sr Ripardo construindo uma faca de cortar a Seringueira, tempo de lembrar e reviver. Extrema/RO, julho de 2011.



Foto: ASSUNÇÃO, S.T. Foto 21 – Sr Chagas com o balde de colher o leite da Seringueira, tempo de lembrar, saudades da floresta, Extrema/RO, julho de 2011.



Foto: ASSUNÇÃO, S.T. Foto 22 – O canteiro que dá o tempero a comida e a vida, no chão ou na palafita, sempre presente. Extrema/RO, agosto de 2011.



Foto: ASSUNÇÃO, S.T. Foto 23 – O canteiro que dá o tempero a comida e a vida, no chão ou na palafita, na casa do seringueiro. Extrema/RO, julho de 2011.



Foto: ASSUNÇÃO, S.T. Foto 24 – Sr Osvaldo e sua filha Maria – Homenagem a vida e a coragem. A organização das louças e a lamparina na mesa compõem o cenário das lembranças de outrora. Extrema/RO, julho de 2011.



Foto: ASSUNÇÃO, S.T. Foto 25 – Sr Manuel e D. Francisca – Homenagem a vida e a coragem. Avivamento d a memória... Histórias e mais histórias. Extrema/RO, julho de 2011.



Foto: ASSUNÇÃO, S.T. Foto 26 – O pássaro gorjeia, no igarapé dentro da cidade.
A vida debelada pelos modos de vida da cidade Extrema/RO, junho de 2011.



Foto: ASSUNÇÃO, S.T. Foto 27 – A casa na cidade é o lar, o lugar, o aconchego.
Não está dentro da floresta, mas é palafita no leito de um igarapé. Extrema/RO,
julho de 2011.



Foto: ASSUNÇÃO, S.T. Foto 28 – A casa do seringueiro que permanece em seu lote/rural. No detalhe a bicicleta, meio de locomoção e a cozinha atrás com folha paxiuba. Extrema/RO, abril de 2011



Foto: ASSUNÇÃO, S.T. Foto 29 – A criação de galinhas no lote/rural/ex-Seringueiro. Extrema/RO, abril de 2011.



Foto: ASSUNÇÃO, S.T. Foto 30 – A estrada (linha2) acesso ao cemitério, ao Rio Abunã, aos sítios e fazendas e a Bolívia. Extrema/RO, junho de 2011.



Foto:ASSUNÇÃO, S.T. Foto 31 – A BR 364 – acesso ao ACRE. Extrema/RO, junho de 2011.



Foto: ASSUNÇÃO, S.T. Foto 32 – O nascer do sol em lote/rural.Extrema/RO, dezembro de 2010.

“O nascer e o pôr-do-sol enaltece a roda da vida, mesclando culturas, almas, sentimentos e emoções no cotidiano das pessoas, Lugares e paisagens”.



Foto: ASSUNÇÃO, S.T. Foto 33 – O pôr- do-sol em lote/rural.Extrema/RO, dezembro de 2010.

A **Figura 05** evidencia um mosaico com a paisagem de experiências vividas na área urbana e, a composição do poema **Ser Seringueiro**, abaixo, de Sandra Teixeira de Assunção, pesquisadora, , circunda o mundo de reflexão entre a vida na cidade e na floresta.

O SERINGUEIRO, DIANTE AS LUTAS, ARRISCANDO A VIDA
VIVU-SE CORAJOSO E RESILIENTE
BUSCOU INTERPRETAR A GUIA DA ILUSÃO
CHEGANDO A MANSIDÃO
AO LER O MUNDO VIVIDO,
VIAJA NA ILUMINAÇÃO
COM A LUZ SURGE O ARTESÃO
CONSTRUINDO SEU CAMINHO
QUE SEGUIR A DIREÇÃO DA MODERNIZAÇÃO
OU GLOBALIZAÇÃO?
DESTEMIDO PIONEIRO LUTOU NA SELVA
AGORA
DESVENDA OS MISTÉRIOS DA CIDADE
ONDE ESTÁ A CAÇA, O RIO, A CASTANHA E O PEQUENO ROÇADO?
NA MEMÓRIA
QUE TRAZ HISTÓRIA
A VIDA AGORA ESTÁ NO RETÂNGULO DA RUA
NÃO CIRCULA NO FRESCOR DAS MATAS,
MAS É NA CIDADE OU FUGINDO PARA TERRAS BOLIVIANAS
QUE O GUERREIRO REVIVE O PASSADO COMPONDO O PRESENTE
PARA VISLUMBRAR O FUTURO DA SUA GERAÇÃO
NOITES E DIAS SE VÃO
COM O NASCER DA AURORA VÊ SE O FOGÃO A LENHA E A MAQUINA DE LAVAR,
A ANTENA DA TELEVISÃO VEM DE ENCONTRO O CANTEIRO DE PALAFITAS,
A POEIRA, A ESCOLA, O GADO E A GALINA DE GELO
A CASA É A CONCHA PARA CELEBRAR A VIDA
O ACONCHEGO PARA O BATE PAPO ALÉM
ASSIM A MEMÓRIA PERMANECE VIVA
DANDO RESSIGNIFICADO
AO SEU MODO DE VIDA.

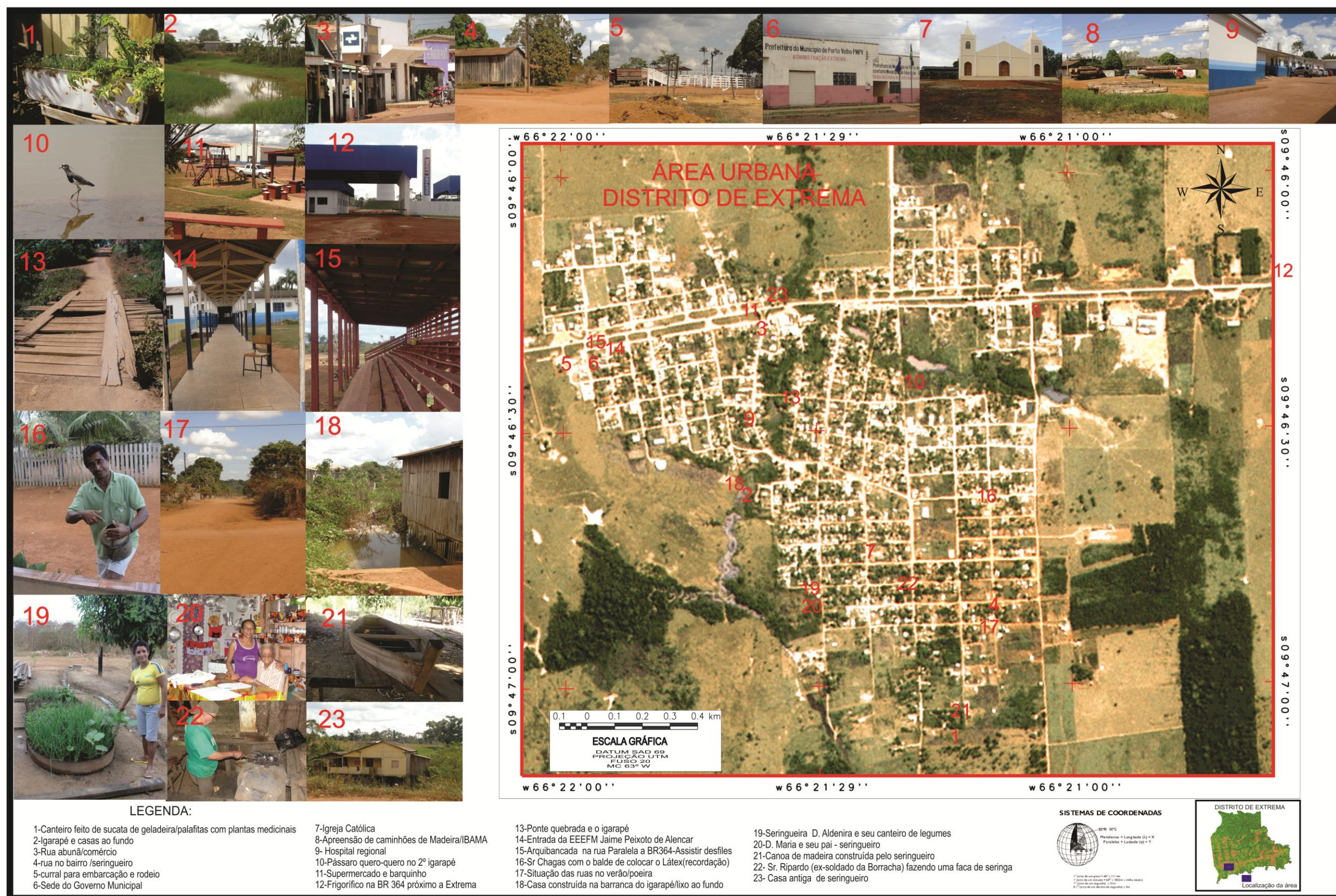


FIGURA 05: MOSAICO 01 - PAISAGEM DE EXPERIÊNCIAS VIVIDAS - ÁREA URBANA
 Fonte: IMAGEM Spot_MI 1539_2010/07/13_Acervo SEDAM-Resolução 2,5 m — Fotos: Sandra Teixeira de Assunção - 09/2007 e 07/2011

4.3- LEMBRANÇAS DA PAISAGEM DO LUGAR

Na paisagem do seringueiro, a vida cotidiana está em harmonia com o ambiente vivido. Ao memorizar as paisagens, descrevem-nas como belas, uma vez que o silêncio, o cantar dos pássaros, os animais que sempre viam nas matas, os rios, os tracajás na praia, ou nos galhos de árvores dentro d'água, a onça temerosa, a seringueira e as castanheiras, tudo vivenciado, criava a intimidade deles e o ambiente. Tinham orgulho daquele lugar, enquanto mundo vivido (life-world); da vida mais tranquila que na cidade, pois a fartura existente da comida lhes dava prazer em viver entre as matas (período de isolamento, sem regras do seringal), mesmo continuando sem o dinheiro, em espécie. A paixão com que retratam o dia a dia está no âmago do ser seringueiro e de ser resilientes. As lembranças mostram um mundo dinamizado. O rio que corre, os seringueiros o percorrem, adquirem o peixe e bebem da sua água. A descoberta da fonte de água na moita de bacuri também é destacada, pois ali sempre tem água limpa e pura para beber.



Fotos ASSUNÇÃO, S.T Foto 34 - Rio Abunã via de transporte e acesso. Foto 35 – Árvore de Buriti, onde existe vertente de água- (fazem cacimba para pegar água pra beber), lote do único ex-seringueiro que permanece no meio rural. Extrema/RO, setembro de 2007 e julho de 2011.

Os seringueiros valorizam a paisagem dos rios, da floresta, dos bichos e aves porque é neste espaço que habitam, que retiram o alimento para a sobrevivência. É onde amam, mas também possuem desamores. Esta paisagem dá estabilidade e identidade ao grupo, pois, eles têm um sentimento de ser e pertencer à mesma.

Incrustada no pensamento e no coração do seringueiro, a paisagem, foi por muito tempo vivida, visualizada, compreendida e intencionalizada, sendo isto o resultado da sua experiência e do relacionamento integrador entre ele (seringueiro) e o ambiente natural. Com seus desenhos sobre o seringal, estradas de seringa, barcos e rio enfatizam e edificam uma paisagem que tem forte significado em suas vidas. Simbolizam o ambiente vivido. Assim,

pode-se dizer que a paisagem reflete os valores, as atitudes, o trabalho, os gostos, desgostos e as aspirações. Quando desenham, trazem a memória a identidade de um grupo e fazem ressurgir paisagens que ora sofreram alterações e foram configuradas em uma nova paisagem.

Portanto, há uma ligação entre a cultura e a paisagem. O seringueiro constroi, com seu modo de vida, paisagens baseadas na história de vida local, na vivência. As paisagens são o foco de significado, a partir de relações e atitudes para com o ambiente. Fortalecem os significados, dando entendimento e compreensão nesta relação.

Dessa forma, para apreender uma paisagem é necessário não só admirar o “belo” na natureza, no ambiente vivido. É preciso ter a sensibilidade de “artialisar” um ambiente na mente e representá-lo conforme a intencionalidade e os significados que são concebidos no dia a dia.

Na pintura, o belo correspondia ao perfeito, mas ao procurar uma paisagem subjetiva descobre-se a significância dessa paisagem para quem com ela convive. A relação sociedade e ambiente produz conhecimento; este conhecimento é o produto do processo de vivências sociais em um lugar. Ex: para os seringueiros e coletores, as árvores de castanheira ou seringueira são admiráveis porque existe uma intencionalidade, elas fornecem produtos para a sobrevivência; ela não é uma simples árvore verde na floresta; enquanto que para outra categoria, exemplo, os pecuaristas, ela é uma limitação para as pastagens.

Nesse sentido, de fato, existe sobreposição desses sentimentos em uma paisagem devido à vinculação da exploração e organização do território por outras culturas. Uns apreciam a paisagem, enquanto um ambiente que lhes fornece alimentos, segurança e tudo que lhe é útil na vida cotidiana, sendo a casa, o trabalho, o lazer, o rio, a mata, etc. Enquanto, outros apreciam outro contexto, como assegura D. Aldenira e o Sr. Francisco Tavares:

“[...] A natureza é bela... A floresta pra nós e pra mim... hoje agente vive com falta de ar, pressão baixa eu acho que é o desmatamento que tá demais... Um quintal que a gente taca fogo aqui, a gente já fica com falta de ar. Os homens que cortam a madeira diz que falta o pão deles, quando o IBAMA proíbe...Para eles, cortar é bom, mas para à frente vai prejudicar eles mesmos...Cadê o ar pra gente? As águas secam tudo...Era por todo canto que agente puxava água pra lavar roupa....hoje, essa água vem da onde? Do rio Abunã[...].”(ex-moradora em seringal, hoje, moradora de Extrema/cidade)

“[...] Antigamente, todas as nossas águas eram boas, com o progresso que foi a pastagem que chegou até nós começaram a estragar nossas minas... A nossa água era boa, agora o rio está seco, só tem água dentro da mata, antes tinha aqui pertinho de casa, agora pego água do vizinho... Isso são os valores

que tínhamos, quando tudo era mata, a água era boa e, agora já não é mais [...]” (Francisco Tavares, morador no lote, antiga colocação de seringal)

Portanto, o ambiente cultural em que o homem e/ou grupo interage influencia sua conduta. Assim, toma atitudes e valoriza o que de bom e útil lhe é necessário.

Na análise de (RISSO, 2008), a paisagem está intrinsecamente relacionada à existência humana, por isso, considera que a percepção é fundamental para as atitudes, valores e significados que o grupo atribui às paisagens. Dessa forma, afirma que cada cultura age conforme sua percepção e significação que tem com o espaço. Para subsidiar seu pensamento, Riso(2008) se vale ainda das ideias de Collot que diz haver dependência recíproca entre o sujeito e a paisagem percebida pelo mesmo. Cada pessoa atribui valores e significados diferentes às paisagens dependendo do seu enraizamento no lugar em que vive. Collot (Ibidem, p.22) afirma que a paisagem, “ fala a quem olha”, dentro de uma unidade de sentidos, o universo subjetivo alcança (inscape), ou seja a paisagem interiorizada. Nesse contexto, Relph *apud* Riso (2008, p.73) assegura que a “Inscape” é “a mais importante para nós, por ser ela que dá profundidade e significado às paisagens, e que nos liga a elas, por reforçar a nossa individualidade”.

Sendo assim, aplicando os referenciais de paisagem dentro da perspectiva humanista com abordagem fenomenológica aos seringueiros de Extrema/RO, percebe-se que uma vida vivida na floresta, entre os rios, as matas e, entre as inseguranças do viver (trabalho, selva, isolamento, doenças) tornou-os persistentes, encorajados a lutar pela sobrevivência. Existia entre o seringueiro e a natureza uma reciprocidade: esses, interagiam buscando caminhos que lhes ressalvassem dos perigos e das dificuldades, esta retribuía com um cenário belo e rico de recursos para a sobrevivência.

Diante disso, nota-se que os seringueiros eram criativos no tecer com intencionalidades seus objetos diante de suas necessidades: suas casas; os paneros, que eram instrumentos que serviam para segurar o peixe e para transportar cargas de alimentos e utensílios; os sacos para colocar o látex; as iscas para pescar onde colocavam um pedaço de tira de pano colorido no anzol ou um pedaço de chinelas cortado, era só puxar exercitando a linha em uma velocidade que o peixe era fígado; no corte da seringueira; na ligeireza quando dava o trovão para não perder o leite (látex). No secar a carne de caça e de peixes; em construir suas canoas e etc.

Imaginavam e construíam um ambiente acolhedor porque as matas e os rios lhes garantiam a sobrevivência em termos de alimentação, de alguns objetos e utensílios que

criavam com suas técnicas simples, mas que precisavam de inteligência e energia para confeccioná-los. Tinham agudeza quanto ao cantar dos pássaros, a mãe seringueira que jorrava o leite e a castanheira que, posteriormente, favorecia a compra de mantimentos; a seringueira e a castanheira eram as árvores que tinham estima especial, pois contavam com o seu poder na produção e, assim, o homem e a árvore se dependiam, o homem a protegia naquele momento, e ela lhe dava o produto para sua segurança. Eis uma representação paisagística da Amazônia:



Fotos ASSUNÇÃO, S.T. Foto 36 – Árvore da Castanheira; Foto 37 - Seringueira. duas espécies apreciadas pelos Seringueiros. Extrema/RO, 09/2007 e 07/2011.

Esta paisagem era/é contemplada. O viver nas matas era triste pelo isolamento e sofrimento com o trabalho penoso, as doenças que castigavam, mesmo assim eles valorizavam e significavam este lugar, pois não tinham outro, ou outra opção de vida. Era ali que deveriam alicerçar-se, constituir família e conviver com situações complexas, porém uma vida experienciada. Em um primeiro momento, as seringueiras lhes trouxeram o leite que consequentemente recebiam os alimentos, depois a castanheira lhes davam o sustento como o chamado leite da castanha, pois não tinham leite de vaca. Ralavam ou socavam a castanha, misturavam água e coavam. O leite estava pronto com todos os seus benefícios para a nutrição. Também comiam a castanha com café, faziam doces e etc. Hoje, ainda a coletam para vender.

As dificuldades enfrentadas na mata e nos rios levaram-lhes a desenvolver atitudes e valores dando sentido ao existir em meio a tantas adversidades. Esses obstáculos fizeram com que os seringueiros fossem resilientes, ou seja, garantiu-lhes a capacidade de superar adversidades criando saídas positivas para o viver. A visão do mundo estava dividida entre valores subjetivos, objetivos e imaginários. Os sentimentos mesclavam emoções de

sofrimento, alegrias e vontade de vencer. Quando os seringueiros foram abandonados na floresta pelos seringalistas eles tiveram que buscar mais coragem e ressignificações para o lugar. Adaptaram-se ao novo modo de vida, não tinham que produzir os 60 kg de borrachas por semana, mas tinham que buscar a sobrevivência (alimentação) nas águas e nas matas e, em si mesmo a resiliência. Deixaram de cortar a seringueira para colher o látex, mas continuaram amando esta árvore que “poderia” ser odiada pelo jeito imposto de trabalhar nela, entretanto, esta foi/é sempre considerada por eles. Como não tinham o barracão para comprar, foram fazer os roçados maiores para que estes garantissem o sustento familiar. Também não visualizavam grandes pastagens ou produções de alimentos, mas o suficiente para seu próprio sustento. Assim, as florestas não sofreram desmatamentos e queimadas que pudessem causar danos ambientais. Contudo, os seringueiros sofreram a amargura do desprezo na floresta, isto o senhor Francisco Tavares relembra com desgosto e é o único seringueiro entrevistado que não se reconhece mais como um seringueiro:

[...] Bom continuando o trabalho no seringal chegou uma época que paramos o trabalho com a borracha, fomos trabalhar na roça, coisas que não tínhamos o costume de conviver com aquilo, imagino eu que uma das coisas mais rápidas é a plantação de milho que leva três meses para colher, e, como que íamos plantar e esperar esse tempo todo para comer, não tinha jeito, então, enquanto isso, tinha que trabalhar em outro local para conseguirmos comida, enquanto o milho crescia, esperar a mandioca, também, que leva de cinco a seis meses para produzir e, durante esses seis meses a pessoa tinha que comer e não dava para esperar sem fazer nada... A banana também quando bem plantada leva de sete a oito meses para produzir o primeiro cacho e ainda leva uns dois meses para amadurecer, só aí já são nove meses esperando a banana, enquanto isso fazia diária para o vizinho, fazendeiro ou ir a cidade fazer alguma coisa, mas quem é do seringal não sabe se virar na cidade (risos)... Aí foi onde aprendi, por exemplo, roçar de foice que eu não sabia, cortar uma madeira no motosserra que também não sabia, por isso, que digo que o progresso nos trouxe essas coisas, e quando você trabalha fora dando o sustento da família ou comendo tem aquele dizer que passou o tempo e o milho produziu, a mandioca e a banana produziram e passamos a sobreviver com o que produzimos que, é o meu caso[...]

Os costumes do modo de vida em que a floresta dava-lhes os animais, as castanhas, o frescor das árvores, os pássaros, as águas, continuaram até uma nova forma pensada política e, estrategicamente, para assentar outras famílias foi proposta pelo governo. A área de grandes seringais foi dividida em lotes, dessa forma, a paisagem física e subjetiva (sentimentos,

emoções) começou a mudar. Sentem amor pela floresta, mas são obrigados a sair e pensar em outra forma de sobreviver.

Quando se fala no seringal, recordam muito sobre os festejos que eram poucos, o trabalho padecido, o medo da onça e da cobra, e falam com orgulho da caça e da pesca. Mencionam pouco sobre o roçado, pois tinham que comprar dos seringalistas que já traziam a mercadoria das casas aviadoras. Nesse sentido (Risso, 2008), observa:

“No universo subjetivo estão incluídos os sentimentos em relação as paisagens, ou seja, afetividades, vivências, experiências, valores, a cultura simbólica, as representações, identidades e territorialidades, que, segundo o tipo de experiência com a natureza, ou percepção, reflete diferentes sentimentos e comportamentos em relação a ela”.

A paisagem do tempo do seringal, ou do tempo em que viveram abandonados e isolados na floresta tem uma resposta positiva aos olhos dos seringueiros e dos filhos de seringueiros, pois foi uma paisagem visitada cotidianamente, assim, vivida e desejada para a sobrevivência. As perspectivas de mudanças estavam distantes, então, era amar e viver, harmoniosamente, com quem lhes assegurava a vida.

Nesse desvenir humano amazônico, a paisagem possui sua relevância na história. Homem e meio são pólos interdependentes, assim, o comportamento humano sobre a paisagem é sempre observado, pois, é através da história do cotidiano, da vida experimentada, que acontece a mudança no olhar e no viver dos diferentes atores. Dessa forma, torna-se difícil trabalhar a paisagem na geografia humanística, no campo da fenomenologia sem se referir à cultura. Sobre essa questão, Zanatta fala da recuperação da abordagem cultural na Geografia e, admite que:

“a cultura está intimamente ligada ao sistema de representações, de significados, de valores, que criam uma identidade que se manifesta mediante construções compartilhadas socialmente e, expressas espacialmente, ou seja, que a cultura representa todo o modo de vida de uma sociedade”.

É importante ressaltar a cultura como fator que modifica os cenários. Deste modo, tem-se uma paisagem percebida e sentida na individualidade, mas se relaciona com outras paisagens, costumes e culturas. Cada indivíduo seleciona sua paisagem, percebe-a conforme sua motivação e propósito de mundo vivido. Ela se reveste de significações que ligam o indivíduo ao ambiente.

A atividade humana com o ambiente exercita a mente para ações de espacialidades. Do mesmo modo, os fatos vividos com as experiências em um determinado contexto social são passíveis de compreensão e revelam uma essência dentro de suas significações. A riqueza das relações humanas e o meio vivido compreendem uma lógica de aportes como os sentimentos, a intuição, a experiência e a subjetividade para uma compreensão do mundo.

Para Holzer (1999), Carl Sauer, pontua uma paisagem visualizada, não de um golpe de vista, mas uma paisagem com qualidades físicas que apresenta significância para o homem que a utiliza. Assim, há de se observar os modos de vida individuais ou de culturas complexas. O mundo vivido torna-se um celeiro de história, um produto da prática entre indivíduos e realidade material vivenciada. A paisagem individual é percebida quando o indivíduo concebe o espaço vivido construindo-o dentro de suas intencionalidades.

Na subjetividade (vivência, emoções, intenções) se apreende o fenômeno com uma observação mais aguçada, com seleção de elementos conforme o significado e a intencionalidade para o indivíduo ou grupo. Ex: no seringal foi necessário desenvolver as ligas com o sernambi para amarrar os sacos que colocavam o látex saindo da mata até chegar na casa de defumação. Nesse sentido, tiveram uma intuição e utilizaram uma intencionalidade quando pegavam as varas de taquari (bambu) onde colocavam o leite e faziam as ligas que já saíam modeladas como um fio para amarrar (parecidas com estilingue). Este era o sentido, amarrar. As mulheres também iam juntando o sernambi e vendiam para comprar algo para uso próprio, como perfumes e roupas. Assim, houve uma inspiração e criação de objetos remetendo-os a conexão, significância e circulação no ambiente.

A **Figura 06** – Evidencia a paisagem de experiências vividas - área rural apreendida na realidade de um seringueiro que vive entre as fazendas e os pequenos produtores. A paisagem como produto do espaço social que é dinâmico vem sendo transformada perante os costumes e as tradições de cada grupo/sociedade. Alguns lugares frequentados no percurso da área rural e a visita feita ao único seringueiro que reside em seu lote demonstraram a dinamicidade existente entre as diferentes culturas.

No 5º capítulo abordar-se-á a mudança do seringueiro e o ressignificar da vida em outro espaço - no urbano e nas matas da Bolívia. Assim, pretende-se aferir o ser resiliente em mais uma etapa da vida, em outro contexto de sua história. Como está sendo cultivado seu modo de vida, hábitos e valores neste mundo globalizado? Ainda será possível estabelecer identidades onde as culturas se deslocam?

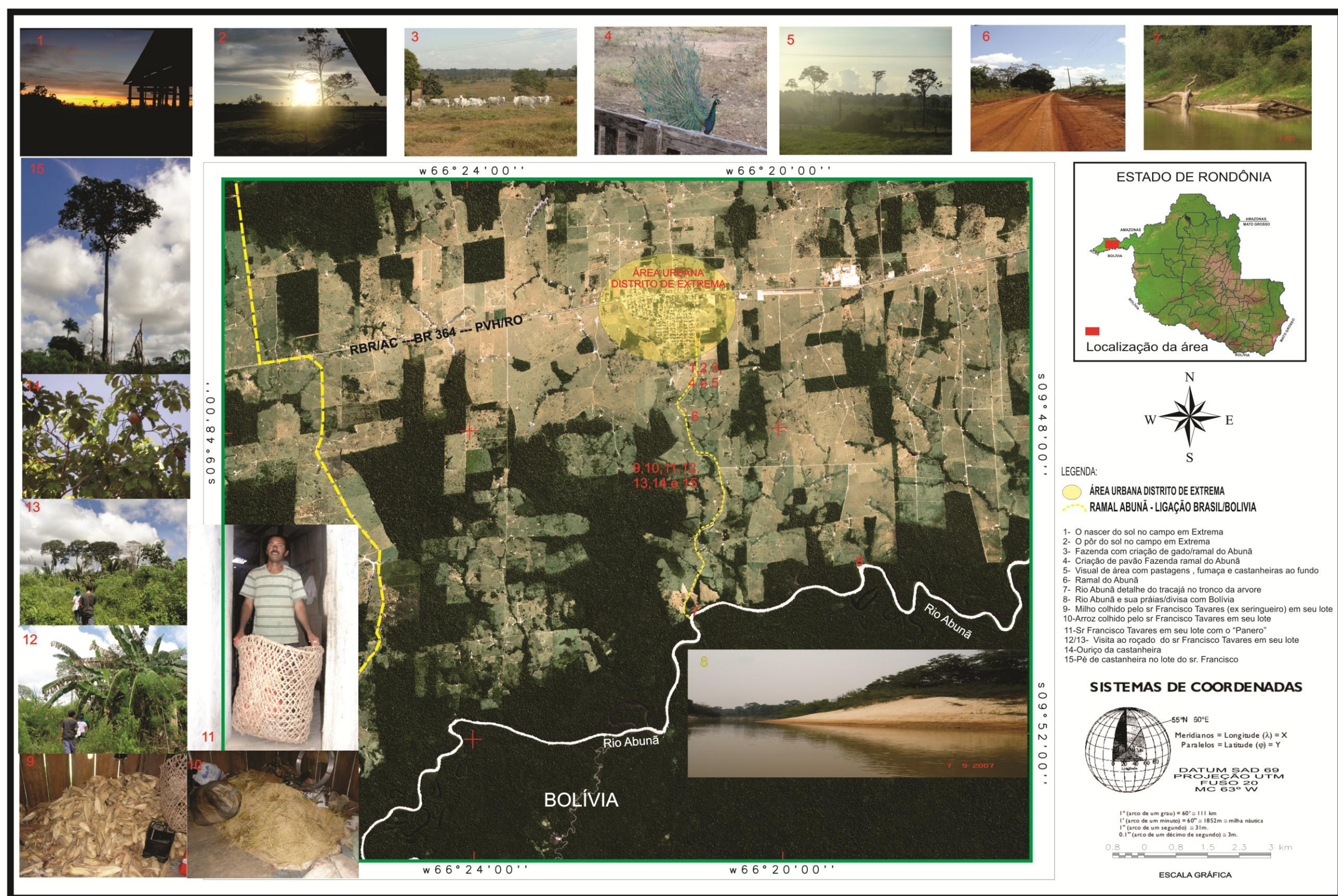


FIGURA 06: MOSAICO 02 - PAISAGEM DE EXPERIÊNCIAS VIVIDAS - ÁREA RURAL
 Fonte: IMAGEM Spot_MI 1539_2010/07/13_Acervo SEDAM-Resolução 2,5 m — Fotos: Sandra Teixeira de Assunção - 09/2007 e 07/2011

CAPÍTULO V – A RESSIGNIFICAÇÃO DOS MODOS DE VIDA DO SERINGUEIRO NA CIDADE



Foto: ASSUNÇÃO, S.T. Foto 38. A casa de palafitas do seringueiro na cidade próxima ao igarapé. O canteiro de cebola no alto dentro da banheira. Extrema/RO, julho de 2011.

...Chegou o tempo do loteamento de terra, nós nos encontramos aqui... O INCRA chegou e, aniciou-se uma tristeza em mim... A mudança, o progresso chegando... As pessoas de fora, isso me incomodou muito, eu pensei assim... Agora chegou o tempo de não termos mais sossego, esse povo aí, desconhecido, não sabe se é valente ou manso, e daí por diante... (Francisco Tavares, 2011)

V – A RESSIGNIFICAÇÃO DOS MODOS DE VIDA DO SERINGUEIRO

5.1 – O ÊXODO DO SERINGUEIRO

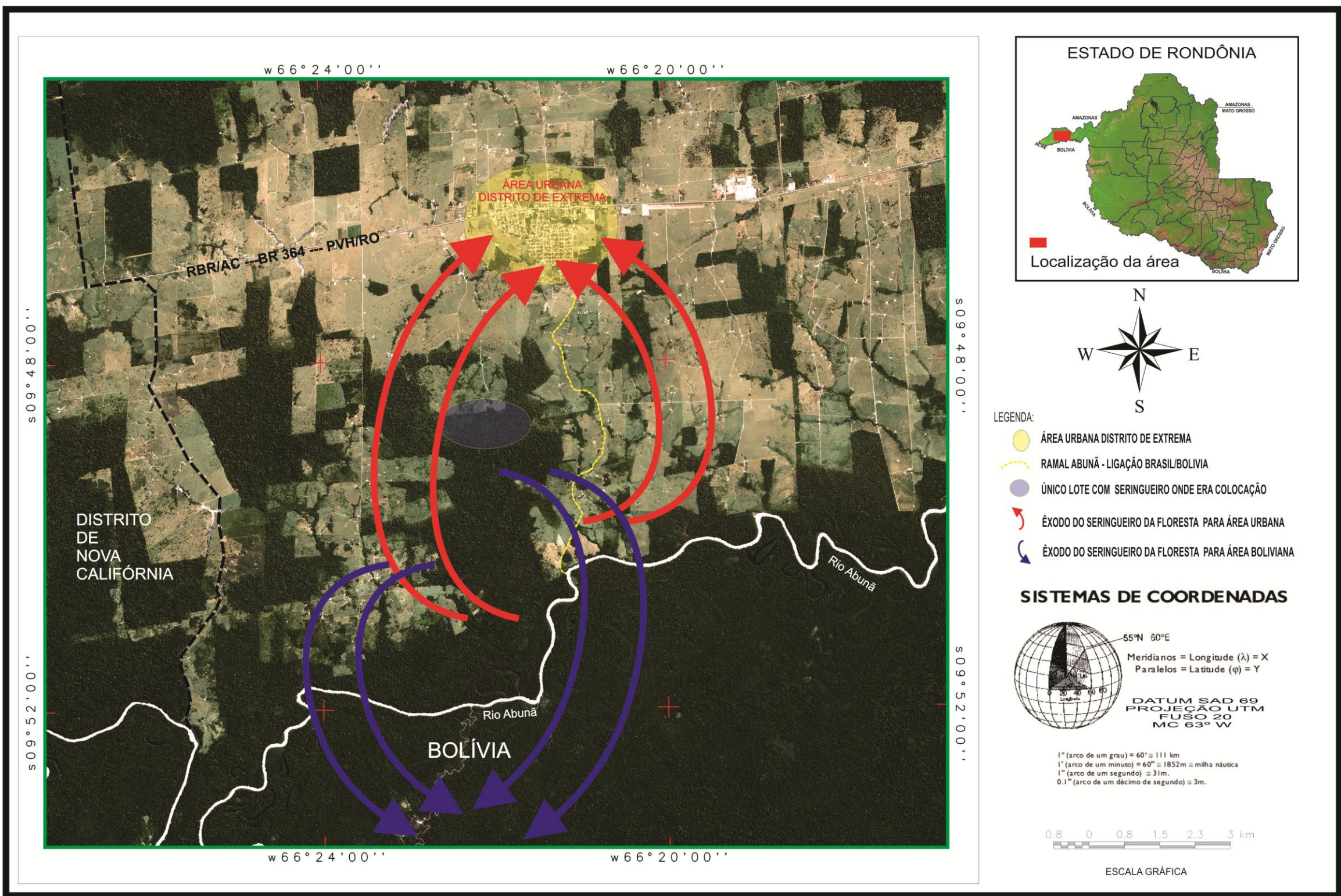
A Amazônia tem sido um espaço para possibilidades econômicas, desde as especiarias florestais, bem como minerais e animais. Contudo, o campo de condução para a expansão econômica está no processo de colonização que atingiu a região norte, principalmente o estado de Rondônia, com o viés da colonização agrícola e, que posteriormente, chegaram os pecuaristas e o agronegócio, mudando a configuração espacial e, intervindo na vida dos povos que habitavam esse lugar. Por conseguinte, como afirma Gonçalves (2010, p. 16) “Não há uma Amazônia, mas, várias”. Ele ressalva que, a Amazônia precisa ser enxergada pelos povos que nela habitam há anos, séculos. Colonizadores e colonizados apresentam uma visão diferenciada sobre seu contexto de vida e cultura. Assim, cada um possui a sua verdade que precisa ser entendida.

No bojo dessas verdades, levanta-se uma questão frente à “invisibilidade” das políticas de desenvolvimento com relação aos ribeirinhos, povos indígenas, e etc. Neste caso, dos seringueiros que foram obrigados a deixar o seu lugar devido à pressão de uma cultura que pensa a produção do espaço em áreas particulares e com limites ao acesso. Assim, excluídos dessa vertente econômica, vivem às margens das cidades ou em terras bolivianas.

Para os seringueiros, o seu espaço vivido possui contexto sócio-ecológico e cultural específico. Possuem uma identidade construída pela vivência e experiências, onde descobriram e aprenderam um saber local, marcados por linguagens, mitos, representações e simbologias estabelecidos e perpassados de geração a geração.

Para Assunção (2010), na região de Extrema, firmam-se as grandes fazendas, consolidando a pecuária extensiva até para a exportação e um grande frigorífico está para ser inaugurado. É a produção econômica insaciável pelo lucro que adentra outras culturas e, deste modo, seringueiros e pequenos produtores não acompanham esta modernização e são expropriados, perdem o enraizamento e o elo afetivo com o lugar, base de sua sobrevivência.

A **figura 07** apresenta o fluxo migratório dos seringueiros, excluídos da floresta para áreas de antigos seringais na Bolívia e para a cidade de Extrema. Continua aquele ir e vir. Hoje, voltam à Bolívia para colher castanha ou retirar madeira para fazer cercas nas fazendas brasileiras. São fluxos migratórios e culturas diferentes criando paisagens e geograficidades.



Observando o mapa do êxodo dos seringueiros, é possível ver a expansão do desflorestamento. O seringueiro que não possui uma cultura fora das matas, pela ligação intrínseca com a terra, base de sua sobrevivência, busca esse refúgio, enquanto as mulheres ficam na cidade com os filhos. Continuam sendo seringueiros pelo modo de vida, hábitos e costumes adquiridos ao longo do tempo. Querem um pedacinho de terra pra plantar a macaxeira e criar aves e animais de pequeno porte. Nessa busca, tentam conviver com a incerteza, adentrando as terras da Bolívia por não possuírem qualificação profissional que o comércio e a área urbana impõem. Vão ao encontro do que sempre fizeram para sobreviver: caçar, pescar, coletar a castanha para vender e retirar madeiras enfrentando os bolivianos. A saudade do lugar perpassa a alma e o olhar dos entrevistados. Eles mudaram de lugar, mas não de valores e hábitos. São forçados a tomar algumas atitudes mediante as necessidades de sobrevivência, pois não estão amparados por uma Reserva Extrativista ou Floresta de Rendimento Sustentável. Assim alguns atuam nas empreitadas para retirar madeira e fazer cerca para pasto.

Dessa forma, as transformações socioculturais, econômicas e ambientais vivenciadas pelos grupos de seringueiros e migrantes em Extrema são explicadas na paisagem. Após o processo migratório, visualiza-se que a paisagem “natural” foi transformada. A área urbana e rural vem sendo ressignificada pelos diversos atores que a configuram. Hoje, analisando a paisagem que os olhos alcançam, observam-se poucas árvores e muito pasto com gado. Algumas castanheiras vivas entre os pastos e muitas mortas pelo fogo, quando fazem a queima para recomposição do capim.



Foto ASSUNÇÃO, S.T. Foto 39. Pasto com castanheiras ao fundo. Extrema/RO, dezembro de 2010.
Foto 40 - Pasto com gado. Extrema/RO, julho de 2011.

As fotos apresentam a realidade ocorrida no espaço e na vida das pessoas. Do roçado pequeno para a subsistência da cultura do seringueiro, a terra recebe a cultura do pasto com o gado. Transformações ocorridas mediante as formas econômicas impostas pelo mercado.

Nesse sentido, o sentimento afetivo pelo lugar vivido está configurado em outra abrangência. A floresta e o migrante não possuem mais um elo de vida, os rios não são formas de acesso ou fonte de alimentação. Agora, o gado e outros animais domésticos fazem este papel, bem como é fonte de lucro e desenvolvimento econômico. Desse modo, Assunção (2010, p.11) afirma:

“Percebe-se que os seringueiros, com seus laços econômicos (materiais) e subjetivos, foram sendo desapropriados. Sabe-se que estes, de uma atividade econômica buscaram a identidade, mas a falta de “visibilidade” para com este grupo colocou-o fragilizado, podendo desaparecer desta região amazônica. Os seringueiros perderam seu território quando o migrante cercou a sua propriedade, dando lhes limites para coletar, caçar e pescar e, sem as Florestas de Rendimento Sustentado perderam o habitat.”.

Ponderando nas palavras de (FERNANDES MANÇANO e MOLINA, 2004, p. 61) que afirmam:

“Os povos do campo e da floresta têm como base de existência o território, onde reproduzem as relações sociais que caracterizam suas identidades e que possibilitam a permanência na terra. [...] Esses grupos sociais, para se fortalecerem, necessitam de projetos políticos próprios de desenvolvimento socioeconômico, cultural e ambiental”.

Entretanto, Assunção (2010) compreende que os seringueiros, com seus laços econômicos (materiais) e subjetivos, foram sendo desapropriados. Que estes, de uma atividade econômica buscaram a identidade, mas a falta de “visibilidade” para com este grupo colocou-o fragilizado, podendo desaparecer desta região amazônica. Eles perderam não só o território, mas a relação natural com o ambiente onde significavam a vida, assim, perdeu o habitat.

5.2 – Os Seringueiros expulsos do Brasil – uma condição desumana

Existem grandes áreas de antigos seringais na Bolívia do outro lado do rio Abunã próximo a Extrema, no rio Mamu, afluente do rio Abunã. Trabalharam lá por muitos anos,

trocando de colocações. Quando excluídos das matas pelas pastagens (ciclo da colonização agropecuária) atravessaram o rio, novamente, e buscaram refúgio em terras da Bolívia. Alguns ainda retiram a castanha e vendem para empresas de Rio Branco ou Porto Velho, que revendem para grandes exportadoras de Belém/PA e São Paulo. Esta castanha desce em embarcações pelo Rio Mamu/Bolívia, rio Abunã, e são desembarcadas no ramal do Abunã/Extrema e, segue de caminhão para um barracão dentro da vila para depois ser transportada para Rio Branco ou Porto Velho. Alguns seringueiros antigos e seus filhos ainda buscam na Bolívia um meio de sobrevivência fora da cidade, devido ao modo de vida no seringal e a experiência adquirida, encontram neste lugar raízes do que viveram dentro da floresta. A tranquilidade, o cantar dos pássaros, o plantio da banana, da mandioca, da cana, da abóbora, da batata, os peixes, a caça. A abundância de alimentos é o principal fator. É um lugar rico de nutrimentos e trabalho, mas estão sendo expulsos pelos bolivianos, como mostra a reportagem “Brasileiros expulsos da Bolívia passam necessidade no Brasil, enquanto aguardam morosidade do INCRA”³¹. Na referida reportagem, o seringueiro Luís Piedade disse:

" O jeito que tem é nós arriscar a vida... Se estamos lá estamos correndo perigo... Se estamos aqui estamos abandonados, mas pelo menos no rio Mamu nós temos o que comer."

Para os seringueiros que lá viveram retornar ao rio Mamu (Bolívia) é preciso, pois encontram meio de sobrevivência, encontram o que comer. Após vários anos de conflitos e a interferência do Governo Federal, este propôs, em 2009, repatriar os seringueiros, assentando-os no Acre, entre Rio Branco e Brasiléia, mas até o momento ainda não foram assentados e, assim, outros como o senhor Luis buscam a sobrevivência no país vizinho, enquanto alguns querem é sua pátria mãe e relatam os problemas com os bolivianos, como o seringueiro França³²:

“Quem quiser sofrer humilhação fique na Bolívia só que eu não fico mais, eu disse isso pros cara da OIM... Até meus filhos eles queriam fazer de burros, ameaçando eles á carregarem sacos de castanha nas costas. ”

Este seringueiro relatou na reportagem que teve seus burros mortos com excesso de cargas de castanha quando foram utilizados pelos bolivianos. Relatam ainda que eles invadem

³¹ <http://www.rondoniaovivo.com/news.php?news=56385> acesso em 31/07/2011

³² <http://www.rondoniaovivo.com/news.php?news=56385> acesso em 31/07/2011

suas casas, plantações e não podem fazer nada para impedir. Muitas vezes tem que entregar as castanhas colhidas e ficam sem o “recurso” que pensavam ter para suas necessidades básicas.

Segundo a reportagem “EXCLUSIVO - Brasileiros expulsos por "paramilitares" bolivianos pedem assentamento no Brasil”³³, o seringueiro Leonardo Piedade Frágoso, 71 anos, desde os 26 anos morando na Bolívia, relatou as ameaças de morte feitas pelos bolivianos e que tinha sido expulso de sua casa pelos militares daquele país. Disse ter voltado a sua “colocação”, que se encontrava “calma” por ser o período de entressafra da castanha, e poucos brasileiros praticam o extrativismo no Departamento do Pando neste período. Outro a relatar os problemas com a Bolívia foi Francisco das Chagas, que disse ter sido proibido de navegar no rio Mamu, onde os bolivianos colocaram uma corda atravessando o rio, e este ficou separado da família por três dias.

Esta reportagem ainda trouxe o relato do ministro da presidência (Bolívia) Juan Ramón Quintana, na província de Santa Rosa do Abunã (Pando), onde se pronunciou afirmando que o principal objetivo do governo boliviano é consolidar a soberania boliviana na região, considerada a mais pobre e desprotegida do país. Disse ainda que esta omissão em relação à Amazônia boliviana possui 184 anos, lembrando que após a guerra do Acre, quando perderam 490 mil km² para o Brasil, deu-se início a uma invasão silenciosa nesta área boliviana, por parte de brasileiros, explorando as riquezas da selva na fronteira. Finalizou seu discurso, dizendo que “nenhum centímetro quadrado do território será ocupado ou explorado por estrangeiros e empresários inescrupulosos”.

Dona Aldenira, em sua entrevista para esta pesquisa, disse ter saudade da fartura existente no seringal, mas os problemas com os bolivianos é coisa séria:

“[...] Pela notícia do pessoal que vai pra lá, não compensa a gente ir porque os bolivianos do que a gente faz, eles aproveitam... Espera a gente quebrar as castanhas aí vem pega tudo e, a gente fica sem nada, tem que ficar calado... Meu filho trabalhou lá e, duzentos bolivianos tomaram toda castanha... Os trabalhadores ficaram lisos e sem transporte pra vim embora porque eles armados não deixavam sair pra nenhum canto. Ficavam presos, então? Sim, tinha que trabalhar calados e ficar quietos [...]”

Mediante isto, nota-se que a luta dos seringueiros na Amazônia. Expropriados por um processo de colonização vão para o país vizinho para continuar seus hábitos, costumes, trabalho, mas de lá são expulsos e humilhados, onde precisam da interferência até da Organização Internacional para Migrações – OIM que, junto com o governo brasileiro fizeram

³³ <http://www.rondoniaovivo.com/news.php?news=56385> acesso em 31/07/2011

um acordo para dar voz aos seringueiros, cessando seu sofrimento em outra pátria. Dessa forma, o Senhor Barnabé, antigo seringueiro de Extrema, desabafa: “Finalmente o governo brasileiro escutou o nosso clamor”.

Diante da esperança, os seringueiros fizeram o cadastramento no INCRA (2010) e ainda aguardam pelo seu sonhado “lugar” no Brasil, são seringueiros e não “brasivianos”³⁴.

5.3 – O RESSIGNIFICAR DA VIDA NA CIDADE

Os seringueiros de Extrema não são egressos da floresta porque eles não saíram deixando de pertencer o seu mundo e modo de vida. Mesmo estabelecendo suas residências na vila de Extrema (espaço urbano), jamais perderam o vínculo com a floresta e os rios. Os homens estão em constante fluxo entre a cidade e a mata. Passam temporadas coletando castanha e/ou saem para pescar, trabalhar nas fazendas, ou fazendo farinha. Porém, as mulheres ficam com os filhos na cidade, dificilmente vão à beira do rio Abunã, algumas nunca mais voltaram. Ficam em casa fazendo os afazeres domésticos. Algumas criam galinhas e possuem canteiros com hortaliças, outras procuram trabalho nas casas de famílias, restaurantes e diárias. As aposentadas também cuidam dos netos em casa.

Hoje, o ressignificar da vida do seringueiro na cidade não é tarefa fácil, principalmente para as mulheres que não voltam mais ao rio. A saudade do aconchego, do frescor das matas, do canto dos pássaros, da canoa, dos rios, dos peixes, das carnes de caça e aves, está viva nas lembranças de todos. Apesar de a vida ter sido uma luta constante nas colocações, a experiência no lugar criou laços de pertencimento que os unia ao ambiente. Assim, não queriam deixar aquela vida que lembram como tranquila e com muita fartura.

O processo de inclusão, presente na vida da cidade, tem força na tecnologia que e necessidades da vida contemporânea. Os tempos mudaram e a vida do seringueiro também passou por transformações, alguns acompanham, outros ainda querem a tranquilidade da mata, da fartura de pesca e caça, pois são hábitos que não se rompem facilmente, mas hoje estão incorporando novos hábitos que incluem e facilitam a vida, como a energia, a máquina de lavar, o telefone, etc. Os seringueiros, mesmo com a ligação com a mata, dependem pouco do trabalho no espaço rural para viver, o dinheiro continua sendo escasso. Mas, o modo de

³⁴ Termo encontrado por Dantas (2009) ao analisar a vida de trabalhadores brasileiros seringueiros ou não na Bolívia divisa com o Acre, não sendo um termo que nasceu deles, mas foi utilizado para denominar os trabalhadores expulsos da Bolívia e diferenciá-los de outros trabalhadores assentados próximo a Brasília/Acre.

vida construído em meio à floresta os acompanha, sendo significativo. O jeito de falar com uma linguagem própria, a alimentação com base na farinha, peixe e a carne de caça que por algumas vezes estão presente na mesa, a criação de galinha no quintal, os canteiros que tanto encantam com as hortaliças que fazem parte dos temperos da cozinha, o fogão e o fogareiro a lenha também estão presentes e a construção de canoas. As famílias usufruem a infraestrutura comercial, consumo de energia, água, telefone, escolas e igrejas. Com relação à igreja, todos que entrevistamos mudaram de religião. Na época do seringal frequentavam as novenas da igreja católica e as missas quando os padres iam fazer a celebração. Também seguiam os preceitos da União do Vegetal - UDV. Atualmente, muitos ainda frequentam a UDV e outros estão nas igrejas evangélicas.

Os seringueiros se concentraram no último bairro que dá acesso ao ramal do rio Abunã. Ali, todos se conhecem. Os parentes moram próximos, no mesmo quintal ou terrenos um ao lado do outro. Assim, mantêm o vínculo familiar. Por vezes, na pesquisa de campo, encontrei os filhos visitando os pais ou, um “compadre” do tempo do seringal fazendo uma visita cordial... Em suas falas sempre sabem uns dos outros, pode perguntar que eles se conhecem e sabem o que fazem. Quando perguntava dos seringueiros mais antigos, respondiam: “Ah, tá pro Mamu... Pra fazenda... Pro roçado na beira do rio, fazendo farinha, só volta no final de semana.” Não possuem cooperativas, cada um trabalha para si, os aposentados ajudam os filhos que não conseguem ter um emprego fixo. Os seringueiros que ainda estão na faixa etária dos 50 anos, ora trabalham nas serrarias, ora em empreitas, ora vão colher castanhas ou tirar madeira no rio Mamu/Bolívia.

Na vila Extrema, os bairros não são asfaltados, quando começa o tempo do inverno, devido à tabatinga, é impossível andar nas ruas com calçados. No verão é muita poeira. Dois igarapés cortam a cidade e, estão totalmente contaminados, onde toda a população joga lixo e esgoto. O poder público é omissivo, seja limpeza das ruas, asfalto, lixeiras... Cada seringueiro cuida do seu lixo. Existe água encanada que vem do Rio Abunã (distância de 10 km) para abastecer a cidade. A energia é a motor, representada pela empresa Guascor (Rio Branco/Acre). A iluminação pública é precária, principalmente nos bairros periféricos. Está sendo construída uma subestação de energia nesta vila.

A educação escolar é desempenhada em três escolas que atendem toda a população, apenas, 1(uma) atende o Ensino Médio, ficando a aproximadamente 1 km e meio do bairro onde mora a maioria dos seringueiros. Os netos estudam, pois entendem que o caminho para a sobrevivência na cidade é ter estudos. Alguns desistem do estudo devido a distância, ou por não vislumbrar um emprego melhor futuramente.

As classes sociais são expressamente visíveis. Os comerciantes, os trabalhadores em órgãos públicos, os pecuaristas, os madeireiros, os seringueiros, etc. No urbano existem diversas formas de manter e viver com especificidades próprias. Nesta lógica, o urbano é o espaço que comunga vários territórios como afirma Haesbaert (2005), onde existem as multiterritorialidades. Dessa forma a vila (cidade) constitui um ecossistema, tem plasticidade, sendo construída e reconstruída pela força do poder de produção e consumo.

Após o processo migratório, percebe-se que o ser seringueiro com lamparinas, porongas, casinhas de palhas, está hoje, na lembrança. A energia elétrica e as antenas parabólicas representam as primeiras mudanças no modo de ser na cidade. A incorporação da televisão na vida torna-se um meio de diversão. A máquina de lavar roupa, as caixas d' água, já não pontuam o rio como fonte de água para beber e como lugar de lavar as roupas. O telefone em casa é uma forma de se comunicar com os filhos e parentes que foram para outras cidades, estudar ou trabalhar.

O padrão das casas dos seringueiros segue o assoalho de madeira um pouco alto do chão, as casas, em sua maioria, são de madeira, possuem energia, televisão, geladeira, máquina de lavar roupa, fogão a gás, mas o fogão a lenha e fogareiro a carvão acompanham grande parte dos seringueiros.



Fotos ASSUNÇÃO, S.T. Foto 41- D.Francisca e o seu ressignificar a vida na cidade e o fogão a lenha. Foto 42 - O fogareiro a carvão. Extrema/RO, julho de 2011.

O mundo do seringueiro foi penetrado pela forma capitalista de produção preponderante que o excluiu do seu lugar de pertencimento. Buscou-se um novo lugar, uma forma de ser capaz de superar estes problemas, sendo resilientes. No presente vivem com as

lembranças do passado à “beira do rio” e com os hábitos adquiridos ao longo do tempo. Mas, neste presente, também são incorporados novos valores e modo de vida. Alguns fazem o açaí, pão para vender, o pão já é um aprendizado da cidade. Mesmo não tendo acostumado com o trabalho com o gado e o fazer das cercas, pastagens, trabalham na diária ou como caseiro nas fazendas. Com esta forma de trabalhar saem de suas casas e passam dias fora. Então, houve uma reestruturação no cotidiano com as famílias destes seringueiros. Estão se adaptando, encontrando novos caminhos de superação. Na cidade, mesmo com esta forma diferente de viver, estão reproduzindo um pouco do modo de vida do tempo do seringal. Também criam galinhas, fazem canteiros de palafitas³⁵ para plantar os temperos básicos do dia a dia: a cebolinha, o coentro, a pimenta, o couve, etc. Portanto, torna-se impossível dar-lhes outro nome, pois se reconhecem como seringueiros.



Fotos ASSUNÇÃO, S.T. Foto 43 - Dona Francisca e o seu ressignificar a vida na cidade, no canteiro de cebolinhas Foto 44 - cuidando das galinhas. Extrema/RO, julho de 2011.

Sendo assim, as raízes do modo de vida do seringueiro permanecem no seu ser. Incorporam um novo pensar com a energia, a televisão, a máquina de lavar, os filhos estudando, etc. Contudo, a forma simples de viver com os costumes e hábitos vivenciados por gerações permeia o presente. Desta forma, observa-se que a cultura não é uma estrutura dura, inflexível, ela muda, transforma e (re) significa. Não permanece eternizada, mas absorve novas concepções, novos valores, é aquela que não para no tempo, segue em frente, pois a identidade da pessoa é o que ela é com suas mudanças, não precisa ter uma receita identitária.

³⁵ Construções sobre estacas de madeiras muito utilizadas em beira de rios para casas. No caso dos canteiros é para que as criações (galinhas) não estraguem a plantação de legumes e verduras

Como bem ilustra Paes Loureiro (2008, p. 126), “a identidade é uma espécie de “romance do eu” que se procura nas espirais do tempo. Uma busca em que o narrador se confunde com o narratário, no caleidoscópio de contextos de vida”.

Romper, portanto, com os modos de vida da beira do rio, entre as matas com a tranquilidade que viviam, foi um momento muito complexo para alguns no início da década de 80, principalmente com relação à alimentação que tinham, pois plantavam e criavam animais para a sobrevivência, como afirma dona Francisca:

“[...] A Nelide dizia... mãe, vamos pra Extrema, eu digo não, não vou, mais mãe por que a senhora não vai pra Extrema? Porque se eu for eu vou morrer de fome, vou deixar meus bichos aqui, minhas galinhas, minhas criações... Aqui pelo menos eu tenho a macaxeira pra eu comer, tenho a mandioca pra fazer minha farinha, tenho meu arroz, tenho meu feijão e nessa Extrema eu vou é morrer de fome... Eu não tenho dinheiro pra comprar nada..Mãe vamos embora a senhora não vai morrer de fome ... Digo eu vou nada, eu chorava... Mãe vamos embora a senhora mais o pai não tem precisão de estar no mato, vamos embora, a senhora já criou todos nós na mata... Vamos embora, a senhora não morre mais de fome... Digo não, se o Manuel quiser ir ele vai... Só deixa o meu pedacinho de terra aqui, ele vende a parte dele e deixa a minha, que eu vou ficar é aqui... Vou nada Nelide... Eu tinha aquele amor pelo meu lugar... “vixe” Maria pra mim eu ia morrer de fome, pra mim as pessoas aqui não era que nem lá... Meu Deus do céu, quando nós viemos morar na casa do seu Erasmo... Primeira casa... o Manuel vendeu uma égua e comprou, fomos morar tudo junto... Ela pegou logo um carro e fez um rancho pra nós, mãe está aí um rancho pra vocês... Empregou o pai dela na prefeitura, que naquele tempo a Carmélia do Acre que comandava aqui na Extrema... Naquele tempo ele ainda trabalhava, trabalhava mais aquele Zezão, o Chico Soares e o Zé Soares.Eles roçavam aqui... Fomos indo e me acostumei, mais sempre reclamando... Ainda não estou satisfeita porque não pegava os peixinhos do rio que eu pegava... Saudade dos meus anzóis, das minhas linhadas... Eu ia pra beira do lago, levava farinha, levava sal, pegava uma traíra fazia um foguinho acolá e assava um e comia com farinha... Muito bom o peixe assado na beira do lago, tenho saudade disso, tenho mesmo[...]

Dona Aldenira revela que na cidade possui outras facilidades, tem sua casa, pode-se comprar de tudo para comer, mas a fartura mesmo era somente no tempo do seringal, na cidade é diferente:

[...] Nossa vida foi muito sofrida no seringal, mas em certos pontos, na cidade a gente tem uma facilidade... A gente não tem a paz que a gente tinha no seringal... Fartura! Hoje, quando passa gente uma semana na casa da gente, a gente já fica apurada e, no seringal, não! Todo final de semana vinha o compadre da gente, fazia aquelas festas... Pra nós era muito bom porque não tinha outras pessoas, era assim, gostava de pescar e se aprontar sexta feira pra arrumar o rancho pra gente e pros amigos [...] Morar aqui,

hoje, sinto bem e feliz porque aqui é um lugar que não tem muita violência... Pra mim é o melhor lugar pra viver... Melhor do que a Bolívia... Meus filhos me chamam pra ir pra Rio Branco, eu não tenho vontade porque você não pode estar com a porta aberta, não pode arredar o pé de casa pra nada porque é assalto por cima de assalto não pode deixar uma roupa no varal e aqui é tranquilo... Porque aqui a casa é minha, eu trabalho, eu já trabalhei de carteira assinada mais pretendo um dia trabalhar de novo, mas, enquanto, não aparece, eu trabalho na diária [...]

Para os seringueiros que são empregados, a renda mensal permite comprar o básico como, produtos de higiene, alimentação e remédios quando necessário. Os aposentados vivem um pouco melhor, principalmente os que são aposentados na condição de soldados da borracha. Outros vão vivendo de uma empreita, de diárias, de trabalho em serrarias, de vigia. Também recebem ajuda do Programa Bolsa Família do Governo Federal.

Essa identidade que se formou na floresta deve ser respeitada frente a todos os obstáculos que encararam para desenvolver um modo de vida. Na cidade, não mudaram seus costumes. Dizem jamais negar sua identidade, viveram por séculos experiências que os definem de maneira diferente perto de outros grupos. A cultura diferente lhes atribui uma identidade.

Assim, a identidade é um construto social, ela não é fixa. Compreender isto é dar visibilidade a um processo de identidade que vai sendo construída, desconstruída e reconstruída ao passar do tempo, não acontecendo somente em um único lugar. Como afirma Paes Loureiro (2008, p.127):

[...] “o conflito está na relação com o tempo e um espaço essencial como lugar do homem, numa época em que espaço e tempo se redimensionam através dos meios de comunicação, acentuando as desterritorizações, referendando uma organização fragmentária da realidade[...]

A passagem da floresta para a cidade rompeu um equilíbrio vivido, uma segurança que já tinha se estabelecido, não tinham dinheiro, mas o que tinham era suficiente para o viver e ter tranquilidade e segurança. Eram acostumados com aquele viver. A insegurança quanto à moradia, alimentação, trabalho, foi a principal preocupação em mudar para a cidade, mas como já estavam sendo pressionados pelos donos da terra a não circularem por determinados lugares que lhes pertenceram por muito tempo dentro da floresta, restava o êxodo para a Bolívia ou para a cidade.

A maioria dos seringueiros e seringueiras que visitamos são pessoas tranquilas, e gostam da identidade seringueira, mas não gostavam do sofrimento que viveram com o “patrão”. Não reclamam do isolamento, mas das doenças que apareciam e perdiam os filhos, ou de sempre estar com dívida, como disse a dona Aldenira “nos acertos das contas, era

sempre uma coisa pela outra”, nunca lhes sobravam um saldo... O trabalho era intenso e difícil. Sempre quando relembram do seringal articulam com as mãos e desenhavam como eram as colocações, o que faziam, como faziam, as poucas festas, os aviamentos como subiam o rio, como desciam as pélas das borrachas, o grande centro comercial era Fortaleza do Abunã. Lembram bem do fiscal, do gerente do seringal e, inclusive de encontrar borrachas enterradas, depois de muito tempo no chão, afirmam ser de algum seringueiro que resolveu escondê-las esperando um preço melhor.

O passado e o presente mesclam novos ritmos e novas relações são comungadas na cidade. O seringueiro foi um homem que sempre caminhou e continua com suas caminhadas a pé, poucos usam bicicletas ou carros, deslocam-se ao hospital, ao comércio, às escolas, aos vizinhos. A representatividade e a subjetividade marcam as lembranças. Desenhavam o seringal e suas colocações, mas a seringueira é uma árvore que não sai do pensamento.

Ressalta-se aqui que a forma de adaptação dos filhos mais jovens não foi tão severa, mas os seringueiros que vivenciaram um modo diferente de ser sentem saudade da vida passada e revivem o passado quando refazem os caminhos e os costumes de outrora.

5.4 - IDENTIDADE E CIDADANIA

Na contemporaneidade, a temática da cidadania e identidade tem sido abordada fortemente devido à necessidade de entendimento dos diferentes agentes que se articulam e manifestam seus interesses pela efetivação dos seus direitos.

A construção histórica da noção de cidadania veio ao longo do tempo e do espaço, sendo revisitada e construindo diferentes identidades sociais pautadas não só no regime jurista, mas através das práticas sociais dentro de uma dimensão sócio-cultural, econômica, ambiental e política. Esta cidadania é identidade aferida com as práticas sociais e se constroi quando o indivíduo percebe sua sociedade com as representações legítimas de si mesmos.

Segundo Pacheco (2001), a cidadania não é apenas uma condição jurídica determinada, mas implica na construção de identidades sociais. A cidadania é redefinida no tempo e no espaço, sendo construída constantemente pelas práticas de representação simbólica, bem como pela prática legítima. Há, portanto, uma articulação entre poder simbólico e poder político. Assim, a cidadania não pode ser entendida apenas pelas leis de direitos estabelecidas pelo Estado que reconhece o cidadão.

Porém, tem se buscado estabelecer e perceber as múltiplas relações estabelecidas entre o estado e a sociedade e, suas representações, valores e interesses de práticas sociais. Essas representações são também um elemento constitutivo de cidadania. Sendo que a cidadania é um importante componente de identidade de um grupo. É um sentimento de pertencimento a uma dada sociedade/grupo com determinados valores comuns e específicos. O indivíduo se considera cidadão desenvolvendo o sentimento de nacionalidade. O filósofo Eagleton afirma que “Por meio do Estado-Nação fomos constituídos como cidadãos do mundo; mas foi difícil ver como essa forma de identidade política podia fornecer motivos tão profundamente arraigados quanto os culturais” (2005, p. 92). Assim, ele vincula a cidadania aos direitos legitimados pelo estado a uma identidade social que independe do reconhecimento do estado, mas está ligado ao campo simbólico. Neste contexto, a cidadania referida aos seringueiros é o direito à vida, às expressões, aos costumes e às tradições.

Para Pacheco (Ibidem) são expressões de cidadania tanto o voto como os protestos populares e as manifestações públicas, pois a cidadania está nas variadas práticas sociais, onde o sujeito cobra do estado o reconhecimento pelo seu dinheiro dentro da dimensão sócio cultural ou de ordem simbólica que forma a identidade do cidadão. Com a era moderna surgiu um mundo de ideias de liberdade individual, se recolocando a participação do sujeito nas questões do Estado. Surgiram as transformações do capitalismo que impulsionaram as mudanças socioeconômicas. Os direitos do cidadão emergiram não só na política, mas na forma econômica e social de produzir e viver. O interesse é a igualdade dos homens e mais liberdade individual frente ao Estado.

Todavia, a desigualdade e a exclusão caminham entre as classes sociais e muitos cidadãos como os seringueiros estão longe de atingir o reconhecimento legitimado por leis e por seus valores simbólicos, principalmente as mulheres seringueiras não são reconhecidas pelo seu trabalho no corte da seringueira, apenas os homens foram reconhecidos como soldados da borracha. Desta forma, averigua-se que há um longo caminho a percorrer quanto à liberdade e igualdade humana.

A cidadania está em construção constante, sendo uma conquista das pessoas que sempre buscam mais direitos individuais e coletivos e maior liberdade. Os seringueiros de Extrema, grande maioria, são pacíficos, tendo muito que fazer em relação a sua cidadania, pois estão em situação de abandono, lutando com suas próprias forças para não passar fome.

Dentro dos seus direitos de cidadão, de ter uma vida justa e digna, é imprescindível ressaltar as palavras de Pacheco (2001, p.36):

“São as representações que cada sociedade, ou grupo social, cria para identificar a si, e ao mundo material, que dão unidade à coletividade, formando, assim, as ligações simbólicas dos grupos identitários. sendo espaço simbólico onde constroem as identidades sociais dos diferentes grupos da sociedade, o imaginário social, no momento que informa a visão que cada indivíduo tem de si e do seu grupo, é um poderoso dinamizador das práticas sociais”.

Entrando na questão da identidade proposta por Hall (1992), este afirma que a partir do final do século XX as paisagens culturais estão fragmentando, sendo deslocadas ou descentradas. As culturas são deslocadas por forças que estão fora do seu contexto de vida, assim, as identidades são descentralizadas.

Com a conjuntura moderna ou pós-moderna em ação na desarticulação das identidades, estas são irrompidas, passando a buscar uma vida inserida em um mundo acelerado de mudanças na cultura local. Daí, termos as multiculturas onde o local atinge o global e vice-versa.

Uma mudança estrutural na vida do indivíduo abala sua identidade pessoal. A perda de sentido do seu “eu” ser e estar em um determinado lugar de pertencimento desloca o sujeito do seu mundo social e cultural. Para Meade e Cooley *apud* Hall (1992, p.2) a identidade é formada na interação do “eu” com a sociedade – o eu interior e o exterior (mundo sociedade). De tal modo, o indivíduo, ao se projetar para o mundo exterior, fora da sua cultura habitual deixa de alinhar os sentimentos subjetivos vividos na estrutura unificada do lugar de pertencimento e, lança-se ao fragmento, ou seja, a culturas externas – “o lá de fora”, assim a identidade que outrora era estável passa, a partir da modernidade e da contemporaneidade, diante de uma era globalizada, a ser uma identidade híbrida e móvel. O sujeito passa a assumir e receber sistemas de culturas fora da sua cultura e representatividade. As sociedades modernas ou tardias são por excelência sociedades de mudanças constantes.

Com a globalização, o mundo parece estar menor e várias culturas se encontram. Há, portanto, identidades compartilhadas, infiltração cultural.

Hall (1992, p. 20) afirma que as identidades nacionais:

“Representam vínculos a lugares, eventos, símbolos, histórias particulares. Elas representam o que algumas vezes é chamado de uma forma particularista de vínculo ou pertencimento”... Assim, ao invés de pensar o global como ‘substituindo’ o local seria mais acurado pensar numa nova articulação entre “o global” e o “local”... Entretanto, parece improvável que a globalização vá simplesmente destruir as identidades nacionais. É mas provável que ela vá produzir, simultaneamente, novas identificações “globais” e novas identificações “locais”.

Assim, com o processo de colonização novas culturas se infiltraram com a cultura do seringueiro e vice-versa, este absorvendo outras culturas. É uma identidade que se mescla e se renova em aprendizagens com o novo e o velho jeito de ser e viver.

Portanto, a identidade cultural dos seringueiros é um conjunto de relações, saberes, crenças, valores compartilhados e vividos historicamente.

As transformações modernas ocorridas no lugar de pertencimento do seringueiro difícil estabelecer ligações e continuidade com os laços, com a terra, com suas atitudes costumeiras. Essa perda de relação natural com o território no espaço vivido deixa suas tradições abaladas e fragilizadas. Porém, seus laços com o passado não se desvinculam do seu ser e estar em outro lugar. Trazem consigo suas raízes e mesclam conhecimento com a cultura de fora, mas com o tempo estas culturas vão se apagando, pois as gerações nascidas em outro lugar são influenciadas por outro mundo. Isto foi relatado por dona Aldenira quando se referia ao seu filho que precisou fazer um trabalho sobre o costume e a vida do seringueiro. Ela disse que ele não tinha noção da vida no seringal. As atitudes estão sendo tomadas pela cultura de fora, principalmente, pela influência da tecnologia.

O conjunto de valores, tradições, crenças e costumes não é imutável. Com a globalização, o grupo vivencia outras formas de cultura de outros grupos ou sociedade. Sua identidade é híbrida. Não pode ser considerada como um patrimônio a ser preservado no termo restrito da palavra porque, costumes e hábitos se mesclam havendo uma troca de saberes.

Há, no entanto, uma crise de identidade quando novos valores são absorvidos fora do seu espaço de vivência. Hoje, os filhos dos seringueiros não possuem o hábito de pescar, caçar e viver na mata. Estão envolvidos pela televisão, internet, rua, cidade, não querem o isolamento, pois este foi uma amálgama do passado que a memória não deixa esquecer. Assim, a memória é um fator preponderante que revela o patrimônio cultural de um grupo, ou seja, a memória ressaltada nas entrevistas apresenta a riqueza cultural de um grupo que, com o passar do tempo se mescla com novas culturas. Um feedback necessário a nova forma de viver acompanhando os ritmos econômicos que movem as nações.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa desenvolvida apontou que, na Amazônia, a batalha do seringueiro pela vida continua. indígenas, ribeirinhos, pequenos produtores, entre outros grupos, também lutam por sobrevivência e pelo seu território que são invadidos por madeireiros, fazendeiros ou por políticas e programas governamentais. Perante as adversidades vividas, a Resiliência do indivíduo e/ou grupo social dá o sustentáculo para emergir da exploração e resistir às tramas impostas pela lógica da produção que molda o espaço, conforme cada período em que o mercado requer. Este processo desestabiliza identidades e metamorfoseia os modos de vida das pessoas em seus territórios vividos, deslocando-os para outros espaços.

Falar No e Do seringueiro é preciso penetrar no seu mundo. Dar vez e voz a um passado e uma cultura que está se calando. (Re) memorar a história vivenciada por este grupo é compreendê-lo na sua dimensão mais oculta e intersubjetiva. É percorrer um passado de miséria e sofrimento que ainda assola o seringueiro com outros arranjos, esses arranjos continuam sendo articulados pela política e economia de interesses nacionais e internacionais. É percorrer experiências vividas, edificações de vida, aprendizagens e conhecimento.

Hoje, o seringueiro, expropriado e excluído do seu lugar de pertencimento, busca através da resiliência, ressignificar a vida em outros espaços que, em sua maioria é no contexto urbano. Analfabetos e sem qualificação profissional, estão à margem do sistema e buscam se afirmar diante as necessidades elementares de sobrevivência. Dificilmente conseguem acompanhar as atividades profissionais urbanas. Algumas mulheres procuram trabalhar em casa de família e em restaurante e os homens, em serrarias ou de empreitas nas fazendas. Não possuem a intenção de acumular riquezas, permanecem com a sua vida serena na cidade e, em alguns casos e períodos do ano atravessam o rio Abunã e penetram as florestas bolivianas. O seu saber e fazer pertence a outro mundo, o mundo da ligação terra, homem, natureza, ar fresco e água. Os mais velhos dizem se sentir sufocado na cidade, mas, pelas doenças e não possuírem outro lugar preferem estar mais próximos aos recursos como médicos e hospital. Não são agitados, alguns procuram alçar a voz para dizer que querem voltar a terra, enquanto outros vão vivendo da aposentadoria, ajudando os filhos e netos sem pensar no acúmulo de bens.

Para compreender o modo de vida do seringueiro e seu espaço vivido como um lugar de pertencimento foi necessário adentrar a forma holística de interação entre ele e os recursos naturais disponíveis para a sua sobrevivência. Percorreu-se o passado pelas suas histórias de

vida e, deram/dão suporte ao viver o presente. São aguerridos e resilientes, portanto, fazendo alusão aos 4 pilares da educação³⁶, os seringueiros seguiram essa via de condução: primeiro- **aprenderam a conhecer**, tinham sabedoria e interesse em conhecer o novo, aspiravam melhoria de vida, eram curiosos e estavam abertos ao conhecimento diante as necessidades; segundo - **aprenderam a fazer** - demonstraram coragem e persistência, correram riscos na vontade de construir e acertar, sem medo de errar, utilizaram estratégias para afugentar os medos e sobreviver; terceiro - **aprenderam a conviver** com as incertezas e as dificuldades da floresta e do trabalho sofrido e desgastante, ainda encontravam momentos para alegrias. A vida no isolamento era um desafio a cada instante, aprenderam o caminho da fraternidade, respeito e solidariedade ao outro seringueiro que estava distante de sua casa; o quarto pilar- **aprenderam a ser**, com a experiência do cotidiano aprenderam a ser seringueiros pelo entendimento, sabedoria e atitudes no espaço vivido, são cidadãos que conceberam modos de vida objetivando o SOBREVIVER. A condição humana é essencial para a compreensão, o aprender a ser, ao conviver e ao fazer da experiência um novo conhecimento.

A preocupação era constante com o sobreviver diante da insuficiência de alimentos para as necessidades básicas da vida. O isolamento, a solidão, o excesso de força física no trabalho, as intempéries não só de chuva e do clima, mas os mistérios das matas e das águas eram fatores que os moviam ao procedimento de ser resiliente. A resiliência faz com que a pessoa/grupo supere desafios e, acima de tudo, supere positivamente os problemas vividos criando táticas. Percebe-se que o seringueiro dilatou essa capacidade humana ao longo do percurso de sua vida. Na vivência cotidiana, as experiências foram se materializando e diante das necessidades tinham inspirações que se consolidavam pelas intencionalidades. O Espaço vivido era o palco de aprendizagens e a bússola que norteou sua vida. A essência extraída das necessidades e intencionalidades proporcionou costumes, hábitos, valores, crenças e atitudes desenvolvidas de geração em geração que marcaram este ser seringueiro até os dias atuais, por isso, só o corte da seringueira não justifica chamá-los de seringueiros.

Eles se identificam como seringueiros pela sua cultura e ligação com a floresta e os rios experimentados pelos 5(cinco) sentidos. Com a visão, audição, paladar, tato e o olfato, foram edificando sabedoria quanto às ervas que curam; o sabor das carnes de caça que não esquecem; o lugar em que o peixe se encontra para ser pescado; o tempo de plantar e colher; a

³⁶ Os quatro pilares de uma educação para o século XXI e suas implicações na prática pedagógica disponível em <http://www.educacional.com.br/articulas/outrosEducacao=artigo0056> acesso em 26 de março de 2012.

construção de suas casas e canteiros de palafitas para a proteção de alagamentos ou bichos; a crença e a fé pelos rezadores; o sentido de localização dentro da floresta sem se perderem; a arte de desenhar os caminhos trilhados há anos sem a noção cartográfica; a memória viva dos antepassados; a construção das canoas; o fazer a farinha puba³⁷, pois não tinham tempo e material pra ralar a macaxeira e, o dormir na rede foram habilidades descobertas e/ou vinculadas a culturas de seus antepassados do nordeste. Essas habilidades que possuíam lhes possibilitaram a constituir o “lugar de pertencimento” para tomar decisões entre a tensão do ambiente e a vontade de vencer.

Dessa forma, consolidou-se uma identidade, pois os fazem diferentes de outros grupos pela maneira de ser e agir diante da vida. Essa identidade não é fixa, pois ao sair de seu habitat recebe novos costumes, crenças, linguagem e hábitos transmitindo também os seus. É uma troca de experiências que se mesclam tornando culturas híbridas. Nenhum grupo se desvinculando completamente dos seus saberes.

Nas entrevistas e em visitas a casa dos seringueiros, suas histórias de vida trazem verdades que são suas, seu conhecimento, sua experiência e essências fundamentadas na sua conjuntura social habituada. Observa-se em suas falas, o gosto pelo lugar vivido, pelo modo de vida, a construção das casas, das canoas, dos canteiros de palafitas, a limpeza do quintal, a criação de galinhas, a coleta da castanha, o lembrar das pescarias e das caças, o medo da onça e da cobra, o desejo de uma alimentação diferente do frango de gelo e da carne de gado a vontade de viver perto das matas e dos rios para plantar a mandioca, o milho, o feijão, a banana, criar animais e aves domésticas, ter fartura e viver sossegados do barulho da cidade são hábitos e atitudes que comandam a vida de um seringueiro, por isso acredita-se serem eles seringueiros e não ex-seringueiros.

É confirmado o fluxo migratório do seringueiro entre o espaço urbano e as terras da Bolívia, pois nela conseguem reproduzir o seu elo com a natureza e a terra, sendo a terra alicerce de sobrevivência onde dizem que tudo que plantam, colhem para o sustento com abundância. Muitas vezes são ameaçados pelos bolivianos que lhes tomam as plantações e as castanhas colhidas, mesmo assim se arriscam para não passar fome. O conflito motivado entre bolivianos e os brasileiros no rio Mamu/Bolívia, fez o governo brasileiro prometer assentá-los no Estado do Acre em 2010, porém ainda estão na esperança dessa terra. Em Extrema firmam-se as fazendas com os limites de acesso, não podem caçar pescar, e retirar a castanha.

³⁷ Puba porque a macaxeira fica de molho na água, geralmente numa canoa ou em um caixote dentro do rio, por 3 dias, para amolecer e não precisa ser ralada.

Tentam reproduzir alguns desses costumes na cidade, como o quintal, as flores, a criação de galinha, os canteiros de palafitas com o cheiro verde, alguns pés de remédios que fazem chás. O contato que mantêm com outros seringueiros também é frequente, os parentes moram sempre perto. A grande maioria não frequenta mais a igreja católica e, estão nas igrejas evangélicas: Assembleia de Deus ou Batista, porque hoje, sente-se melhor.

Pela paisagem do mosaico 01 e 02 visualiza-se na imagem de satélite o desmatamento em grande escala nas áreas onde eram grandes seringais. Do modelo econômico onde as árvores eram substanciais passa-se aos pastos e novas culturas que precisam expandir-se para a criação de gado onde já foi instalado um frigorífico para exportação. Observa-se as sociedades que há séculos habitam estas florestas e até pequenos produtores sendo ameaçados, expropriados e excluídos da vida. Estes povos e as florestas estão se sucumbindo diante de políticas públicas e privadas que têm na exploração dos recursos naturais e humanos sua fonte de alimentação, enquanto que as populações desprovidas de recursos financeiros sofrem o abandono como no período da decadência da borracha na Amazônia. É um círculo vicioso de injustiça social. Todavia pela resiliência fazem novos arranjos para superar e vencer os obstáculos que surgem em meio às tramas globalizadoras.

Assim sendo, o grupo de seringueiros de Extrema necessita de uma representatividade formal. Uma associação ou um sindicato, onde possam discutir propostas de bem estar para todos. Precisam estar amparados por uma Reserva Extrativista e/ou uma Reserva de Rendimento Sustentável, onde teriam condições para viver dignamente como cidadãos brasileiros, assim não necessitariam de ir para território boliviano. Os seringueiros não foram extintos, são resilientes e persistem. Deste modo, possuem uma identidade elementar caracterizada não somente pelo sistema produtivo, tempo histórico e espaço geográfico, mas também pelo modo diferente de ver, viver e se reconstruir, significando a sua vida tanto na floresta como na cidade. Assim, o olhar do seringueiro buscando o futuro se mescla entre o passado e o presente. Percebe-se que o modo de vida vivido funde-se com novos valores, novas culturas, mas jamais deixarão e esquecerão os seus costumes, hábitos, crenças e as suas atitudes vivenciadas no eu com o outro, com a floresta e com os rios, isto está vivo na memória de todos.

Diante destas características particulares, este trabalho visualiza que as estratégias governamentais precisam avançar no e para o desenvolvimento que supere o avanço, apenas, econômico, e atendam também a sustentabilidade ambiental, social e cultural de cada grupo social da Amazônia, pois possuem especificidades próprias.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA S. A. de *et all.* **O Processo de des(re)territorialização dos trabalhadores nordestinos no território Amazônico durante os ciclos da borracha.** Curitiba: Revista Geografar, nº 1, V.5, p. 61-82, jan/jun 2010. Disponível em: <http://www.ser.ufpr.br>. Acesso 09/05/11.

AMARAL, José Januário de Oliveira. **Os Latifúndios do INCRA: a concentração de terra nos projetos de assentamento em Rondônia.** 1999. 128 p. Tese de Doutorado, São Paulo, 1999.

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. **A pluralidade da Geografia e a Necessidade das Abordagens Culturais.** In: Da Percepção e Cognição à Representação: Reconstruções Teóricas da Geografia Cultural Humanística. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 1997.

ANTONIO FILHO, F. D. **Riqueza E Miséria Do Ciclo Da Borracha Na Amazônia Brasileira: Um Olhar Geográfico Através De Euclides Da Cunha.** 2011. Disponível em: <<http://www.casaeuclidiana.org.br/texto/ler.php?id=1657&secao=111>> Acesso em 15 de janeiro 2012.

ASSUNÇÃO, S. T. **Ponta do Abunã: Disputa Espacial e Ocupação Desordenada.** Monografia – UNIR-RO, 1999. 39p.

ASSUNÇÃO, S. T. **O Zoneamento Sócioeconômico-Ecológico Como Instrumento de Gestão Ambiental no Distrito de Extrema/RO.** In: IX ENANPEGE. ISSN 2175-8875. 2011. Goiânia. ANPEGE, 2011.

BARBOSA, G. **Resiliência? O que é isso?** Desdobramentos no conceito, 2010. Disponível em: <http://www.administradores.com.br/informe-se/artigos/resiliencia-o-que-e-isso-desdobramentos-no-conceito/49923/> > acesso em 18 de setembro de 2011.

BARLACH, L. **O que é Resiliência Humana?** Uma contribuição para a construção do conceito. 2005.108p. Dissertação (mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

BECKER, Berta Koiffmann. **Fronteira Amazônica: Questões Sobre a Gestão do Território.** Universidade de Brasília: Editora Universidade Federal do Rio de Janeiro 1990. 219 p.

BENCHIMOL, S. **Depressão, Débâcle e Bancarrota,** 1994.

IN:<<http://www.amazonia.mdic.gov.br/public/arquivo/arq1307405272.pdf> > Acesso em: 10 de março de 2012.

BONNEMAISON, Joël. **Viagem em torno do território.** In: CORREA, Roberto L. e ROSENDAHL, Zeny(orgs). **Geografia cultural: um século (3).** Rio de Janeiro: Eduerj, 2002. pp. 83-132.

BOSI, Ecléa. **Memória E Sociedade: Lembrança De Velhos.** 3ª edição, São Paulo: companhia das letras, 1994.

_____, **Temos Vivos e Tempos Mortos: A Substância social da Memória - sob o signo de Benjaminim (Walter Benjaminim)."** In: O tempo vive da memória: Ensaio de Psicologia social, por Eclea Bossi, 16 p. São Paulo: Ateliê editorial, 2003.

BUTTIMER, Anthony. **Apreendendo o Dinamismo do Mundo Vivido**. IN: CHRISTOFOLETTI, Antonio. *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel, 1985, p. 165-193.

CABRAL, L. O. **Revisitando as noções de espaço, lugar, paisagem e território, sob uma perspectiva geográfica**. *Revista de Ciências Humanas* (EDUFSC) V. 41, n.1 e 2 (abril/outubro 2007): 141-155.

CAPEL, H. **Filosofía y Ciencia em la Geografía Contemporánea - Uma introdução a la Geografía**. BARCANOVA impressos universitários, Barcelona, Espanha, 1981.

CHRISTOFOLETTI, Antonio. **As Perspectivas do Estudo de Geografia**. In: *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: DIFEL; São Paulo, 1985.

CLAVAL, Paul. **A Contribuição Francesa ao Desenvolvimento da Abordagem Cultural na Geografia**. In: *Introdução a Geografia Cultural*/Roberto lobato Corrêa, Zeny Rosendahl(org). 2ª Ed-Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

COSGROVE, Denis. **Em direção a uma Geografia Cultural Radical: Problemas da Teoria**. In: *Introdução a Geografia Cultural*, por Roberto Lobato Correa & Zeny Rosendahl, 103-133, 224p. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

_____, & JACSON, P. **Novos rumos da Geografia Cultural**. In: *Introdução a Geografia Cultural*, por Roberto Lobato Correa & Zeny Rosendahl, 135-1146, 224p. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CYRULNIK, Boris. **Resiliência** Essa Inaudita Capacidade de Construção Humana. Trad. Ana Rabaça. Editions Odile Jacob, 2001.

DANTAS, K.G.M.A. **Nas Fronteiras da “Terra Prometida”**: Trajetórias de trabalhadores rurais do Alto Acre. 2009. 84 p. Dissertação de Mestrado, UFAC.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**: Natureza da realidade Geográfica.Trad. Werther Holzer. São Paulo. Perspectiva, 2011.

DARTIGUES, Andre. **O que é a Fenomenologia**. (Trad) Maria José J.G. de Almeida. Centauro editora, 10ª Ed, São Paulo, 2008.

DEMANGEON, Albert. **Uma Definição da Geografia Humana**. In: *Perspectivas Geográficas*. São Paulo: DIFEL; São Paulo, 1985.

DONICE, M. G. **Resiliência no século XXI** – Descobrimo a própria fortaleza. 2008. Disponível em: <http://www.libertas.com.br/site/index.php?central=conteudo&id=2623> Acesso em 11 novembro de 2011.

DUARTE, R. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**.Editora UFPR, nº 24 (2004): 2013-225.

EAGLETON, TERRY. **A ideia de cultura**. Trad. Sandra Castello Branco. São Paulo: Unesp, 2005.

FERNANDES Mançano, B. e MOLINA, M. C. **O Campo da Educação do Campo**. In: FERNANDES Mançano, B. e MOLINA, M. C.(Org). *Contribuição para a Construção de um Projeto de Educação do Campo*. Brasília, 2004.(Coleção Por Uma Educação do Campo, nº05)

FERREIRA MANOEL, R. **A Ferrovia do Diabo**. 4ª edição. São Paulo, São Paulo: Melhoramentos, 1987.

FRÉMONT, Armand. **A Região, Espaço Vivido.** (trad) Antonio Gonçalves. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.

GOMES, Paulo Cesar. **Geografia e Modernidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 8ª edição, 2010, p.368.

GONÇALVEZ, Carlos Walter Porto. **Amazônia, Amazônias.** 3ª Ed., São Paulo, editora contexto, 2010.

GROTBERG, Edith Henderson. **Introdução: Novas Tendências em Resiliência.** In: RESILIÊNCIA descobrindo as próprias fortalezas. Trad. Valério Campos. São Paulo, 2005. P.160.

HAESBAERT, Rogerio. **Concepções Do Território Para Entender A Desterritorialização.** In: SANTOS, M [et all]; (org). Território, territórios; ensaios sobre o ordenamento territorial. 416p. 3ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

_____, **Da Desterritorialização À Multiterritorialidade.** In: Anais do X ENCONTRO DE GEOGRÁFOS DA AMÉRICA LATINA. USP, 2005. Disponível em: http://www.planificacion.geoamerica.org/textos/haesbaert_multi.pdf. Acesso em 18/05/ 2011.

_____, **Identidades Territoriais.** In: Corrêa, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny. (ORG). Manifestações da Cultura no Espaço (p. 248). Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1992. 103 p. Título original: The question of cultural identity. Disponível em: < http://www.africaafricanidades.com/documentos/Identidade_cultural_na_pos_modernidade.pdf > acesso em 06 de setembro de 2011.

HOLZER, Wether. **A Geografia Humanística Anglo-Saxônica** - De suas origens aos anos 90. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro(109-146),1993.

_____, **Uma discussão Fenomenológica sobre os conceitos de Paisagem e Lugar, Território e Meio ambiente.** Território ANO III, V.3 (jul-dez 1997): 77-85.

_____, **Paisagem, Imaginário, Identidade:** Alternativas para o estudo geográfico. In: CORRÊA. Roberto Lobato, **Manifestações da Cultura no Espaço** (p. 248). Rio de Janeiro: Eduerj. 1999.

_____, **A Geografia Fenomenológica de Eric Dardel,** 2001. Disponível em: < http://www.4shared.com/office/4L5RAE5I/a_geografia_fenomenologica_de_.html > Acesso em: agosto de 2011.

IBGE. Contagem da População 2007. Disponível em: <http://www.ibge.com.br/servidor_arquivos_est> Acesso em: 24 agosto 2010.

INFANTE, Francisca. **A Resiliência Como Processo: Uma Revisão da Leitura Recente.** IN: RESILIÊNCIA descobrindo as próprias fortalezas. Trad. Valério Campos. São Paulo, 2005. P.160.

LEITE, Adriana Figueira. **O lugar: duas Acepções Geográficas.** Edição: Anuario do Instituto de Geociências, UFRJ, N° 21, 1998.

MARCHESE, Daniela. **Eu Entro Pela Perna Direita: espaço, representação e identidade do seringueiro no Acre.** Trad. Elenckey B. Pimentel. Rio Branco, AC: EDUFAC, 2005.

MARTINELLO Pedro. **A “batalha da borracha” na segunda guerra Mundial.** Rio Branco: EUFAC, 2004, 398p.

MEIHY, J.C.S.B. **Manual de História Oral.** 5ª Ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MELO, Vera Mayrinch. **Paisagem e Simbolismo.** In: Paisagem, Imaginação, por Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl, 20-34. Rio de Janeiro: Bertrand, 2001.

MIDORI, H.K. **Representações da Paisagem no Parque Nacional de Superagui: A Homonímia Sínica da Paisagem em Áreas Preservadas.** 2011. p.159. Tese de Doutorado, Curitiba.

MONTEIRO, M. da P.; MARX, L. C. **O pensamento lateral e resiliência como facilitadores da criatividade organizacional.** Revista Gerenciais, São Paulo, v. 5, n. 2 p. 45-53, 2006. Disponível em:
<<http://www.revistaiberoamericana.org/index.php/ibero/article/viewFile/128/1367>>

MOREIRA, Rui. **A marcha econômica da Questão Agrária no Brasil.** In: Território e Cidadania: da Luta pela Terra ao direito a vida. Editora Marco Zero. Terra Livre 6. AGB, 1989. São Paulo.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O Método Fenomenológico na Pesquisa.** 2ª ed. São Paulo: Pioneira Thomson, 2004.

NASCIMENTO SILVA, Maria das Graça Silva do. **O Espaço Ribeirinho.** Porto Velho, Rondônia: Terceira Margem, 2003.

NAME, Leo. **O Conceito de Paisagem na Geografia e sua relação com o conceito de Cultura.** Geotextos, vol.6, n.2, 2010. 163-186. Disponível em:
<<http://pucrrj.academia.edu/LeoName/Papers/401185/>> Acesso em: 12 agosto 2011.

NETO, J.M.M. **O conceito multidisciplinar de Resiliência.** 2006. Disponível em <
<http://www.fapepi.pi.gov.br/novafapepi/ciencia/documentos/Resili%EAnciaMoita.PDF>>
Acesso em: 15 de março de 2012.

PACHECO, R. A. **Cidadania e Identidade Social: uma aproximação teórica para o entendimento das representações e práticas políticas.** 2001. Disponível em:
www.cerescaio.ufrn.br/mneme . Acesso em 18 de novembro de 2011.

PAES LOUREIRO, João de Deus. **A arte como encantaria da linguagem.** Escrituras Editora, São Paulo, 2008.

QUARESMA, V. & BONI S. J. **Aprendendo a entrevistar: Como fazer entrevistas em ciências Sociais.** Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, Vol.2 nº 1(3), (jan/jun 2005) : p.60-80.

RELPH, E. C. **As Bases Fenomenológicas da Geografia.** Revista Geografia, 4 (7): p 1-25, abril 1979.

RISSO, L. C. **Paisagens e Cultura: uma reflexão teórica a partir do estudo de uma comunidade indígena amazônica.** Revista Espaço e Cultura, UERJ, n. 23 (jan/jun 2008): 67-

76. Disponível em: http://www.nepec.com.br/RISSO_Espaco_e_cultura23.pdf > Acesso em: 05 de setembro de 2011.

RODRIGUES, Z. B. **Os quatro pilares de uma educação para o século XXI e suas implicações na prática pedagógica.** Disponível em http://www.educacional.com.br/articulas/outrosEducacao_artigo.asp?artigo=artigo0056 acesso em 26 de março de 2012.

SANTOS, Roberto Araújo de Oliveira. **História econômica da Amazônia, 1880-1920.** São Paulo, T. A. Queiroz 1980.

SEDAM. Secretaria de Estado do Desenvolvimento Ambiental. **Mapas do Estado de Rondônia.** Laboratório de Sensoriamento Remoto. Porto Velho – RO, 2011.

SERPA, Ângelo. **Por uma Geografia das Representações Sociais.** 2007. Disponível em: <<http://www.olam.com.br/>> Acesso em 17 de abril de 2010.

SILVA, Josué Costa. **O Mito e as Crenças como Constituintes do Espaço Ribeirinho na Formação do Modo de Vida Amazônico.** In: Da Percepção e Cognição à Representação: Reconstruções Teóricas da Geografia Cultural Humanística. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2006.

SILVA, G.H. de A. & MARTINS, J.M.B. **A História Oral como Conhecimento Aplicado na Pesquisa em Geografia Cultural.** Disponível em: <http://www.geografia.ufpr.br/neer/NEER-2/Trabalhos_NEER/Ordemalfabetica/Microsoft%20Word%20%20GustavoHenriqueAbreuSilva.ED3IV.pdf> Acesso em 14 de novembro de 2010.

SORIA, H. B. E. (ET all). **Resiliência: a capacidade de adaptação e/ou transformação nas desigualdades sociais.** III jornada Internacional de Políticas públicas, 2007. Disponível em http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppIII/html/mesas/c8b2dcffea0bcdf77c7fHeliana_Lucinaldo_Jorgeane.pdf > acesso em 18 de setembro de 2011.

TEDESCO, João Carlos. **Nas Cercanias da Memória: Temporalidades, Experiência e Narração.** UPF Editora. Passo Fundo: UPF: Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

TRE. <http://www.tre.ro.gov.br/eleicoes/2010_plebiscito_extrema/resultado_ponta_abuna.php> Acesso em: 10 novembro 2010.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL; São Paulo, 1980.

_____, **Espaço e Lugar: A perspectiva da Experiência.** Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL; São Paulo, 1983.

_____, **Geografia Humanística.** In: Perspectivas da Geografia. CHRISTOFOLETTI, Antonio. São Paulo: DIFEL; São Paulo, 1985.

ZANATTA, B. A. **A Abordagem Cultural na Geografia.** 2007. Disponível em <www.nee.ueg.br/seer/index.php/temporisacao/article/view/28/45> Acesso em: 02 de agosto de 2011.

WEINSTEIN, Bárbara. **A Borracha na Amazônia: Expansão e Decadência (1850-1920).** São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

APÊNDICES



Extrativistas e seringueiros do Rio Mamu padecem diante da omissão do Governo Federal

13 de Janeiro de 2012 - 12h:00m

Seringueiros brasileiros do Rio Mamu, Departamento de Pando, Bolívia, estiveram reunidos no dia 23 de dezembro de 2011 para avaliar o andamento das negociações diplomáticas que envolvem as famílias que residem nas Províncias Federico Roman e Abuná, ambas situadas na região pandina boliviana.

Os seringueiros desobstruíram o Porto Extrema (no dia 14 de dezembro) na esperança de que alguma autoridade do Consulado aparecesse para ouvi-los, mas infelizmente ninguém apareceu e as reclamações de desprezo por parte do Governo Federal Brasileiro foram muitas.

Felizmente no dia 10 de janeiro de 2012 a esperança voltou a reinar na vida dos seringueiros com a chegada de um diplomata da Embaixada Brasileira em La Paz que esteve em Extrema para ouvir as intermináveis denúncias de maus tratos aos nacionais brasileiros do Rio Mamu.

O secretário Geral da Embaixada Brasileira em La Paz, Kaiser Pimentel de Araújo veio trazer esperança àquele povo já desacreditado de tantas promessas e poucas ações. Os seringueiros ficaram satisfeitos com a presença do diplomata e acreditam que depois de cinco anos de abandono e humilhação, desta vez surgiu uma luz capaz de clarear as negociações que já estavam atrofiadas pela morosidade de organismos federais parceiros da negligência e ociosidade. *“nossa esperança está depositada neste homem, vamos esperar pra ver o que vai acontecer, eu acredito nele”*, disse o seringueiro Luís Piedade a nossa reportagem.

Outro seringueiro, Aldair Ozório, ainda está bastante inconformado com a situação, ele disse que espera com urgência a vinda do INCRA em Extrema para dar explicações sobre o possível assentamento em território brasileiro. *“Nós temos seringueiro passando fome, pelo menos mandem comida pra nosso povo, isso é uma injustiça, ainda teve autoridade policial que teve a capacidade de vim defender boliviano aqui na beira do rio, isso é um absurdo”*, disse Aldair, revoltado com o estado de abandono do seu povo.

UM POUCO DO RIO MAMU.

O Rio Mamu nasce nas proximidades do município de Santa Rosa Del Abuná e torna-se afluente do Rio Abuná no município de Santos Mercado. O Mamu possui aproximadamente 140 km de extensão e sua nascente pantanosa, habitat natural de sursoris e da palmeira buriti, encerra seu percurso de muitas curvas no seu último seringal, denominado Jerusalém. Depois do Seringal Jerusalém pode-se avistar as águas cristalinas brotarem desenfreadas e silenciosas meio a um notável pântano que enfeita a heterogeneidade da floresta ainda virgem de nossa Amazônia exuberante. Do outro lado do invejável berço pantanoso, iremos deparar – nos com uma pequena comunidade localizada no Município de Santa Rosa Del Abuná, chamada de Teduzara, que já fica localizada às margens do Rio Orton. (*Veja videoreportagem exclusiva*)

Apesar da convivência sadia entre seringueiros brasileiros e bolivianos que ali residem a mais de um século, a partir de 2006 com o advento do Governo Evo Morales, a paz deixou de reinar junto à beleza e a harmonia daquele rio. Zafreros campesinos, oriundos principalmente da cidade Riberalta, e Colhas provenientes dos Andes bolivianos, impulsionados pela política de reforma agrária deste novo governo, partiram rumo a novos

assentamentos (coordenados pelo INRA), que ficam localizados principalmente no Departamento de Pando. Os novos assentamentos atingiram os seringais nativos do Rio Mamu, habitados por brasileiros desde os dois primeiros ciclos da borracha, e com maior intensidade a partir da década de 70/80, quando os seringais da Amazônia – Sul ocidental, começaram a ser destruídos para dar espaço a emergente pecuária extensiva na região.

Devido às constantes ameaças sofridas por seringueiros brasileiros e registradas por diversas vezes no Consulado Brasileiro de Cobija e na Embaixada Brasileira em La Paz, o Governo Boliviano foi buscar amparo em sua constituição Federal, onde reza que estrangeiros não podem residir na franja de 50 km de sua fronteira. Ora, o Rio Mamu possui aproximadamente 140 km de extensão, fator que enfraquece a tese do governo sobre a não permanência dos brasileiros no decorrer dos diversos seringais e colocações espalhados ao longo deste rio. No decorrer dos depoimentos pode-se constatar que muitas famílias residiam além da área dos 50 km de fronteira, e nem por isso deixaram de ser ameaçadas e expulsas de seus seringais, tendo ainda que deixar uma vida de trabalho para traz.

Os Colhas que foram reassentados em Pando abandonaram os seringais por falta de assistência do Governo Boliviano e por possuírem uma cultura totalmente diferente do extrativismo vegetal. Já os campesinos oriundos da cidade de Riberalta só aparecem no Rio Mamu durante a safra da castanha. Patrocinados por empresas do ramo da castanha, eles chegam armados, se apossam da castanha dos seringueiros e logo em seguida repassam àqueles que financiaram a organização paramilitar.

Associação de Pescadores e Comissão Pastoral da Terra aderem ao movimento dos seringueiros.

A luta dos seringueiros está conseguindo apoio de novas organizações sociais que prometem se unir em defesa dos direitos deste povo. A Associação dos pescadores de Extrema já entrou de fato no apoio aos nacionais brasileiros, e esta semana os seringueiros conseguiram apoio irrestrito da **Comissão Pastoral da Terra - CPT**. O conselheiro da CPT – Porto Velho, e representante da entidade na Ponta do Abunã, o líder sindical Sérgio Brito, disse que a adesão de sua entidade veio para fortalecer a luta dos seringueiros na conquista de seus direitos. Sérgio Brito atuou ao lado de Adelino Ramos, o “Dinho”, em assentamentos localizados próximo ao Distrito de Vista Alegre do Abunã, e atualmente lidera a luta de camponeses pela posse de terras na mesma região. Sérgio Brito esteve na reunião com os seringueiros, e na presença do diplomata, ele prometeu reunir forças para ajudar os seringueiros na luta pela terra. As novas adesões estão dando um novo rumo ao movimento dos seringueiros, pois “novas cabeças” podem pensar diferente do que os seringueiros pensaram e agiram ao longo de praticamente cinco anos de humilhação nos seringais pandinos do Rio Mamu, sem que revidassem com nenhum ato de violência. A ociosidade e a negligência do Estado na região fronteira Brasil/Bolívia poderá culminar mais uma vez com o Distrito de Extrema de Rondônia em destaque na mídia nacional, tal como fora na luta pela realização do plebiscito no ano de 2009, quando manifestantes e policiais rodoviários federais travaram uma luta histórica na BR 364 que ficou conhecida como **“A batalha de Extrema”**.

No momento em que o mundo inteiro está pedindo paz, passou da hora das nações vizinhas se preocuparem menos com o petróleo, gás, pré-sal, etc. e olharem mais para os povos tradicionais da Amazônia que estão morrendo à míngua diante da ganância estúpida de certos “líderes” governamentais internacionais que só visam obter um bom superávit em suas balanças comerciais. Os seringueiros brasileiros estão carentes de democracia, eles clamam por dignidade e continuam sonhando com uma solução pacífica para este imbróglio diplomático: o sonho de conseguir chegar à terra prometida, em qualquer canto desta “Pátria Amada”.

EXCLUSIVO - Brasileiros mantém tenente boliviano refém em Extrema, militar é acusado de corrupção

INTERNACIONAL – Brasileiros extrativistas cobram respeito de Tenente boliviano – VÍDEO EXCLUSIVO

INTERNACIONAL - Brasileiros extrativistas acusam Tenente boliviano de receber propina - Vídeo

INTERNACIONAL - Reunião com extrativistas libera porto em Extrema, brasileiros relatam humilhações sofridas em território boliviano - VIDEO EXCLUSIVO



BRASIL - Seringueiros brasileiros do rio Mamu denunciam morosidade do Incra e do Governo Federal em reassentá-los no Brasil

13 de Abril de 2011 - 10h:22m

O diretor do Núcleo de Ensino da Ponta do Abunã – NEPA/SEMED, Professor Marqueline Santana, esteve reunido nesta segunda-feira no Consulado Brasileiro de Puerto Evo Morales/Bolívia com a Diplomata Brasileira da Embaixada Brasileira de La Paz Ana Maria de Salinas para falar sobre o andamento do reassentamento de seringueiros Brasileiros do rio mamu/ Departamento de Pando/ Bolívia que serão reassentados no Brasil. Segundo Ana Salinas apenas uma família Brasileira foi reassentada e a perspectiva é que o reassentamento seja retomado pelo INCRA a partir do mês de maio deste ano.

O Professor Marqueline acompanha as negociações Diplomáticas que envolvem os Seringueiros Brasileiros do rio mamu a mais de cinco anos, desde quando se iniciaram os primeiros conflitos entre extrativistas Brasileiros e Zafreros Bolivianos do Rio mamu. O rio mamu, manu ou mapiri está localizado na Província Federico Román, Departamento de Pando, Bolívia e em consequência do cumprimento à constituição Boliviana que não permite a permanência de estrangeiros na franja de 50 km da área de fronteira, os Brasileiros tiveram que optar, ou pela permanência na Bolívia de acordo com o que determina as leis Bolivianas (reassentamento feito pela OIM – Organização Internacional para Migrações) ou serem repatriados para o País de origem. Os seringueiros Brasileiros escolheram a última opção: serem reassentados no Brasil, mas infelizmente a morosidade com que o INCRA está conduzindo o processo já está deixando os nossos seringueiros desesperados e desacreditados do Governo Brasileiro que não procura acelerar o tão almejado reassentamento prometido pelo Governo Federal.

Os nacionais Brasileiros do mamu estão vivendo como podem no Brasil e depois de terem deixado uma vida de muita extração de seringa e castanha, de muita caça e pesca, e de um roçado bastante diversificado, eles agora estão amargando o desprezo da própria pátria, vivendo uma vida de muita humilhação e sofrimento, tendo que se adaptar como podem a outras fontes de renda para poderem sobreviver. “É humilhante a nossa situação, estou doente e vou morrer á míngua, e ainda não sei por que estou vivo”, disse o seringueiro Luis Piedade á nossa reportagem e que há tempos vem pedindo ajuda do Governo Brasileiro e ninguém lhe presta socorro. Luis nasceu no seringal Lorena na Bolívia, mas foi registrado no Município de Plácido de Castro, Estado do Acre. Quando tinha apenas 08 anos de idade seu pai o levou para o seringal cachoeirinha no rio mamu. Lá construiu família e viveu por toda vida, até que Zafreros Bolivianos o expulsaram do seringal.

De volta ao Brasil realizou seu cadastro em Extrema no Consulado itinerante de Cobija e da Embaixada Brasileira de La Paz, juntamente com o INCRA que foi enviado pelo Governo Federal para acompanhar de perto a situação em que se encontravam os Nacionais Brasileiros. Luis não entende porque apenas uma família do rio mamu foi reassentada, enquanto mais de 50 famílias estão esperando desde novembro de 2009 quando fez o seu cadastramento. Em janeiro deste ano Luis foi levado ás pressas para o pronto socorro de Rio Branco no Estado do Acre, e muito doente teve que amputar sua perna. “A minha situação é muito difícil, não tenho terra e não tenho o que comer, e espero que a Presidente Dilma escute o meu lamento”, disse o seringueiro Luis.

Seringueiro Luis Lino, conhecido por Luis piedade, com esposa e filhos

Algumas famílias disseram que não vão sair enquanto não tiverem suas terras garantidas no Brasil, a exemplo do seringueiro Heraclito Nascimento que vive às margens do rio Abunã com seus cinco filhos no seringal cotovelo na região Pandina Boliviana. “Não vou fazer como os outros seringueiros do rio mamu, saíram e agora estão abandonados lá no Brasil”, disse o seringueiro Heraclito,



conhecido por caboclo. Os seringueiros prometem fazer um grande protesto em Extrema, caso o reassentamento não saia até o mês de maio. A situação é considerada grave e pode se agravar ainda mais, caso o Itamaraty não intervenha na questão e proponha uma solução imediata para resolução do problema.

Seringueiro Heraclito Nascimento, a esposa Eva e seus 05 filhos

O Vice – Consulado de Puerto Evo Morales, o Consulado de Cobija e a Embaixada Brasileira de La Paz já fizeram toda parte

documental, e agora dependem da aceleração deste processo de reassentamento por parte do INCRA. O consulado de Puerto Evo Morales foi inaugurado em primeiro de outubro de 2009 e estão prestando relevantes serviços aos Nacionais Brasileiros que residem na Bolívia. O atendimento está sendo feito pelo Consulado Sazonal através de equipes que se revezam no atendimento aos nacionais Brasileiros, dentre eles o vice-cônsul Clóvis Ciarlini e Pedro Maciel do Ministério das Relações Exteriores, e Beymar Duchén, Cláudia Bruckver e Ana Maria Salinas da Embaixada Brasileira de La Paz. “ O que estamos querendo é que o INCRA finalmente resolva esta situação, pois os nossos seringueiros já estão cansados de esperar”, finalizou o Professor Marquelino Santana, idealizador do Projeto Ética e Cidadania e Diretor do Núcleo de Ensino da Ponta do Abunã – NEPA.



Fonte: Paulo Andreoli - (É permitida a reprodução desta matéria desde que citada a fonte.)



EXCLUSIVO - Brasileiros expulsos por "paramilitares" bolivianos pedem assentamento no Brasil

27 de Outubro de 2009 - 10h:10m



Grupos paramilitares bolivianos expulsaram seringueiros e coletores de castanha brasileiros que vivem na fronteira oriental da Bolívia com o Brasil no interior da selva amazônica, com o pretexto de estarem realizando uma “reforma agrária”. Uma verdadeira ação terrorista contra os brasileiros, sem que nenhuma providência seja tomada. Essa omissão do governo brasileiro no que diz respeito às arbitrariedades cometidas pelo país vizinho já se tornou rotina.

Só para lembrar, a Bolívia expropriou as instalações da Petrobras em solo boliviano, o Brasil perdoou a dívida externa dos “hermanos” e ainda temos a vergonhosa receptação oficial de veículos furtados em terras brasileiras, incluindo autoridades judiciais daquele país. Como se não bastasse, os bolivianos ainda intimidam e expulsam brasileiros na ponta de facão e mira de revólver.

Em Vila de Extrema, distrito de Porto Velho situado a 360 km da capital, cerca de 30 destes brasileiros expulsos há cerca de dois anos da vizinha Bolívia pedem a intermediação do Governo Federal para assentamento no Brasil através do Incra – Instituto de Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

Há três anos o Professor Francisco Marquelino Santana é líder do projeto Ecocidadania de uma escola estadual no distrito e defende os brasileiros expulsos, intermediando uma solução pacífica para o conflito. Marquelino defende a permanência dos brasileiros na região do Rio Mamu por motivos históricos e culturais ou um reassentamento no Brasil ([Veja vídeo depoimento](#))

Numa reunião realizada na quinta-feira (15) em Extrema, os "homens da floresta" relataram todo o drama sofrido na época. É o caso de Roberval Francelino Pereira da Silva, 57 anos, desde os nove anos de idade trabalhando no seringal Providencia na Bolívia, que acusa Iver Manguayo e Penarãda líderes dos “Sem Terra”

bolivianos de pressionar e liderar grupo armado ([Veja vídeo depoimento](#)). O acusado Iver estaria “trabalhando” em São Paulo (SP), onde residem familiares, possivelmente infiltrado na região da capital paulista que abriga imigrantes bolivianos que trabalham no segmento têxtil.

Leonardo Piedade Fragoso, 71 anos, desde os 26 anos morando na Bolívia relata ameaça de morte há dois anos, quando foi expulso de sua casa na região. Afirmo já ter voltado a sua “colocação”, que se encontra “calma” por se encontrar em período de entressafra da castanha, período em que poucos brasileiros praticam o extrativismo no departamento do Pando ([veja vídeo depoimento](#)). Outro seringueiro, Luis Lino Nazareno relata um encontro entre autoridades dos dois países, que terminou com os brasileiros sendo acusados de mentirosos em relação às denúncias de agressão e intimidação por parte dos bolivianos. ([Veja vídeo depoimento](#))

Francisco das Chagas afirma que foi proibido de navegar no rio Mamu, com a colocação de corda atravessando o Rio, além de ter ficado separado da família por três dias. Também acusa agitador “oficial” de ser responsável por intimidação e apropriação de produção da safra ([Veja vídeo depoimento](#)).

Francisca Sampaio de Souza, também expulsa de território boliviano pela milícia armada ([Veja Vídeo depoimento](#)) diz ter sofrido humilhações por parte de grupo “Sem terras” bolivianos. A mulher também disse que atualmente, mesmo morando no Brasil, tem que suportar a “ironia e brincadeiras” por parte de bolivianos ([veja vídeo de bolivianos na beira do Rio Abunã](#)) que aportam nas proximidades de sua casa, a beira do Rio Abunã. “Eles passam por aqui rindo da cara da gente”.

REFORMA BOLIVIANA

Em 2006 a Bolívia deu início a um plano de reforma agrária, pelo qual não mais permitiria a presença de brasileiros e outros estrangeiros na sua faixa de terras de fronteira. A medida responde ao novo texto constitucional boliviano, segundo o qual nenhum estrangeiro pode adquirir ou ter propriedades em território nacional sob usufruto numa faixa de 50 quilômetros a partir das zonas fronteiriças.

Em 2008, oriundos de Riberalta (Beni) e liderados pelo agitador social Iver Manguayo Amutary, cerca de 200 bolivianos, chamados “Zafreros” (extrativistas de Castanha e Seringa), divididos em grupos de 30 a 50 pessoas, entraram na região da província Federico Román, onde os brasileiros trabalhavam, tomando suas casas, pertences e roças com o uso de intimidação armada. ([veja vídeo de reunião preparatória](#))

No início de agosto deste ano, na província de Santa Rosa do Abuná (Pando), o ministro da presidência Juan Ramón Quintana fez um pronunciamento na cerimônia de instalação dos primeiros assentamentos comunitários, onde afirmou que o principal objetivo do Governo daquele país é consolidar a soberania boliviana na região, considerada a mais pobre e desprotegida do país. ([veja vídeo do ministro boliviano](#))

Quintana disse que esta omissão em relação a Amazônia boliviana já possui 184 anos, lembrando que após a guerra do Acre, quando perderam 490 mil km² para o Brasil, uma invasão silenciosa deu início, com a presença de brasileiros explorando as riquezas da selva na região de fronteira. Finalizando seu discurso, com uma bandeira com a esfinge de Che Guevara ao fundo, bradou que “nenhum centímetro quadrado do território será ocupado ou explorado por estrangeiros e empresários inescrupulosos”.

O dia 15 de dezembro é a data limite imposta pelo Governo Boliviano para que os brasileiros remanescentes na região, deixem o país, sem nenhum tipo de indenização.

BRASIL X OIM

Em Brasília, no dia 14 de Outubro de 2008, com a presença do embaixador brasileiro Samuel Pinheiro Guimarães, Ministro de Estado das Relações Exteriores interino na época, do vice ministro de terras boliviano Luis Alejandro Abel Almaraz Ossio e do representante da OIM - Organização Internacional para as Migrações, Eugenio Ambrósio do escritório regional para o cone sul foi assinado um convênio de mais de 10 milhões de

dólares para a concepção e desenvolvimento de projetos destinados à ocupação econômica de cidadãos brasileiros que devam retirar-se de terras ocupadas na faixa de fronteira entre a Província de Abunã, do Departamento de Pando, na Bolívia, e o Estado de Acre, no Brasil. A retirada é por força de implantação de normas legais do Governo da Bolívia para sua região de fronteira

Passado mais de um ano, os brasileiros da região vivem a expectativa de expulsão da Bolívia na data limite de 15 de dezembro e reclamam que não contam com nenhum projeto de reassentamento no Brasil ou Bolívia. Na época do convênio, levantamentos sócio-econômicos realizados pelo Governo Boliviano registraram a existência na zona de fronteira do Departamento de Pando de 243 famílias exclusivamente brasileiras. Pesou no acordo financeiro o teor da Nota da Embaixada da Bolívia em Brasília nº MRE/108/08, de 29 de maio de 2008, que confirmava “proposta para solucionar o problema de famílias brasileiras assentadas dentro dos 50 quilômetros da fronteira no Departamento do Pando”;

A Organização Internacional para as Migrações (OIM), entidade que recebeu o recurso milionário do Brasil é um organismo internacional que apóia o desenvolvimento sócio-econômico por meio das migrações, promove a cooperação internacional em temas migratórios e ajuda a encontrar soluções práticas aos crescentes desafios migratórios;

O recurso federal foi repassado através do Programa Latino-americano de Cooperação Técnica em Migrações – PLACMI sendo transferidos exatos US\$ 10.256.410,25 (dez milhões, duzentos e cinquenta e seis mil, quatrocentos e dez dólares norteamericanos e vinte e cinco centimos).

O projeto da OIM contemplaria modalidades diversas tais como unidades produtivas, “agrovilas” e sistemas agropecuários com moradias, infraestrutura básica e capacidade de produção em áreas designadas pelo Governo boliviano no Departamento do Pando.

Uma reunião de consulta foi realizada na região com a participação dos extrativistas brasileiros que residem na região do Rio Mamu entre outras para saberem sobre o interesse de se transferirem para outras regiões da Bolívia. A resposta foi não. Por questões históricas e culturais os brasileiros disseram que gostariam de ficar na região da província de Federico Román, onde já estavam instalados há pelo menos 50 anos.

Sem a opção de se manterem na região, a maioria dos extrativistas brasileiros já retornaram ao Brasil e pedem que seja feito um reassentamento em terras rondonienses ou acreanas.

HUMANITÁRIOS

No convênio bi-nacional, Bolívia e Brasil acordaram em discutir formas de solução humanitária com respeito às que não optassem pela transferência, de maneira que se garantisse o abandono das terras que, segundo a Constituição Política do Estado da Bolívia, não podem ser ocupadas por estrangeiros.

No cronograma de ações aprovado por ambos os governos na época ficou estabelecido o mês de novembro de 2009 como limite para finalização do projeto. Saldo remanescente de recursos financeiros devem ser devolvidos ao governo brasileiro segundo contrato de convênio assinado pela OIM.

“O Governo podia usar este dinheiro para dar uma solução no assentamento dos Brasileiros expulsos da Bolívia aqui na região de Abunã. Praticamente, o Brasil bancou expulsão dos extrativistas. Quero saber quem bancou a humilhação e violência praticados pelos reformistas bolivianos” diz o professor Marquelino Santana. “Com esta fortuna, assentava todas as famílias no Brasil” finaliza o líder do projeto Eco-cidadania.

CONFIRA ABAIXO ANEXO DOCUMENTO OFICIAL DE CONVÊNIO BINACIONAL

Fonte: Rondoniaovivo / Vídeos Paulo Andreoli - Foto capa ilustrativa - (É permitida a reprodução desta matéria desde que citada a fonte.)

FICHA CATALOGRÁFICA
BIBLIOTECA PROF. ROBERTO DUARTE PIRES

Assunção, Sandra Teixeira de.

A851d

Do passado ao presente: a resiliência do seringueiro em
Extrema/RO. / Sandra Teixeira de Assunção. Porto Velho,
Rondônia, 2012.

156f.: il.

Dissertação (Mestrado em Geografia) – Núcleo de Ciências
Exatas e da Terra (NCET), Programa de Pós-Graduação Mestrado
em Geografia, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto
Velho, Rondônia, 2012.

Bibliotecária Responsável: Eliane Gemaque / CRB 11-549